

**UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ANA MARTHA DE OLIVEIRA RESENDE**

**FILOSOFIA PERSONALISTA DE MOUNIER:  
PROPOSTA EDUCATIVA PARA A SUPERAÇÃO DA EDUCAÇÃO  
QUE COISIFICA A PESSOA**

BLUMENAU

**2008**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**ANA MARTHA DE OLIVEIRA RESENDE**

**FILOSOFIA PERSONALISTA DE MOUNIER:  
PROPOSTA EDUCATIVA PARA A SUPERAÇÃO DA EDUCAÇÃO  
QUE COISIFICA A PESSOA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, da Universidade Regional de Blumenau – FURB.

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim

**BLUMENAU  
2008**

ANA MARTHA DE OLIVEIRA RESENDE

**FILOSOFIA PERSONALISTA DE MOUNIER:  
PROPOSTA EDUCATIVA PARA A SUPERAÇÃO DA EDUCAÇÃO QUE  
COISIFICA A PESSOA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no PPGE/ME - Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação na Universidade Regional de Blumenau - FURB, pela comissão formada pelos professores:



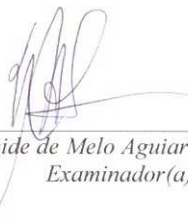
---

*Prof(a). Dr(a). Ernesto Jacob Keim – FURB  
Orientador(a)*



---

*Prof(a). Dr(a). Antônio Joaquim Severino – USP  
Examinador(a)*



---

*Prof(a). Dr(a). Neide de Melo Aguiar e Silva – FURB  
Examinador(a)*

Blumenau, 31 de outubro de 2008.

## AGRADECIMENTOS

Ao querido e saudoso Padre Celso Carvalho, de Diamantina pela influência inevitável em meu pensamento político-ideológico, a quem devo a descoberta de *Mounier*;

À minha mãe, que sempre teve orgulho em apresentar uma filha graduada, num período em que somente eu concluíra a universidade. Não posso deixar de reconhecer de que ela exagerava ao falar dos meus potenciais, mas sempre me incentivava.

Ao meu irmão, Wladimir, meu companheiro eterno;

Ao meu filho, Felipe, que desafiou minha paciência inquebrantável e a quem eu quis ser sempre o exemplo;

À minha filha Priscila, quem primeiro me fez enxergar que eu havia alcançado maior maturidade intelectual nessa nova fase de desenvolvimento;

Ao Bispo Romualdo K. que sempre me incentivou, sendo o primeiro a me fazer acreditar que esse projeto era possível;

Aos meus colegas de curso, intelectuais, que me oportunizaram um amadurecer crítico e compartilharam comigo as mesmas convicções e ideais;

Aos amigos com quem compartilhei a elaboração desse trabalho: A Creuza por seu acolhimento em sua casa aos sábados, acompanhados de uma deliciosa Feijoada;

Ao meu orientador, mestre e amigo Professor Ernest Jacob com quem pude compartilhar diversas experiências e que contribuiu diretamente para a realização desta dissertação; com quem pude ter importantes discussões e que, mesmo não concordando com todas as minhas interpretações, me deu toda a liberdade para criar e, naturalmente, arriscar;

Aos meus professores, Dr. Adolfo Ramos Lamar, Dra. Neide de Melo Aguiar e Silva por todo o apoio e acompanhamento ao meu trabalho;

A todos os mestres e funcionários da FURB com os quais pude aprender e pela colaboração deste trabalho;

Ao professor Dr. Antônio Joaquim Severino pela participação na banca de defesa e sua generosidade; pelas críticas, elogios e apontamentos sobre este trabalho durante a banca de defesa;

A todos os meus mestres que fizeram e fazem parte da minha história e que contribuíram de alguma forma para este trabalho e para a minha formação, em especial aos P. Prof. Dr. Giuseppe Busiello OP e P. Prof. Dr. Rodolfo García Vargas OP da Universitá San Tommaso D´aquino, que me auxiliaram a chegar até esse momento;

A todos e a cada um dos que foram meus alunos e alunas por tudo que possibilitaram aprender até aqui.

Ao amado esposo Vinicius pela participação e compreensão.

Finalmente Deus pela benção da vida. Obrigada Senhor, Obrigada!

## RESUMO

A educação tem se destacado atualmente como elemento-chave no processo de globalização, cuja defesa se orienta pela formação de recursos humanos flexíveis, produtivos, competitivos e adequados às demandas do mercado. A consequência imediata dessa lógica é a utilização da educação como aparelho ideológico, o que favorece a ideologia da acumulação, cujo caráter reducionista, produz pessoas individualistas, estáticas e coisificadas. Considerando que essa educação favorece a cultura do Ter em detrimento do Ser e produz indivíduos passivos, também inibe a criatividade e a capacidade de crítica. Portanto, torna-se necessário a construção de um projeto educacional que favoreça o desenvolvimento individual e social e aponte para a superação do individualismo. Paradoxalmente à perspectiva da educação vigente tem-se no personalismo de *Emmanuel Mounier*, uma estratégia alternativa para a superação dos problemas educacionais gerados e acentuados na sociedade a serviço do capital. O objetivo do presente estudo é identificar de que forma a filosofia personalista pode contribuir para uma educação que promova a pessoa e supere a cultura individualista, propagada pela lógica mercantil. Foi desenvolvido durante o Curso de Pós-graduação oferecido pelo Programa de Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau e integra às pesquisas do Grupo de Pesquisa Filosofia e Educação – EDUCOGITANS. Quanto aos aspectos metodológicos, utiliza-se da revisão bibliográfica, apoiada na pesquisa de natureza qualitativa, de caráter interpretativo, crítico-analítico e do processo dialético. A pesquisa bibliográfica se estruturou principalmente nas obras de *Emmanuel Mounier*: “O Personalismo” e “Manifesto a serviço do personalismo comunitário”. As investigações acerca do ideal personalista apontam para a consolidação de atitudes de superação, que promovam a consciência das forças e poderes que atuam sobre as pessoas, motivando-as a desenvolver ações de valorização da vida e de interação com todos os agentes constituintes da antroposfera. Trata-se de uma proposta operacional, capaz de colocar em prática uma possível educação para a libertação e a autonomia da pessoa.

**Palavras-Chave:** Personalismo. Pessoa. Educação. Individualismo. Superação.

## ABSTRACT

The education has lately showed itself as the key element in the globalization process, which defense is orientated by the edification of a flexible, productive,

competitive and adequate to the markets demand human resources. The immediate consequence of this logic is the utilization of the education as an ideological apparatus, that favors the ideology of accumulation, which reducible character produces individualistic people, stagnant and turned into “things”. Considering that this education favors the culture of the possession (“to have”) in place of the living being culture (“to be”) and is responsible to produce passive individuals, this custom also inhibits the creativity and the critical capacity. Consequently, it is necessary to build an educational project which favors the individual and social development and also points to improve on the individualism. On the contrary of the current educational perception, in the “Personalism” of *Emmanuel Mounier*, there is an alternative transcending the educational problems generated and accentuated in the society, which is a server of the capital. The goal of the present study is to identify how the “Personalism” philosophy may contribute to an education that promotes the person and *Emmanuel Mounier* overcome the individual culture, spread by the mercantile logic. It was developed during the postgraduate course offered per the Master Education Program of the Blumenau Regional University and integrates itself into the researches of the Education and Philosophy Research Group – EDUCOGITANS. Regarding the methodologists’ aspects, the bibliographic revision is used, based on the qualitative nature of the research, which character is interpretative, critical-analytic and of the dialectic process. The bibliographic research was based on the *Emmanuel Mounier’s* works: “Le Personalisme” and “Manifeste au service du personalisme”.

**Key Words:** Personalism. Person. Education. Individualism. Improve on.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2 MOUNIER: VIDA, PENSAMENTO E EDUCAÇÃO.....</b>	<b>26</b>
2.1 TEMPO, ESPAÇO E OBRA.....	26
2.2 O PERSONALISMO DE MOUNIER : RAÍZES, DESPERTAR FILOSÓFICO PARA A EDUCAÇÃO.....	36
2.3 A PESSOA E O DESPERTAR PARA A EDUCAÇÃO: OS PRINCÍPIOS BÁSICOS E ESSENCIAIS DO PERSONALISMO.....	42
2.3.1 Categorias filosóficas em referência à pessoa que educa e se educa: estruturas do universo pessoal.....	47
2.4 PRESSUPOSTOS DA FILOSOFIA PERSONALISTA COMO BASE DA EDUCAÇÃO PARA A SUPERAÇÃO E A RECUPERAÇÃO DA PESSOA.....	61
<b>3 DILEMAS CONTEMPORÂNEOS: AS IDÉIAS DE MOUNIER E A EDUCAÇÃO.....</b>	<b>67</b>
3.1 O SISTEMA OPRESSOR DA PESSOA.....	67
3.2 CONTRA A PESSOA: A DESPERSONALIZAÇÃO DA PESSOA.....	75
3.2.1 A desordem estabelecida e sua continuidade hoje.....	76
3.2.2 O individualismo burguês.....	79
3.3 PRESSUPOSTOS DA FILOSOFIA PERSONALISTA PARA OS DILEMAS CONTEMPORÂNEOS.....	82
<b>4 NEOLIBERALISMO NA EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO PERSONALISTA.....</b>	<b>85</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINALIZADORAS PARA A EDUCAÇÃO PERSONALISTA.....</b>	<b>96</b>
5.1 ASPECTOS DA FILOSOFIA PERSONALISTA QUE FUNDAMENTAM UMA EDUCAÇÃO PARA A SUPERAÇÃO DA EDUCAÇÃO VOLTADA PARA OS INTERESSES ECONÔMICOS.....	103
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>108</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>111</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A atuação docente da cadeira de Filosofia I, II, Ética, Antropologia e Cultura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do estado de Minas Gerais foi o elemento gerador da aproximação do pesquisador com o estudo da filosofia e a história das idéias.

Entretanto, foi após um período de estudo na Europa e uma dissertação de mestrado sem convalidação e reconhecimento no Brasil, que influenciou para o ingresso em um programa de mestrado, em busca de um título válido para as instituições acadêmicas brasileiras. Dessa forma, se iniciou uma nova caminhada na Universidade Regional de Blumenau – FURB, no Programa de Mestrado em Educação.

A experiência adquirida nesses dois ambientes acadêmicos possibilitou pensar nas possibilidades e limites da educação no Brasil. Mas, foi durante o primeiro semestre do Curso na FURB, que após o convite para um relato de experiência na condição de educadora e educanda, que fez crescer a vontade de transformar aquela apresentação em um documento acadêmico.

Uma das dificuldades encontradas no decorrer dessa trajetória foi à percepção de certo distanciamento de alguns mestrandos pela abordagem filosófica que se propunha a realizar. O entendimento era de que a filosofia deveria ser tratada só por especialistas, mantida e guardada numa torre institucional, protegida da banalização e da massificação.

Apesar das limitações apontadas, não foi difícil compreender que não é possível prosperar na academia sem o suporte e estofo filosófico. Além disso, essa situação revelou uma possibilidade singular de aproximação da filosofia de uma práxis potencial, pois conforme evidencia Severino (2008, p. 01),

A importância da filosofia nas etapas de formação, particularmente de crianças e adolescentes é vista, em muitos ambientes, sob forte ceticismo. No meu entendimento, estamos diante de um grave equívoco, pois, na verdade, a formação filosófica, em qualquer estágio escolar, é uma presença fundamental e tem muito a ver com o futuro de nossa sociedade e de nossa cultura. E, com tal demanda, um cuidadoso investimento na sua discussão, bem como na reivindicação de políticas educacionais sensíveis a essa relevância se impõe.

Seria razoável, em tempos de alienação e pessimismo que houvesse certa revolta pela falta de perspectiva, o que geraria apatia ou ceticismo, sem nenhuma esperança política. Porém, a aproximação com a educação foi fundamental orientando essa intervenção, que expressa a realização de um desejo interminável de que a ação política, na perspectiva dos valores humanistas pode fazer a diferença. Nesse viés, é importante destacar que a educação está inserida no mundo real, portanto, encontra-se ao alcance do homem real. Que a inserção da pessoa como ser consciente é necessária e urgente e depende de seu engajamento em processos, que resultarão em sua autonomia e também na autonomia e emancipação da pessoa planetária.

De acordo com *Mounier* citado por Tripicchio (2008), muito se fala de engajamento nos dias atuais e isso ocorre justamente pela falta desse engajamento, ou seja, os indivíduos iniciam uma peregrinação exatamente pela existência e ação, quando não se sentem mais existindo e/ou quando falham suas potencialidades de ação. Em suas argumentações, afirma que uma filosofia da esperança forma, incontestavelmente, mais homens de ação. Entretanto, é bom lembrar, que a ação pela ação aponta para um caminho aberto para o inumano, principalmente quando se nega a existência da natureza humana.

Também e não menos relevante, é o fato de que a prática pedagógica encontra-se sempre articulada com uma determinada pedagogia, que nada mais é do que uma concepção filosófica da educação. Essa concepção, numa compreensão que debata os elementos e que direcione a prática educacional numa relação entre filosofia e vida concreta dentro de uma determinada sociedade, não se manifesta como um fim em si mesmo, mas como instrumento de manutenção ou de mudança social. Diante disso, são necessários conceitos para fundamentar e orientar os seus caminhos, uma vez que a sociedade dentro da qual a educação se encontra, possui valores norteadores pela sua prática. Dessa forma, enquanto a educação trabalha com o desenvolvimento das pessoas de uma determinada sociedade, a filosofia é a reflexão crítica sobre o que são, como devem ser e como se desenvolvem essas pessoas e essa sociedade.

Nesse sentido, é possível admitir que filosofia <sup>1</sup> e educação são fenômenos presentes nas sociedades humanas, indiscutivelmente. Uma refere-se às interpretações teóricas, a outra é o instrumento de veiculação dessa interpretação. A filosofia fornece à educação um movimento de debruçar sobre a sociedade, sobre o educador, o educando, e os caminhos que trilham, viabilizando possibilidades para que realizem suas opções. É impossível processar a reflexão pedagógica sem uma correspondência com a reflexão filosófica, pois é a filosofia que fornece a consonância idealizadora da pedagogia, conferindo-lhe a compreensão de valores que poderão orientar para a ação educativa futura.

As observações em sala de aula permitiram perceber a grande influência do mercado no cotidiano acadêmico. Apesar de não se tratar de nenhuma novidade, esse fato foi o elemento responsável pela aproximação com a filosofia enquanto disciplina capaz de orientar na busca de respostas para a indagação de como se dá a relação de consumo na educação. Como deve ser a “formação” do aluno enquanto cidadão e não somente como mero receptáculo de informações?

A experiência enquanto educadora aliada aos argumentos utilizados por *Mounier*, influenciou de forma decisiva a realização desse estudo, tendo em vista que a proposta de educação de *Mounier* se sustenta em um determinado pensamento filosófico sobre a educação, denominado de personalismo.

Todos esses aspectos foram decisivos e resultaram no desejo de desvencilhar a função educadora da função dominadora. De não repetir as palavras de ordem do capital e clarificar a situação da educação que se encontra voltada unicamente para as relações econômicas, utilizadas como instrumento de dominação, numa organização educativa que visa os interesses do capital.

Nesse sentido, buscou-se a aproximação com outras teorias que também pudessem auxiliar a transformar a interdependência real em reciprocidade desejada, o que corresponde à verdadeira tarefa da educação.

Para compreender a crescente complexidade dos fenômenos mundiais, não basta adquirir conhecimentos, sendo necessário aprender a relativizar os fatos e de revelar um sentido crítico perante o fluxo de informações. E, é nesta conjuntura que se manifesta a filosofia personalista, principalmente pelo caráter de pensar a

---

<sup>1</sup> A filosofia tem o papel de recuperar a unidade do saber, de questionar a validade dos métodos e dos critérios adotados, refletindo acerca da educação vigente, além da procura de respostas à finalidade, ao sentido e ao valor da vida e do mundo.

formação da capacidade de julgar, a compreensão dos acontecimentos do mundo por meio da compreensão das relações que ligam o ser humano ao seu ambiente. Isso possibilita ao ser humano a consciência de suas raízes, com a finalidade de dispor de referências, permitindo-o situar-se no mundo.

Ao analisar criticamente o mundo moderno, é possível constatar que o homem é formado e condicionado pelos princípios que regem a sociedade a serviço do capital, numa lógica que utiliza a educação como aparelho ideológico, o que torna o homem um ser estático, imutável, dualista, individualista e coisificado.

A sociedade capitalista da atualidade é caracterizada por uma racionalidade mascarada pelos efeitos ilusórios da liberdade, que se dá pela institucionalização e da concretização de uma razão reduzida a um sentido instrumental. É centralizada no controle técnico da natureza e dos homens, que em nome do crescimento, gera um distanciamento do homem do seu traço originário de proporcionar a emancipação na forma da maioria humana.

O crescimento é o deus oculto das nossas sociedades. Este deus que se esconde é um deus cruel: exige sacrifícios humanos. Hoje pesa sobre nós a mais grave angústia que jamais pesou sobre os homens no curso da história. (GARAUDY, 1978, p. 56).

A aproximação com os problemas educacionais contemporâneos, desencadeou o desejo e a determinação de analisá-los mais profundamente para construir um suporte teórico e uma proposta operacional, capaz de colocar em prática uma possível educação para a libertação e a autonomia da pessoa. Uma proposta que apresente subsídios para uma educação responsável e comprometida com o rompimento da lógica vigente de uma educação voltada para o interesse estabelecido pelo mercado. Uma necessidade de reverter essa lógica de mercado e superar a crença de um determinismo fatalista de que nada poderá ser realizado contra a força da correnteza que tudo arrasta para seu curso.

Analisando o personalismo apresentado por *Emmanuel Mounier* se observa que é uma proposta prospectiva de uma filosofia da educação, que trata de conscientizar os indivíduos a se sentirem coletivamente responsáveis pelo patrimônio da humanidade, numa especial responsabilidade na edificação de um mundo mais solidário, com ações que possibilitem a sociedade atingir a co-responsabilidade.

Diante desses argumentos, é possível apresentar uma proposta para a educação, cuja prática só é possível por meio de uma adequação da teoria personalista à realidade brasileira. Ou seja, de atribuir à teoria contorno próprio da realidade, no sentido de não “europeizar” essa realidade, mas “tropicalizar” a teoria recebida. Conforme Vieira (1998, p. 32)

É preciso que a filosofia da periferia supere a do centro, numa tentativa autêntica e original. Numa urgência de originalidade, de desvencilhar-se do velho em busca do novo, porém sem desprezar toda a cultura universal, isto não significa negar a contribuição da cultura européia para o saber universal. Rejeitar sim, a mistificação de um saber situado como sendo o saber.

Argumentações semelhantes são verificadas em Freire (2001, pp. 49-50), no texto “Relações Norte-Sul”:

A propósito da ideologia do nortear, enquanto centro de poder, o Norte se acostumou a perfilar o Sul. O Norte norteia”. “[...] Uma das tarefas, nestas relações que o sul se imporá, é a de superação da dependência, começar a sulear, deixando assim de ser sempre norteado.

E, também em Dussel (2000, p. 30): “[...] superar o fisiologismo grego, o teologismo medieval e o consciencialismo moderno do centro, para discernir uma antropologia, uma filosofia que tenha como pivô central o homem, como pessoa, como oprimido”.

*Mounier* também apresenta uma preocupação com o homem alienado e coisificado e com a sua libertação. Entretanto, no delineamento do perfil do homem do século passado e o da atualidade, observa-se que ambos também são dependentes e oprimidos, porém em via de se libertar. Um homem capaz de assumir o papel do sujeito e não só de objeto das transformações do mundo, numa sociedade onde os homens concretos possam trabalhar na possibilidade de libertação de toda forma de dependência. “O despertar de um desejo sempre maior de cada pessoa participar na determinação do seu destino” (GARAUDY, 1978, p. 45).

Assim, interpretar o pensamento mounieriano se faz necessário na esperança de encontrar não à luz para interpretar a realidade brasileira, mas um instrumento que auxilie no engajamento da tarefa de humanização da sociedade.

Conforme evidencia Luckesi (2005, p. 71), “se não escolhermos qual é a nossa filosofia de vida, qual é o sentido que vamos dar à nossa existência, a sociedade na qual vivemos nos dará, nos imporá a sua filosofia. Quem não pensa é pensado por outros”.

Dessa forma, o estudo do personalismo somado a uma série de investigações sobre a educação brasileira, pode ser a única possibilidade para uma práxis educativa que confronte a atual educação geradora de alunos coisificados e que atende somente aos interesses neoliberais.

No delineamento do contexto no qual essa pesquisa se desenrola, foi lançando não somente um olhar para o cotidiano, mas em fragmentos da história descrita por diversos atores, procurando alternativas para re-fazer uma educação voltada para uma sociedade de homens em fase de libertação.

Para isso, se recorreu a obras que tratam da crise da civilização capitalista e do mundo globalizado, onde o homem é tratado como objeto descartável, através de um processo que conduz as pessoas ao individualismo e a insensibilidade, e que atua uma poderosa força de despersonalização. Portanto, um período marcado por grandes desafios.

Esses desafios são tratados por Freire (2001) como difíceis de arrolar, num fim de século, que é também de milênio, tocado e desafiado por guerras mundiais; por guerras locais de caráter mundial; por transformações radicais de natureza social, política, econômica, ideológica e ética; por revoluções na ciência e na tecnologia; pela superação de crenças e de mitos, pelo retorno à dúvida que põe em juízo a certeza demasiado certa da modernidade. Não é tarefa fácil arrolar que nos possa parecer fundamentalmente problemático o fato de mulheres e homens do século a iniciar-se em breve devam responder. É que os desafios deste fim de século se adentram no próximo.

Diante de uma educação que não prepara o indivíduo para participar do jogo do poder, mas para renunciar ao poder; que não educa para mudar as condições sociais, mas para prevenir-se dos males inevitáveis da condição social, têm-se uma sociedade voltada para si, como se fosse estática e distante de sua vocação maior que é a de abertura ao diálogo.

Na busca de propostas que tenham o caráter do compromisso com os desafios desse momento histórico e que possibilitem a articulação dialógica com a ação e o engajamento, novamente se depara com a teoria de *Mounier*. Trata-se de

uma teoria que revela a urgência em edificar a necessidade de re-fazer um mundo e uma humanidade diferente mediante uma “revolução” que forme uma nova visão de pessoa e de comunidade.

O estudo da filosofia personalista revela a força das verdadeiras relações entre as pessoas para a soma de esforços, no sentido de reinvenção das gentes e do mundo. O pensador Francês personalista se dispôs a pensar o homem em sua liberdade, em sua existência como um todo: corpo e alma, no homem que almeja a libertação em sua totalidade, num processo de superação que inicia e termina com e na educação.

As idéias apresentadas pelo personalismo mounieriano fornecem um entendimento pouco ou em nada questionável a respeito da crise atual, especialmente quando se trata de valores humanos e sociais. Valores que uma vez tomados como aspirações deverão ser buscados e realizados, conforme sugerido por J.P.Mayer, citado por Aranha e Martins (1992, p.15)

A Sociedade de consumo [...], deveria constituir objeto de cuidadoso estudo para a geração mais jovem, que tomou provavelmente como tarefa a destruição do mundo monstruoso. Se é que não obscuro, da abundância dos objetos, com tanta energia e força apoiado pelos mass media e, sobretudo, pela televisão; mundo que a todos nos ameaça. (ARANHA e MARTINS, 1992, p.15).

Diante das argumentações até aqui apresentadas, o pressuposto teórico que orienta esta pesquisa está alicerçado na seguinte indagação: Qual a contribuição da filosofia personalista proposta por *Emmanuel Mounier* para referenciar uma possível educação que contemple uma sociedade de homens com identidade e postura comunitária, que confronte o individualismo<sup>2</sup> e a coisificação, frente à reciprocidade a serviço da vida no contexto de um mundo pluralista?

Essa preocupação e interesse se justificam não apenas por se conteúdo ideológico, mas também devido à educação vigente aplicada, que não parece compatível com o projeto de uma educação que favoreça o desenvolvimento individual e social, nem tampouco com uma filosofia educacional comprometida com a realidade brasileira. Até então, a educação tem sido campo particular da ideologia da acumulação, que se utiliza de métodos pedagógicos de caráter alienante, inibindo a criatividade e impedindo a capacidade de crítica.

---

<sup>2</sup> O projeto individualista criado pela lógica de mercado transformou o cidadão numa marionete cujos fios são puxados pelo capitalismo.



Diante desse problema, o presente estudo apresenta como objetivo geral: identificar de que forma a filosofia personalista pode contribuir para uma educação que promova a pessoa e supere a cultura individualista, propagada pela lógica mercantil.

. E, os seguintes objetivos específicos:

➤ Descrever a filosofia personalista de *Mounier*, como possibilidade de superação e de libertação, e conseqüentemente, de autonomia, num comprometimento com a pessoa;

➤ Apontar indicadores que norteiem uma educação que contemple o afrontamento a superação da educação vigente;

Como pode ser verificado, esse trabalho pretende denunciar a educação utilizada como instrumento de dominação e de manutenção do *status quo*, e ao mesmo tempo, possibilitar um novo caminhar para uma educação, que possa restituir ao homem seu estatuto de *persona*. Para tal empreendimento, procura-se responder as seguintes formulações, já realizadas por Freire:

➤ Que dimensão de libertação pode existir em práticas que inibem a criatividade e conduzem o educando as repetições “burocratizadas” dos discursos dos mestres?

➤ Como falar em criatividade, se proíbe o educando a correr risco da aventura de criar?

➤ Como conciliar o ato autenticamente cognoscente com os chamados controles que são antes o controle das pessoas? Controles que se faz em nome, da necessidade de que os educandos estudem!

➤ “Que rol poderá ter essa educação no sentido de cambio se, produto de uma cultura de dominação estimula e possibilita a introjeção da dominação, em vez de, problematizar a própria cultura de que é produto”.

Diante do exposto se apresentará uma proposta de educação que em primeiro lugar afronte, e em segundo lugar possa superar os paradigmas da educação que submetem os seres humanos à condição de meros expectadores, engajando-os para a mudança. A intenção é que o encontro com essa proposta educativa venha viabilizar o crescimento humano e espiritual de uma comunidade educativa, nas dimensões da pessoa, fundamentada na reciprocidade e no amor, com correspondência aos ideais apontados por *Mounier*.

Entre os vários aspectos da obra de *Mounier* encontra-se o pensamento personalista e comunitário, o diálogo com o marxismo, a pedagogia personalista, a filosofia da práxis e a filosofia do engajamento. Entretanto, é importante ressaltar que o aspecto pedagógico mounieriano parece ter sido negligenciado, pois não foi suficiente e sistematicamente estudado, sendo inclusive, estimulador, o que já é suficiente para justificar a realização desse estudo. Trata-se de uma possibilidade real, ao preencher essa lacuna, cuja finalidade encontra-se centrada na promoção da libertação e da criatividade da pessoa.

Outro aspecto relevante observado na obra de *Mounier* é que não se trata necessariamente de um sistema filosófico, constituindo uma autêntica mensagem, que indica uma filosofia e identifica a crise do homem.

Essa tarefa limita-se a uma análise dos pontos fundamentais da pedagogia personalista mounieriana, com base da história, pois conforme apontado por Bloom (1996, p. 16): “Nada que se escreve é inteiramente inédito, mas produto de leituras subjetivas, feitas a partir de outros autores: ‘cada poema é um ato de leitura, e o significado de um poema é outro poema’”.

De acordo Fernández (1990, p. 68) “[...] tudo já foi escrito, tudo já foi dito, tudo já foi feito; eis os que Deus ouviu”. “E ele ainda não criara o mundo, nem nada existe ainda”. “[...] Não há empréstimo sem uma interpretação subjetiva do que foi emprestado”.

A expectativa pessoal em relação à proposta de *Mounier* encontra respaldo em Freire (2001, p. 60)

Acho que a questão fundamental que representa a ansiedade de muitos educadores, não apenas quanto à minha obra, mas quanto à de outros pensadores, é que muitíssimos educadores e educadoras esperam dos pensadores, é que iremos fornecer técnicas para salvar o mundo. Deve-se ser uma pessoa sobre-humana para ser capaz de prover a resposta pedagógica correta para todos os contextos. Minhas convicções filosóficas é um profundo respeito pela autonomia total do educador e da educadora.

De acordo com o exposto, esse trabalho reflete o interesse pelas idéias e o pensamento de *Emmanuel Mounier*, sem aceitar passivamente suas propostas, evitando transformá-las em dogmas e utilizá-las de modo artificial, como meio para resolver o problema técnico pedagógico, como um turista mounieriano. Porém, atenta para o perigo de tornar um fundamentalista mounieriano, e conseqüentemente, tornar o mundo fixo, eliminando a ocasião de a história ser uma

possibilidade. Isso se dá pelo fato de a proposta de *Mounier* ser exatamente o oposto disto, pois

A história é sempre uma possibilidade e não fixada, o educador deve estar sempre em mudança, continuamente reinventando-me e reinventando, o que significa ser democrático em ser próprio contexto específico cultural e histórico. (MOUNIER, 1964, p. 299).

Deve-se lembrar que o pensamento de *Mounier*, ainda que tenha se passado quase sessenta anos de sua morte, se apresenta atual na compreensão da realidade brasileira, que é formada por uma complexidade de culturas e valores e desigualdades sociais marcantes.

Conforme considera Freire (2001, p. 61):

Compreender a história como possibilidade. Eu luto e combato pelo respeito às pessoas que procedem do ponto de vista de ver a história como uma possibilidade que poderia também deixar de ser uma possibilidade. Por esta única razão, o educador que aceita minhas idéias e, então, amanhã encontrar dificuldades em que seus alunos assumam respeitos por si mesmos, não deve dizer que Freire estava errado. Simplesmente não foi possível vivenciar verdadeiramente o necessário respeito no contexto particular.

Esse trabalho será realizado por meio da revisão bibliográfica, utilizada para promover o confronto com a realidade <sup>3</sup>. A pesquisa também se apóia na metodologia de pesquisa de natureza qualitativa, de caráter interpretativo, crítico-analítico e adoção do processo dialético, que possibilita a passagem de determinada posição para outra, na perspectiva da superação de determinados argumentos. A pesquisa bibliográfica se estrutura principalmente nas seguintes obras de *Emmanuel Mounier*: “O Personalismo” e “Manifesto a serviço do personalismo comunitário” <sup>4</sup>.

O direcionamento metodológico se organiza com base na perspectiva de que a pesquisa qualitativa, não se reserva apenas aos que possuem talentos especiais, ou àqueles que tenham sido iniciados em formas especiais de antropologia cultural. A pesquisa qualitativa e suas implicações são

---

<sup>3</sup> Mounier não poderia dar receitas que resultariam em prover um tipo de certeza, por isso precisou ser reinventado, recriado segundo as demandas políticas e pedagógicas da realidade brasileira.

<sup>4</sup> Pretende-se não tomar apenas alguns aspectos da obra de Mounier, o que leva ao comprometimento integral, em razão da própria proposta do pensador que não dissociava sua reflexão teórica do posicionamento político fundamentalmente contestador.

reconhecidamente aceitas na área da educação, entretanto “[...] para os leitores que buscam uma série de procedimentos, fórmulas ou regras, este capítulo será uma grande decepção” (EISNER, 1998, p. 169).

Uma das características dos estudos qualitativos está na necessidade de o pesquisador observar o que acontece, mas não necessariamente interagir com o objeto de estudo, mas estar conectado com o presente, onde acontecem os fenômenos a serem interpretados. Considera a importância da sensibilidade e a percepção do pesquisador ao que acontece, para ser capaz de fazer suas interpretações, pois o discernimento e a interpretação do pesquisador são primordiais neste tipo de pesquisa. Uma vez que a pesquisa qualitativa vai além de conferir e observar comportamentos, ela percebe a presença desses comportamentos e interpreta seus significados.

Também, refere-se ao fato de que uma pesquisa qualitativa tem o caráter interpretativo, que vai além do óbvio, “penetra a superfície”. Assim, o pesquisador precisa estar atento e sensível aos comportamentos para interpretá-los. Desta forma os dados não são dados ao pesquisador, mas construídos por ele, pois são mais do que analisados, são interpretados e construídos pelo pesquisador.

Nesse ponto, a pesquisa está alicerçada na voz do pesquisador, uma vez que a empatia entre o leitor e o texto é importante para ampliar o entendimento humano. Rejeita-se assim, a posição de que a emoção deva ser tomada como inimiga do conhecimento.

Em *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*, Freire (2001) defende a característica de assumir a parcialidade e conferir a “sua assinatura” em seu trabalho, ao criticar a forma moderna de se fazer pesquisa:

Métodos rigorosos para a aproximação e apreensão do objeto mitificaram a certeza, antes de qualidade diferente, na ausência da rigorosidade metódica. Foi esta rigorosidade metódica ou sua mitificação, ou também a mitificação da maior exatidão dos achados, na modernidade, que negou a importância dos sentidos, dos desejos, das emoções, da paixão nos procedimentos ou na prática de conhecer. (FREIRE, 2001, p. 159).

Na introdução de *Política e Educação* (1993), Freire ainda alerta para a impossibilidade de se colocar de lado quem se é e o que se traz de experiências prévias nas análises que se faz daquilo que está ao redor.

Não se pode ser esquecida, na análise do que faço, do que penso, do que sinto, do que digo: a experiência social de que participo minha formação, minhas crenças, minha cultura, minha opção política, minha esperança. (FREIRE, 1993, p. 15).

Como se pode observar, para Freire a voz do pesquisador não diminui a rigorosidade do método científico, ao contrário, assume extrema importância para o entendimento que o leitor fará da pesquisa. Ressaltando que por voz se entende além dos sentidos, desejos, paixões, emoções, as opções, as preferências e as escolhas.

Nessa perspectiva, é possível questionar a pesquisa convencional em ciências sociais que utiliza o particular para tecer generalizações, por meio da interferência estatística. Ao transformar dados em números, a característica do particular é perdida. A pesquisa qualitativa valoriza o específico, encara cada situação como única, sem a pretensão de universalizar, de generalizar seus resultados.

A pesquisa qualitativa se torna confiável pela sua coerência, porém precisa ser persuasiva. O pesquisador ao interpretar os eventos, precisa convencer, uma vez que os fatos nunca falam por si só.

Os motivos pelos quais os princípios qualitativos serviram aos propósitos dessa pesquisa, se dão pelos seguintes fatos:

1. A pesquisa qualitativa prioriza a idiosincrasia, a exploração dos pontos fortes e particulares do pesquisador em detrimento à padronização e à uniformidade. O pesquisador investiga a realidade escolar ou da sala de aula em busca do que faz sentido para ele, o que lhe interessa. Conforme mencionei na introdução as observações em sala de aula me motivaram à realização da pesquisa;
2. O pesquisador qualitativo confere sua assinatura ao seu trabalho. A impessoalidade, o distanciamento em nome da rigorosidade científica são abandonados em nome do estilo do pesquisador que escreve em primeira pessoa e assume estar interpretando, construindo suas análises. Ignorar este fato, tentar esconder sob uma pretensa rigorosidade científica tornaria a pesquisa, a meu ver, menos confiável;
3. Não se deve esperar da pesquisa qualitativa a mesma especificidade e finalidade da pesquisa quantitativa. O objetivo do trabalho qualitativo difere

daquele que utiliza ferramentas estatísticas, que busca universalizar ou generalizar seus dados.

Quanto à utilização dos meios tecnológicos, nessa pesquisa se utilizou da informação coligida em sites, em dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação em educação no Brasil, e das pesquisas apresentadas no Grupo de Trabalho Formação de Professores da ANPED.

O exame das pesquisas acadêmicas envolvendo *Emmanuel Mounier* demonstrou o quanto esse autor é pouco estudado, dando a impressão de que seu tempo já passou. Os artigos utilizados por meio da internet encontram-se especificados na bibliografia, e quanto ao levantamento do estado da arte, pode se verificar abaixo, a relação dos autores que trabalharam com as idéias de *Mounier* na comemoração do seu centenário de seu nascimento, período de 2000 a 2007.

Em linhas gerais, o exame das dissertações e teses produzidas no período 2000-07 revelou o quanto o autor é pouco ou quase nada investigado. A análise dos trabalhos publicados nos periódicos nacionais e de trabalhos apresentados no GT Formação de Professores da ANPED, período 2000-2007 permitiu identificar o silêncio quase total em relação ao autor personalista *Emmanuel Mounier* no Brasil <sup>5</sup>.

Entre os maiores representantes do pensamento mounieriano no Brasil destaca-se o Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz <sup>6</sup>, conforme pode se ler no enunciado abaixo.

O personalismo foi, para mim, o primeiro instrumento da leitura do mundo moderno nos seus aspectos políticos e sociais, que nossa formação escolástica desconhecia soberanamente [...]. Considero importante, para mim, essa espécie de batismo personalista nos primeiros passos da minha reflexão social e política, reflexão que, a partir dessas descobertas intelectuais e dessas experiências do imediato após-guerra, não me deixará mais e conhecerá, mais tarde, momentos de exaltação e de amarga decepção. (LIMA VAZ, 1992, p. 276).

Um dos autores que trabalha nessa concepção é o Professor Doutor Antônio Joaquim Severino.

---

<sup>5</sup> O pensamento de origem personalista teve presença no Brasil na década de 50 e início dos anos 60, no entanto, a influência do pensamento de Mounier nos ambientes intelectuais foi breve demais para poder ter fecundado de maneira marcante.

<sup>6</sup> Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica.

O pensamento personalista, tanto em sua dimensão especificamente filosófica como em sua dimensão política, é, de fato, muito atual e, conseqüentemente, de grande relevância, tal a contribuição que pode dar para a compreensão, para a discussão e para reorientação da realidade política contemporânea. O personalismo mounierista não é apenas uma filosofia teoricamente exigente, ele é também uma filosofia da práxis; que demanda um compromisso de reflexão e ação sobre a realidade histórico-social [...]. (SEVERINO, 2005, p. 18).

Cabe destacar também, Paulo Freire e seu pensamento humanista que foi influenciado de diferentes maneiras pelo personalismo de *Emanuel Mounier*.

Outros importantes pensadores também tiveram por base o personalismo de *Mounier*, no Brasil e no mundo: Leda M. de Miranda Huhne, Baldoíno Antônio Andreola, Alceu Amoroso Lima, Cecília Pires, Helena Iracy Junqueira, Guy Coq, Aloísio Ruedell, Alino Lorenzo, Adolfo Arias Munõz, Paul Ricouer, Giuseppe Flores D'Arcais, Francisco de Vitória y Luis de Molina, Jose Luis Cañas Fernández, Attilo Danese, Giulia Paola de Nicola, respectivamente.

As leituras realizadas acerca do personalismo mounieriano nem sempre são fáceis, principalmente no Brasil <sup>7</sup>, onde as idéias de *Mounier* foram mais adotadas pelo caráter religioso do que pedagógico-filosófico. Fato ocorrido, principalmente, devido ao erro de interpretação de alguns conceitos significativos na obra mounieriana, entre eles, a divulgação grosseira do termo revolução. Trata-se de um termo de grande importância para o entendimento das idéias do autor francês, que ao ser alterado o seu significado pelo sistema repressor, modificou-se o entendimento da proposta de organização e das forças de grupos. A alteração do significado deste termo na história contemporânea, resultou na dificuldade de geração de uma cidadania planetária, capaz de favorecer a vida acima dos interesses da sociedade, como propusera *Mounier*.

Diante disso, busca-se resgatar a compreensão dos conceitos mounierianos pela voz do próprio pensador francês ao dizer que “o projeto mounieriano da revolução não tem como objetivo primeiro a que vulgarmente se chama revolução, ou seja, a conquista do poder e a subversão social, mas ao contrário, a reconstrução em profundidade de toda uma época da civilização” (MOUNIER, 1967, p. 737).

---

<sup>7</sup> O personalismo de *Mounier*, sob a falsa acusação de cumplicidade com o Marxismo, no período pós-revolução de 1964, foi banido do universo cultural brasileiro. Mas ainda em 1964, foi colocado na lista das doutrinas subversivas. Seus seguidores foram perseguidos pela repressão política.

Nesse trabalho utiliza-se também a análise dos temas em sua totalidade, a análise da estrutura fundamental da pessoa tentando encontrar caminhos possíveis para o grande impasse: o individualismo exacerbado e o exagero do coletivismo<sup>8</sup>.

Esse estudo é apresentado em cinco capítulos, contando com a introdução. No segundo capítulo se faz uma exposição da vida e do pensamento de *Mounier* e a educação, considerando o tempo e o espaço vivido pelo pensador francês, os sistemas sócio-político-cultural que possibilitaram seu pensamento. Em seqüência, o momento do nascimento do ideário personalista, a evolução de seus escritos e as fontes de seu pensamento. É demonstrada de que forma a reflexão filosófica de *Mounier* parte da pessoa, pois pensamento mounieriano consiste em salvaguardar o valor absoluto de cada pessoa em todas as etapas da vida e em qualquer posição. Apresenta-se também, as possíveis vias de recuperação propostas por *Mounier*, como terreno possível para a implantação da filosofia personalista como base para a educação, trazendo os elementos que configuram o universo personalista. Universo abolido pelo sistema individualista e coletivista. Sistemas que não permitiram ao homem o pleno exercício e a realização de sua vida pessoal. Também são demonstradas as categorias filosóficas em referência à pessoa que educa e se educa. No terceiro capítulo se descreve os dilemas contemporâneos invocados pelo individualismo e a coisificação, confrontando com a filosofia personalista, seguido da despersonalização do homem moderno, numa visão do mundo contemporâneo, considerando a crise gerada pela desordem estabelecida. Crise esta que em lugar de ser negativa, aparece como elemento vivificante, momento oportuno para se repensar o homem. Como abertura de um novo espaço onde a crítica ao sistema se dá e a resistência também.

Importante ressaltar, que ao elaborar sua filosofia, *Mounier* considerou a realidade em toda a sua inteireza e plenitude, distanciando-se de uma concepção eclética e superficial das coisas. Sua filosofia resulta numa síntese orgânica, harmoniosa das parcelas de diversidade. É a questão da responsabilidade social do intelectual e a finalidade social de sua produção, fato já apontado por Paulo Freire, ponto em que ambos os autores convergem.

No quarto capítulo, intitulado de Neoliberalismo na Educação e a Educação Personalista, se faz um breve cenário da contemporaneidade e os problemas

---

<sup>8</sup> Tanto o individualismo quanto coletivismo denunciando não só o capitalismo triunfante, como o socialismo.



educacionais no Brasil, devido à lógica neoliberal que desconsidera os pressupostos calcados na pessoa. Para isso, recorre-se a um diálogo com Paulo Gentili, na obra, *Pedagogia da Exclusão*.

Nas considerações finais, são evidenciados os indicadores que poderão referenciar uma pedagogia apoiada na filosofia personalista de *Mounier*. São apresentados os potenciais educacionais com base nos indicadores destacados na construção teórica dessa pesquisa. Ou seja, viabilizá-los numa vivência concreta com as propostas de *Mounier*, para a libertação e a possível superação da despersonalização. Isso se realiza com a promoção de atitudes críticas e de diálogo com a realidade de homens que se identificam comunitariamente, em contraposição ao individualismo e a coisificação, em direção à construção de uma sociedade a serviço da vida.

O individualismo desenvolvido por *Mounier* é caracterizado pelo isolamento da pessoa, que leva os demais indivíduos a passarem a ser obstáculos e opositores para o desenvolvimento do próprio indivíduo. Assim, o Individualismo se constitui em algo contrário a pessoa, na medida em que nessa situação, a sociedade toma como fim proteger o bem do indivíduo, do perigo representado pelo outro.

Para *Mounier* (1967, p. 85), a vida social, na concepção individualista, se faz pela indiferença e assim a fraternidade humana não é uma presença permanente nas relações humanas. O indivíduo presente na pessoa obstaculiza a comunicação, pois o indivíduo representa a diluição da pessoa na impessoalidade do mundo material. O ser do indivíduo é avarento e dado a se dispersar na matéria. A individualidade se inclina à *propriedade*. A *dispersão* e a *avareza* são duas características da individualidade. Essas características geram *tensão dinâmica* no homem que se manifesta nos movimentos de *concentração*, próprios da pessoa, e de *dispersão* que é marca do indivíduo. A pessoa e o indivíduo como tensões convivem no homem concreto. O aspecto irracional da pessoa é o indivíduo. A pessoa, por sua vez, orienta-se, diferentemente do indivíduo, pelo poder de escolher, por ser generosa. A própria cultura instala máscaras que se acrescentam à face do indivíduo.

O individualismo é um sistema de costumes de sentimentos, de idéias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa. [...] O indivíduo é o ser humano abstrato, sem vínculos nem comunidades naturais, deus supremo no centro duma liberdade sem direção nem medida. O indivíduo sempre pronto a olhar os outros com

desconfiança, cálculo ou reivindicações; instituições reduzidas a assegurar a instalação de todos os egoísmos, ou o seu melhor rendimento pelas associações viradas para o lucro; [...] É a própria antítese do personalismo e o seu mais direto adversário. (MOUNIER, 1967, P. 208).

Observando Freire (2001, p.41), tudo indica que a teoria mounieriana realiza um ato cognoscente.

Daí se imponha a todos quantos nesta atitude estejam ou que a ela se inclinem à delimitação do objeto cognoscível sobre que exerceremos o ato cognoscente. Esta exigência primeira nos coloca a necessidade indeclinável de que o ato, para o qual mais do que nos estamos preparando porque nele já nos sentimos inseridos, não se reduza a um mero passear os olhos descomprometidos, pouco ou ingenuamente curiosos: sobre o que será o objeto de nossa incidência reflexiva. Um passear os olhos acriticamente, como se fosse o objeto de nossa análise algo sobre que apenas devêssemos “blablablear” e que, por isso mesmo, não fosse provocar em nós uma curiosidade penetrante e inquieta. Porque, um ato cognoscente, desde o momento mesmo, em que buscamos a delimitação de seu objeto, o que teremos de realizar é a admiração do que, num momento dado, sendo objeto admirável, se fará o objeto admirado e assim, incidência cognoscível de nossa cognoscibilidade.

A filosofia personalista de *Mounier* foi analisada como ponto de partida para a reconciliação das dimensões básicas e fundamentais do homem que se apresentam como a dimensão personalista e a dimensão comunitária. Nem individualismo desconfiado e agressivo, nem dissolução na coletividade. Nem de reconciliação que não se efetua em uma síntese idealista, mas sim uma provocação, para a conversão e para a ação. Isto explica as causas de a filosofia de *Mounier* não ser unicamente uma filosofia da ação e sim uma filosofia para a ação, uma vez que para *Mounier* o homem é “espírito encarnado” e sua contemplação desemboca em ação e sua ação se condensa em contemplação.

Rever a filosofia personalista é uma tentativa de clarificar os caminhos da ação e um convite ao homem para realizar efetivamente seu destino e compromisso e empenho de transformar uma educação para a qual a busca do ser afronte a cultura do ter. Nesse universo “consumacionário”, “nossa sociedade não é apenas guiada pro uma racionalidade econômica, mas como impulsionada sonambulicamente por uma dialética de necessidades errantes e de forças cegas”. (MORIN, 1968, p. 36).

Com esse estudo, espera-se ter contribuído para o fornecimento de subsídios para a organização de uma educação que responda e/ou oriente o homem

conflitado e desorientado com a situação social, política, econômica e cultural a serviço do capital.

## 2 MOUNIER: VIDA, PENSAMENTO E EDUCAÇÃO

Este capítulo é uma revisitação do itinerário do pensamento e das dimensões da vida de *Mounier*; a afirmação da categoria de pessoa, de comunidade e de diálogo.

O que faz o valor inapreciável de sua filosofia é que ela se confunde com a sua vida interior. Não se organiza em sistema, mas se desenvolve na duração, seguindo uma pista hesitante, sinuosa, mas de direção perseverante. Seu livro mais belo, seu único livro é sua vida: os outros não passam de estacas demarcadoras de etapas. (MOIX, 1968, p. 44).

*Mounier* dedicou toda a sua breve vida a intensa elaboração de uma reflexão filosófica que conciliasse força especulativa e atenção à realidade histórica, mantendo como centro a pessoa humana. D uma rigorosa e radical reflexão acerca da condição da pessoa humana, elaborou um conjunto de idéias denominado personalismo. Uma filosofia de cunho existencial e experiencial.

Assim, para compreender o homem *Mounier* e seu pensamento, é necessário entender o momento histórico em que viveu e a posição filosófica por ele assumida.

### 2.1 TEMPO, ESPAÇO E OBRA.

De índole indecisa, o mais selvagem de gosto, acima de tudo espontâneo e talhado para a contemplação distante do céu e da terra, mais que para empreendimentos e dogmatismos (DOMENACH *et al*, 1969, p. 23).

O pensamento de *Mounier* está profundamente ligado a sua vida. Somente seguindo seus passos será possível descobrir a lógica e os sentidos de suas afirmações. Conforme evidenciado por Rigobello (1978, p. 335), não é possível compreender sua obra sem situá-la na perspectiva de sua experiência pessoal.

[...] Sua produção não é sistemática; sendo sua meditação uma resposta aos acontecimentos, com freqüência tem a fragmentação contingente de uma página de periódico, superada no dia seguinte; a contribuição de seu pensamento algumas vezes é de natureza intuitiva; com freqüência é uma nova proposta para que outros desenvolvam uma perspectiva que seu

pensamento comprometido não tem tempo de aprofundar; [...] representa a continuidade de um testemunho.

Sua obra encara o propósito original de dedicar-se ao estudo da filosofia como conhecimento, visando uma ação transformadora e como disposição de si mesmo a serviço da verdade. Toda sua obra é uma presença aos acontecimentos cruciais do século XX, na busca de respostas aos problemas existenciais.

O caráter histórico-existencial de seu pensamento testemunha a importância que atribui a uma filosofia que está profundamente enraizada na história, com o dever de atenção e de presença no mundo. Seu método e estilo não são os mesmos adotados pelos estudiosos que têm como preocupação, o rigor histórico-filológico. Ele adota um método pessoal ao operar uma releitura crítica. Seu estilo não ocorre pela insensibilidade a esses aspectos, nem tão pouco por considerá-los culturalmente insignificante. Referência a tal método é demonstrada no Tratado do Caráter, em que se realiza um reconhecimento do caráter científico, e também adequado “[...] à nossa ciência, pelo fato de propor-se como objetiva, não é em menor medida uma ciência militante” (MOIX, 1968, p. 13).

Falar de ciência militante pode parecer um medidor, uma contradição no limite, pois, *Mounier* considera que a verdade não está no rigor da ciência nem da metafísica. Apesar de a ciência moderna pós-renascimento ter se afirmado com identidade própria, após se libertar da herança metafísica e religiosa, e em seguida, ter se libertado do respeito incondicional a uma objetividade neutra, ainda se mostra como detentora de respostas e verdades. Significa dizer que não existe saber que não seja saber do homem e em torno do homem, realçando esse lado paradoxal do saber, que é ao mesmo tempo impessoal e pessoal. Em terceira pessoa, em relação ao rigor do método e em primeira pessoa, em relação ao seu significado para o homem. Segundo *Mounier*, a verdade nesse sentido vem das relações estabelecidas pelos humanos, pois o método sem a inserção do humano com sua humanidade não pode levar a nenhuma verdade. (MOIX, 1968).

O que se observa é que em *Mounier* tudo é sempre visto a partir da sua pessoa. O personalismo se funda sobre a experiência da vida pessoal, na qual a subjetividade e a objetividade se interpenetram. Essa abordagem considera a perspectiva dialética de uma subjetividade puramente interior e uma objetividade puramente exterior, enquanto expressão parcial da condição humana.

No que respeita a atividade intelectual, observa-se que *Mounier* buscou salvaguardar o caráter científico, preservando-o de uma noção fechada de cientificidade. Acreditava na profunda solidariedade entre pensamento e ação, abolindo toda e qualquer forma de abstracionismo especulativo. (MOIX, 1968). Ao que tudo indica, *Mounier* partiu da pessoa para chegar ao personalismo, o que confere importante conhecimento do seu caráter e sua maneira de viver. Desta forma, a compreensão de sua personalidade é fundamental para o conhecimento de sua obra e do personalismo.

Não se pretende nessa pesquisa expor exaustivamente a vida do homem, e por isso ela se limita a alguns momentos da cronologia. Emmanuel Mounier, filósofo personalista francês, nasceu em 01 de abril do ano de 1905 na cidade de *Grenoble*, na França. Nascido em uma família modesta e católica, foi fortemente influenciado pelo cristianismo, além de apresentar estreitos laços familiares. Até os 19 anos viveu com seus pais, irmã e avós, em sua cidade natal, onde visitava religiosamente, na companhia do Padre *Gerry*, as comunidades religiosas do quarteirão pobre da cidade, tornando-o conhecedor da miséria humana, fato que influenciou decisivamente em seu pensamento filosófico. Por isso a afirmação de Moix (1968, p. 04) ao considerá-lo como “Um rapaz louro de límpidos olhos azuis, de olhar direto e profundo, já carregado de presença, uma chama pura e via donde emana uma irradiação de compreensão e amizade”.

*Mounier* viveu em uma época de muitas transformações. A primeira metade do século XX foi marcada pelas duas grandes Guerras Mundiais, o que resultou nas fortes crises econômicas que marcaram toda sua geração, principalmente pela presença da miséria em todos os níveis da sociedade.

A maneira de viver e encarar o mundo da infância e da juventude era sempre retomada por *Mounier*. Ser jovem seria permanecer disponível aos acontecimentos e aos homens, sem jamais envelhecer, sem jamais aceitar o fato consumado. E, sobre isto ele escreve na primeira edição da Revista *Esprit*: “Quando é que aceitarão que a grandeza do homem está em não romper com a sua infância, com a aventura, a fragilidade, as indignações totais, as ingenuidades e o dom sem cálculo da eterna infância”? (MOIX, 1968, p. 05).<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Não romper com a infância: uso aqui essa expressão com o sentido de admiração e inquietação diante do mundo e dos homens. A curiosidade insaciável, a capacidade de admirar e problematizar as coisas.

Apesar de ingressar no curso de medicina por imposição familiar, abandonou-o, declarando não encontrar nenhum atrativo, além do fato de não corresponder a nenhuma de suas aspirações. No auge daquele momento, *Mounier* foi para o retiro do Padre *Decisier*, onde retomou o otimismo perdido, decidindo seguir o impulso da vocação filosófica.

De 1924 a 1927 seguiu com entusiasmo os cursos de filosofia, orientado pelo professor *Chevalier* por quem nutria grande admiração e não tinha pudor algum em revelar: “Como eu conto com o senhor para educar minha inteligência, conto, da minha parte, com esta vontade perseverante para disciplinar minhas forças e conquistar minha vida! [...]” (MOIX, 1968, p. 06).

Durante três anos participou de um grupo de estudos supervisionado também pelo admirado mestre *Chevalier*, cujo objetivo era o conhecimento dos grandes pensadores como *Pascal*, *Descartes*, *Malebranch* e *Bergson*. Neste período, manteve o espírito católico, humano e universal e o profundo desejo de comunhão humana, o que o levou a redescobrir pessoalmente a miséria e os bairros populares.

Em 1926 dedicou-se a leitura de Descartes, com vistas a aquisição do diploma de filosofia, culminando na dissertação “*O conflito entre o antropocentrismo e o teocentrismo na filosofia de Descartes*”. “Tema bastante concreto e vivo, tanto mais vivo e concreto quanto parte de uma preocupação atual de vida interior e que, trazido à atualidade, abrange todos os problemas mais atuais” (MOIX, 1968, p. 07).

Nesse mesmo período também colaborou com *Chevalier* na redação do livro sobre *Bergson*, nos estudos do filósofo *Pascal* e proferiu uma conferência sobre *Gandhi*.

*Mounier* sofreu influências dos filósofos *Bergson*, *Descartes*, *Péguy*, *Marcel* e *Maritain*, este último o responsável pelo seu aprofundamento religioso e teológico.

De formação tomista, o pensador de *Grenoble* abriu-se aos temas existencialistas, sem o adotar na totalidade. Também, se deixou influenciar pelo marxismo, e, apesar de não aderir ao pensamento marxiano, deixou algumas dessas impressões em sua obra.

Em 1928 ingressou na Universidade de *Sorbonne*, entretanto, sofreu uma enorme desilusão pessoal e profissional, ao perceber a existência de tamanha superficialidade acadêmica e banalização da ciência. Para ele, aquela instituição encontrava-se sem projeção, não demonstrava preocupação com as necessidades

sociais daquele momento histórico, além de manter-se isolada em um academicismo, que a distanciava, inclusive, dos problemas mais fundamentais da humanidade (MOIX, 1968).

Foi no ambiente parisiense que conheceu *Barthélemy*, um grande amigo que morreu ainda jovem, provocando em *Mounier* uma dolorosa tristeza e deixando um grande vazio em sua vida. Após a morte inesperada de *Barthélemy*, *Mounier* sofreu forte crise de identidade, levando-o à busca de novos rumos. Uma experiência dessa proporção serviu para a sua conversão intelectual e religiosa, na busca de sentido para o drama metafísico da existência. Para *Mounier* citado por *Moix* (1968, p. 08) tratou-se de “[...] um drama metafísico que, pouco a pouco foi crescendo até abranger para mim a Metafísica e por este manto de humanidade estendido sobre as coisas divinas uniu aos meus olhos o céu e a terra”.

No estágio seguinte de sua carreira, ao se preparar para a tese doutoral, começou a recolher material sobre a mística espanhola, particularmente acerca de *Fray Juan de Los Angeles*, num rigoroso estudo da hispanidade e dos místicos espanhóis que o levou à Espanha, precisamente em Salamanca, onde proferiu uma conferência sobre *Péguy*.

O jovem *Mounier* nunca escondeu que o pensamento de *Péguy* exerceu um grande fascínio sobre ele, marcando estágios importantes de sua vida. Em *Péguy* descobriu uma honestidade rebelde em espírito de esperança, paixão pelos pobres e abandonados, traços que carregou para a sua vida. Desta paixão nasceu, juntamente com seus companheiros *Izard* e *Marcel Péguy*, a idéia de escrever um livro sobre *Péguy*.

Do projeto de seu livro sobre *Péguy*, *Mounier* tentou continuar a revolução começada por *Péguy*, representante do ideal e da vocação almejada pelos jovens católicos franceses, ou seja, a salvação pela esperança, o abrir caminhos a uma leitura direta, uma síntese de um pensamento sempre aberto.

A década de 1930 foi uma etapa decisiva na vida de *Mounier*. Ao estreitar amizade com *Maritain*, entrou em contato com os pensadores mais importantes daquele período. Também conheceu e se aproximou do sacerdote Padre *Pouget*, que deixou uma importante marca em sua vida. Com ele aprendeu o valor da pobreza evangélica enquanto instância cristã e o sentido autêntico da alegria. Pelas mãos do Padre *Pouget*, iniciou o estudo técnico do evangelho.



A aproximação com *Guillon* levou-o a conhecer *Mlle. Silve*, Diretor do Boletim “Aux Davidées”, o que oportunizou a publicação de seus primeiros artigos acerca do valor da presença e da abertura dos acontecimentos históricos.

Por algum tempo viveu com um grupo religioso de sacerdotes e leigos em Milão, coordenados pelo Cardeal *Ferrari*. Neste ambiente redescobriu Pèguy e o valor da vida comunitária o que lhe exigiu empenho temporal para a santidade atuada na vida laica. Este fato ocorreu após conhecer *Pèguy*, o que o envolveu por um espírito revolucionário.

*Mounier* buscou a continuidade do trabalho de *Pèguy* com a fundação de uma revista, em que descrevia os ideais *peguystas*, propiciando o surgimento do primeiro número da revista *Esprit*, da qual também se tornou diretor.

Em 1933 mudou para Bruxelas. Atuou como professor e conheceu *Paulette Leclercq*, com quem se casou. Uma mulher valente e generosa, companheira fiel e audaz no caminho de sua vida.

Vale acrescentar que, por seus contemporâneos, *Emmanuel Mounier* estava longe de ser considerado um filósofo. Segundo esses pensadores, ele não teve preocupações com uma coerência epistemológica, tampouco com o desenvolvimento de um sistema.

Nada escapava à crítica de *Mounier*. Critica a crise política, econômica e global de sua época. Conforme evidenciado por *Andreola* (1985, p. 74), *Mounier* foi acima de tudo um profeta. “Anunciou, com uma coragem extraordinária, isto que ele chama a desordem estabelecida da civilização burguesa decadente: o mundo do ter, do dinheiro, dos negócios, do interesse, da usura, do conforto, o mundo do indivíduo que perdeu o senso do ser, do amor, dos valores e da pessoa”. Criticou o existencialismo e o marxismo e nem mesmo o cristianismo fugiu à sua crítica.

Mais tarde, *Mounier* abandonou a filosofia acadêmica para se dedicar com muito empenho à filosofia do compromisso e com isto atingir a plenitude espiritual do homem. Para ele, o sofrimento humano o reconciliou consigo mesmo e o amadureceu. Em todos os momentos de sofrimento e de crise buscou a serenidade e a alegria esteve sempre imbuída da necessidade de agir, de combater as desordens do seu tempo, de despertar o mundo adormecido na mediocridade.

No sentido utilizado por *Mounier*, a palavra crise era entendida em seu significado etimológico de “revisão”, mudança de perspectiva. Não se trata de involução ou de decadência, pois a partir desse significado, ele acabou propondo

uma nova ordem: a sociedade personalista e comunitária. Daí, o objetivo principal e imediato da obra de *Mounier* é o de analisar e esclarecer suas idéias, seu testemunho de presença e compromisso em uma civilização primada, vazia de valores.

Foi num cenário político e econômico tumultuado, que *Mounier*, abandonou sua carreira e seus projetos de tese, entregando-se às preocupações dos homens. A fundação da revista *Esprit* em 1932 foi uma forma da impossibilidade de permanecer indiferente. Por volta de 1934 fez surgir o prolongamento da ação política de inspiração na Revista: O Movimento “*Troisième Force*”.

A tarefa e a aventura da fundação da revista, assim como o movimento *Esprit* foi realizada juntamente com *Izard, Déleage e Galey*. As razões que o levaram a realizar este projeto foram:

O sentimento de que um ciclo de criatividade francesa já havia concluído seu ciclo, havia idéias que não se podiam plasmar [...]. O sofrimento mais vivo de ver nosso cristianismo solidário com o que mais tarde chamaremos de ‘desordem do estabelecido, e vontade de colocar em marcha uma ruptura’. ‘A percepção de uma crise total da civilização, escondida sob a nascente crise econômica’. (MOUNIER, 1967, p. 10)

Após constatação do declínio da Europa após a primeira grande guerra, esses pensadores se tornaram os principais responsáveis pelo nascimento de movimentos, cujos objetivos eram em seu conjunto, romper com o mundo burguês, com o materialismo que dominava a economia e os espíritos e com a política sem vida. Esses intelectuais assumiam a tarefa de mudar o curso da história, o que resultou no nascimento do projeto *Esprit*, na tarefa de cumprir uma exigência existencial de libertação do materialismo, do espiritualismo desencarnado e do dogmatismo.

A *Revista Esprit* pode ser considerada primeiramente como um laboratório de soluções novas. Sua fundação foi um projeto de acordo entre pensamento e ação política. Não se tratava de uma revista política; implicava em engajamento, não sendo assim uma revista de puro pensamento. Ela surgiu como um movimento de jovens que reivindicavam um novo alento de vida sobre a civilização ocidental, seguindo a pretensão de *Mounier* de fundar um verdadeiro humanismo, de valores humanos Universais.

É importante ressaltar que *Mounier* sempre encontrou apoio e solidariedade nos momentos difíceis e críticos em seus colaboradores mais significativos: *Lacroix*, *Berdiaeff*, *Maritain*, mas principalmente na dedicação de *Paulette Leclercq*, com quem casou em 1935 e de suas três filhas. Ainda que diante de toda a ordem de privações, juntos conservaram a coragem e o ânimo para dar prosseguimento a uma existência pautada no amor e na amizade.

Diante disso, observa-se que a influência da comunidade familiar sobre seu pensamento foi muito forte: “tendo encontrado, em sua esposa, uma pessoa com quem podia comunicar-se plenamente, a família tornou-se o próprio modelo da comunidade selada do amor” (MOUNIER, 1974, p. 6), mesmo diante dos dissabores e desencontros, naturais de toda existência humana, apresentou-se sempre como um homem forte e corajoso. Tudo indica que ele se valia das dificuldades como um suporte para aderir à realidade.

Até a morte de sua filha, *Françoise*, acometida por uma encefalite, não lhe abateu a coragem. Ao contrário, propiciou um maior aprofundamento do seu pensamento: “é preciso transformar em alegria tudo que a felicidade nos recusa [...]”. Assim, escreveu *Mounier* em carta à sua mãe (MOIX, 1968, p. 19).

O pensador de *Grenoble* não se desesperou sequer frente à morte de sua filha. A imensa dor parece ter-lhe oferecido a compreensão do sentido do sofrimento cristão. “Tudo o que acontece para mim é sadio” (MOIX, 1968, p. 19).

Desta forma, é possível admitir que o sentido cristão tenha influenciado de sobremaneira a vida e o pensamento de *Mounier*. Significava “saber renunciar a seus próprios caminhos, às suas metas, à face informada pelo seu ideal, de saber compreender e amar a lição de cada fracasso, a exigência de cada êxito” (SEVERINO, 1974, p. 11). Para *Mounier*, a renúncia implicava simultaneamente em afrontar o que viesse de imprevisto, de novo, de diferente.

No início da Segunda Grande Guerra, em 1939, *Mounier* revelou-se contrário ao nazismo e a posição de seu país, e como resposta a esta ação a *Revista Esprit* sofreu seguidos fechamentos. Mesmo com a impossibilidade de edição da Revista, *Mounier* manteve os encontros com *Marcel* e *Lacroix*, mantendo vivo o espírito da Revista.

Somente em novembro de 1940 a *Esprit* voltou as suas atividades normais, com o mesmo espírito combativo e intransigente contra o nazismo e a miséria. Devido a tal posição, pela segunda vez num intervalo de nove meses, a Revista foi

interditada. Pelo que se pode observar, foram momentos marcados por incessantes confrontos na vida de *Mounier*, que culminou em repetidas prisões. No entanto, nem a prisão o fez calar, mantendo, de forma silenciosa as discussões sobre sua filosofia, os problemas políticos, sociais, nacionais e internacionais, junto com outros detentos políticos.

Durante a reclusão foram redigidos vários artigos e a obra: “*Traitè du Caractere*”, publicada em 1946, porém após ser liberto, começou a apresentar problemas de saúde, resultado das privações sofridas durante o cárcere.

Em 1944 a Revista *Esprit* voltou a atuar e ao término da guerra, com a derrota do nazismo, abriram-se diversas possibilidades de discussões, abordando-se temas de várias ordens, variando entre abordagens políticas, marxismo e democracia.

*Mounier* faleceu aos 45 anos de idade, vítima de um colapso cardíaco, no dia 22 de março do ano de 1950, interrompendo abruptamente sua obra, em um momento considerado mais favorável à reconstrução de suas idéias. Sua vida foi curta, mas intensa. Sua existência é demarcada por uma incansável busca pela verdade e pelo respeito à pessoa humana.

A obra de Mounier parece escapar ao que se nomeia crise das ideologias, pois não se cristaliza jamais em sistema. Ela é, segundo a bela fórmula de Paul Ricoeur, uma matriz para as filosofias. É também um modelo para a educação do pensamento e uma força despertadora de humanidade. (GUY, 2008, s/p).

A vida de *Mounier* e sua obra é fruto do encontro de grandes acontecimentos históricos relevantes: a depressão econômica que seguiu a Primeira Grande Guerra Mundial, culminando na queda da bolsa de valores de Wall Street <sup>10</sup> ; o movimento das massas inspirado na revolução de 1917; a Segunda Grande Guerra, seguido da repressão ideológica.

A originalidade e a importância da obra de *Mounier* residem na possibilidade de resposta às diversas crises que ocorreram naquele período, além de apontar de forma objetiva, novas formas de enfrentamento das situações de conflito, a partir de respostas articuladas e projetadas para o futuro. O objetivo principal da obra

---

<sup>10</sup> Queda da bolsa de valores em NY que abalou o mundo. Epicentro da crise da economia mundial, o suicídio das finanças que provocou desespero no âmbito político, social e cultural.

encontra-se assentada no desejo de analisar e de esclarecer progressivamente suas idéias, o seu testemunho e o seu compromisso.

Todos os acontecimentos experimentados provocaram em *Mounier* uma busca por uma resposta ao drama do homem, em uma civilização à beira da morte, levando-o a tomar os acontecimentos como seus mestres interiores, porém ciente de que esta tarefa não seria fácil.

*Mounier* sempre demonstrou ser um homem de grande força, apresentando em 1932 seu momento germinal, como um modo próprio de filosofar.

Desejaria mostra-lhe em que o filosofar é uma tarefa humana de que todos nós estamos incumbidos... O espírito filosófico é união inseparável entre uma determinada atitude de vida e certo método de espírito... A atitude diante da vida constitui um sentido e uma curiosidade apaixonada pela vida interior, pela nossa vida e pela vida das coisas. (MOUNIER, 1950, p. 84).

Após tomar consciência da crise da civilização, *Mounier* lançou um ousado projeto além de toda filosofia acadêmica. Propôs a urgente tarefa de fazer um segundo renascimento <sup>11</sup>, um ponto de arranque e ao mesmo tempo ponto de ruptura, um segundo renascimento profundo de longo alcance, completo, personalista e comunitário.

Em seu primeiro artigo intitulado “*Um pensador francês – Jacques Chevalier*” revelou a personalidade intelectual do mestre, daquele que nutriu sua vocação filosófica, numa relação mestre-discípulo que gerou uma amizade indestrutível e duradoura.

Também escreveu diversas cartas filosóficas usando o pseudônimo *Jean Sylvestre* e nos textos referentes às conversações filosóficas utilizou o seu próprio nome. Ocupou-se em estudar os clássicos *Pascal*, *Descartes*, e, paulatinamente abriu novos horizontes ao estudar autores como *Claudiel*, *Gide*, *Proust*, *Maritain* e *Benda*, revelando nestes trabalhos indícios do esquema de sua obra posterior.

Nos anos mais significativos de sua vida, o pensador de *Grenoble* entrou em contato com os mestres da cultura francesa do século XX, *Masssignon* e *Du Boss* e dos encontros patrocinados por *Maritain* participou, juntamente com intelectuais e artistas, das discussões, em clima de diálogo, de temas variados acerca da cultura européia.

---

<sup>11</sup> O aspecto fundamental que marcou o Renascimento foi o humanismo, o reconhecimento do valor do homem em sua totalidade a busca de compreendê-lo em seu mundo, o mundo da natureza e o mundo da história.

Diante dessas experiências, *Mounier* percebeu a necessidade de uma filosofia comprometida com a ação histórica, que não poderia estar separada da filosofia do absoluto. Seu maior desejo era que a Revista *Esprit* se tornasse um eterno testemunho.

## 2.2 O PERSONALISMO DE MOUNIER – RAÍZES, DESPERTAR FILOSÓFICO PARA EDUCAÇÃO

A reestruturação da economia, ocorrida após a década de 1990 e suas conseqüências, como a introdução das novas tecnologias de informação na educação, provocou um distanciamento entre as pessoas que culminou em uma dedicação cada vez maior às coisas. As relações interpessoais, de afeto e solidariedade, foram reduzidas nas famílias e nas relações profissionais, bem como em todos os setores sociais, inclusive na educação.

No sentido mounieriano, pode-se afirmar que este novo modo de viver conduz a uma despersonalização. Homens perdem sua condição de pessoa, reduzidos às outras formas de realidade e aos interesses econômicos que acentuam ainda mais a despersonalização.

Isso traz à baila a necessidade da compreensão da filosofia personalista e em devolver à pessoa seu lugar primordial dentro da cotidianidade existencial, no esforço em detectar e buscar saídas para a crise da pessoa. Trata-se de pensar a pessoa, considerando-a como fundamento e fim ao mesmo tempo, como ponto de referência, pois a maneira como se considera o homem, incide diretamente na maneira como o trata. As situações de injustiças e desigualdades que engendram grande parte dos males do mundo desencadeiam uma errônea consideração acerca da pessoa. Assim, ao perguntar pela dignidade humana, aparece o nome de pessoa, e um discurso que busca restituir o lugar vital e existencial que todo ser humano merece.

*Mounier* é convencido desta situação, de que o grande pecado do ocidente foi o da despersonalização do ser, assim se empenha em fazer o ocidente ter a responsabilidade de retornar à pessoa, através do personalismo. “Mounier não caminhou do personalismo à pessoa, mas da pessoa para o personalismo. O

personalismo jamais foi para ele um sistema filosófico, mas meio de fazer cada um voltar-se a si-mesmo e aos outros” (LACROIX, 1974, p. 17).

O personalismo é uma filosofia que reintegra ao conhecimento, o conjunto de atividade humana, cuja essência é a pessoa, considerando-a centro do universo, devido ao seu valor incomensurável e sua particular dignidade.

A filosofia de Mounier é uma filosofia do compromisso ao mesmo tempo em que uma filosofia do absoluto: uma metafísica da pessoa e uma luta ético e política a serviço da pessoa. Compromisso e ideal, dois pólos entre os que se desenvolvem a ação e o pensamento em uma tensão criador. (RIGOBELLO, 1955, p. 25).

O termo personalismo surgiu com o neocriticismo francês de *Charles Renouvier* em 1903, ao colocar o eu superior em contraposição ao homem da experiência relacional. Nesse sentido, o homem é indivíduo autônomo, se realiza por si mesmo.

O termo personalismo foi assumido por *Mounier* e o grupo da *Esprit* passando a denominar uma filosofia que parte do homem enquanto ser relacional, ao revelar que o homem pela sua própria natureza não se refugia no seu eu, mas que ao romper consigo mesmo busca o diverso. Assim, o termo deixa o sentido individualista e se torna uma filosofia do homem enquanto ser pessoa.

O personalismo de *Mounier* é um pensamento inserido na tradição filosófica do ocidente, marcado por filosofias do passado. O personalismo tem suas raízes no pensamento grego, na filosofia socrática e aristotélica.

Para *Mounier*, a primeira revolução personalista surgiu com a máxima socrática: “Conhece a ti mesmo”. A filosofia de inspiração cristã transpassa a obra mounieriana, sob a influência cristã de *Chevalier*<sup>12</sup>, *Jacques Maritain*<sup>13</sup> e *Charles Péguy*<sup>14</sup>. Ainda podem ser observados temas do marxismo e do existencialismo.

*Mounier* interpreta o marxismo a partir da antropologia histórica, da idéia do homem se encontrar numa realidade histórica, porém no personalismo o homem não

---

<sup>12</sup> Chevalier: primeiro professor de filosofia de Mounier.

<sup>13</sup> Maritain: filósofo influente no mundo intelectual. Conheceu Mounier em 1929. Maritain deu apoio à criação da revista *Esprit* e de encontros relevantes entre Mounier, Marcel e Daniélon.

<sup>14</sup> Péguy: único e verdadeiro mestre de Mounier.

se exaure na história, reclama a totalidade da pessoa, ser pessoal, marcando assim, uma contraposição ao marxismo. Por outro lado se aproxima novamente do marxismo ao refutar a concepção do liberalismo. “Segundo Mounier (1967, p. 379), “Teremos nossa maneira própria de ser marxistas” [...] para nós será reencontrar a universalidade da Encarnação e dar-lhe nossa presença”.

Com relação ao existencialismo, as investigações de *Mounier* (1963, p.11) revelam que se trata de “[...] uma reação da filosofia do homem contra o excesso da filosofia das idéias e da filosofia das coisas” Só o considera quando assume como problema central, o homem enquanto existente, como ser concreto e não abstrato; interpretado não dentro de uma sistematização abstrata e ideal. Para Ricoeur em “História e Verdade” (1965, p. 236), a contribuição de *Mounier* para o pensamento contemporâneo foi de oferecer aos filósofos uma matriz filosófica, fornecendo tonalidades, formas teóricas e práticas capazes de uma ou várias filosofias, facilitando uma ou várias sistematizações. Isso tudo por generosidade e com espírito de acolhida.

Sua grande força, da aventura intelectual de Mounier, é de ter, em 1932, vinculado originariamente sua maneira de filosofar ao afloramento ao nível da consciência de uma crise de civilização e de ter tido a ousadia de visar, para além de qualquer escolha filosófica, de uma nova civilização em sua totalidade. (RICOEUR, 1991, p.137).

A filosofia de *Mounier* é em muitos momentos desconcertante, não somente pelo seu estilo literário, seu método, sua problemática, seus interlocutores, mas também porque foge aos modelos da filosofia tradicional e acadêmica. A escrita de grande parte de seus livros é inspirada pelos acontecimentos do dia-a-dia, que explica o caráter nada sistemático de sua obra e de seu pensamento. São obras de circunstâncias, motivados pela dialética cotidiana e pela solicitação dos acontecimentos mais díspares. Seu pensamento nasce de uma necessidade de uma causa, fruto de uma atitude polêmica.

O pensamento de *Mounier* se explica pelo tipo de público a que se dirige, ao buscar atender a uma hierarquia de urgências entre as tarefas que oferece ao filósofo.

O filósofo é aquele que se surpreende em face das coisas que todo mundo ignora. Insatisfeito, apaixonado, sempre ofensivo, ele espera muito dos homens e das coisas e lhes arrebatou seu segredo por um questionar



ininterrupto... Pensar é tornar-se capaz de certo sentido místico da ordem das coisas e da profundidade dos acontecimentos. (MOUNIER, 1950, p. 21).

O pensador personalista almeja que suas reflexões respondam aos interesses e às preocupações da maioria, ele quer que seu pensamento esteja a serviço dos homens. Assim, sua filosofia se converte em cada homem na vontade de ver claro na própria vida, de realizá-la e de possibilitar a realização dos demais.

Seu propósito nunca foi o de renovar ou divulgar uma série de idéias, mas fazê-las presentes e eficazes, sem se preocupar com a especulação pura quanto à vertente militante da filosofia, desde que não houvesse nenhum vazio entre o discurso e a ação.

O personalismo propõe caminhos para conseguir que a espiritualidade se identifique com a eficácia, que o ecumenismo não signifique confusão, por isso se opõe a fazer do personalismo um sistema fechado e definitivo; prefere que seja uma filosofia de colóquio, de coerência entre espiritualidade e pensamento, uma tarefa política ou literária, bem como foi sua vida privada.

Trata-se de um discurso sobre o homem e a civilização, o que significa a impossibilidade de abster-se de uma ordem indispensável nos pensamentos, como uma filosofia e não somente como uma atitude. Uma filosofia e não um sistema, procurando e preocupando-se em dar sentido aos acontecimentos.

Por outro lado, também considera a experiência de estar presente nos acontecimentos históricos e na vida ordinária dos homens de sua época, levando-o a permanecer filósofo por seu modo sistemático e reflexivo de afrontar os problemas mais complexos. Isso confere ao personalismo a característica de não ser um sistema completo ou acabado. Além de não oferecer soluções definitivas, não se adota posições e atitudes dogmáticas. Dessa forma, admite-se que a afirmação central do personalismo encontra-se na existência de pessoas livres<sup>15</sup> e criadoras, num princípio de imprevisibilidade, deslocando toda a possível vontade de sistematização definitiva.

Por não ser um pensamento acabado a filosofia personalista de Mounier convida permanentemente a cada um de pensar por si mesmo. Sem a intenção de convencer, mas de educar, de “formar” o homem no uso de sua liberdade criadora, assumindo a posição de que a educação é um combate, implicando

---

<sup>15</sup> “Ser livre é primeiramente aceitar a nossa situação concreta, para dela partir” (MOUNIER, 1964, p. 112).

necessariamente, em certa agressividade para despertar no homem a grandeza de sua vocação.

Para *Mounier*, o personalismo é uma filosofia que visa compreender todos os acontecimentos, incluindo as ações do homem, como consequência necessária de certos princípios fundamentais ou como efeitos necessários de causas bem determinadas. É tido como um veículo disseminador da preocupação do homem numa época de crise. A partir deste ponto busca-se ajudar a humanidade a encontrar uma forma de vida em consonância com sua autêntica vocação humana.

Apesar de o compromisso ser o primeiro requisito do personalismo, não lhe é atribuída à neutralidade. Trata-se do compromisso sem ser neutro, sem dispensar a mediação laboriosa da técnica filosófica e da harmonia das construções teóricas. Nesse caso, tem-se uma resposta imediata à provocação dos acontecimentos, que dá vida a um estilo incisivo, pleno de intuições profundas. Essa abordagem se mostra plausível à educação como meio de mudança e libertação.

O método filosófico personalista se apresenta com estreita ligação entre o pensamento e a ação e por isso se constitui em importante referencial para uma didática que se volte a favor de mudanças.

O espírito conhecedor é primeiro um espírito que se manifesta plenamente na ação, porém nem toda ação é um ato ou uma ação válida e eficaz. Um princípio, após ter passado pelo crivo da verdade, que dá sentido a situação histórica, lhe confere hierarquia ao mesmo tempo em que estabelece condições de realizações.

Esta proposta revela o extraordinário equilíbrio de *Mounier* entre a encarnação<sup>16</sup> e a transcendência, um pensamento que reúne inteligência e mistério em uma práxis total humana, numa união entre a teoria e a prática, o pensamento e a ação, em um pensamento ativo e mutante. Nesse sentido, pode-se perceber a separação entre o personalismo e o existencialismo e sua proximidade com a fenomenologia.

Durante toda a composição de sua obra, *Mounier* aponta a pessoa existente na comunidade, como pessoa e como sociedade, como prioridade do pensamento personalista. Devido a essa prioridade, a filosofia personalista apresenta um papel

---

<sup>16</sup> Encarnação: ser que reclama ao mistério indeterminado.

importante à sociedade contemporânea, principalmente no setor de serviços, em que está alocada a educação.

O vínculo original da maneira de filosofar, o afloramento ao nível de consciência de uma crise de civilização e a ousadia de visar, para além de qualquer escola filosófica, uma nova civilização em sua totalidade, é a grande força do personalismo. Também é um importante anúncio do fundamento e base para a organização de uma educação que se anuncia como geradora de mudanças.

As reflexões e a filosofia de *Mounier* não nascem no e do espaço acadêmico tradicional, tampouco de uma inspiração de dentro dos muros da universidade. O personalismo é um convite às reflexões e a filosofia a partir de interrogações originárias de situações da existência humana, tanto individual, quanto coletiva.<sup>17</sup>

A obra de *Mounier* é muito mais que uma teorização sobre o homem, é acima de tudo testemunho da vida de um homem, num entendimento do homem na sua plenitude. Do projeto de uma filosofia fora dos muros da universidade são ponderações delineadas por *Mounier*, numa revisão dos valores. A proposta de uma nova civilização é proposta em oposição ao comunismo e ao fascismo. É uma nova concepção que trata da valorização da pessoa e da dimensão comunitária do homem. Refuta o individualismo e a exclusão, pois concebe e entende a pessoa humana como algo indefinível, devido ao seu construir-se na história e devido à sua imprevisibilidade.

O personalismo mounieriano não é uma filosofia enquadrada numa sistematização fechada. Caracteriza-se pela superação das estruturas. Para *Mounier* (1964, p. 13): “O personalismo é uma filosofia, não apenas uma atitude. É uma filosofia, não um sistema”. É importante destacar que existe certa rejeição à sistematização deste termo, pois é incoerente “rotular o personalismo com a etiqueta de um sistema fechado”. É uma filosofia em construção à medida que o homem chama para si a responsabilidade da sua existência pessoal. O personalismo reclama uma nova reflexão sobre a condição do homem e atenção voltada para o homem na sua integridade. O personalismo considera o homem como ser situado como ponto de partida.

---

<sup>17</sup> *Mounier* abandona a Universidade de Sorbonne, que para ele se encontrava dominada por uma atmosfera artificial e alheia ao contexto e aos problemas humanos.

A finalidade do personalismo está em despertar o homem para fazer a sua experiência do existir pessoal. O Homem chamado a assumir sua condição de existente e ao mesmo tempo assumir a missão de ajudar o outro alienado a conquistar sua dignidade, numa atitude de conversão.

O personalismo é uma filosofia do homem e é “antes o testemunho de uma convergência de vontades e põe-se ao serviço delas sem tocar na sua diversidade”. (MOUNIER, 1967, p. 10). O centro não está no personalismo, mas no homem que busca o sentido do seu existir pessoal, para além da alienação, do anonimato e da crise dos valores fundamentais à vida. O crescente individualismo, a coisificação do ser humano, o niilismo revela a necessidade da retomada ao homem na sua totalidade.

Nessa tarefa o personalismo apresenta inovação, ao estabelecer o homem como um todo, como ponto de partida da reflexão filosófica, oferecendo aos filósofos de profissão uma matriz filosófica capaz de uma ou muitas filosofias. (RICOEUR, 1991).

Assim, essa proposta filosófica se credencia como um relevante referencial para a educação, ao propor uma pedagogia para a superação, que se caracteriza como um compromisso radical de “radix – raiz” para a busca de alternativas de libertação e de autonomia.

### 2.3 A PESSOA E O DESPERTAR PARA A EDUCAÇÃO: OS PRINCÍPIOS BÁSICOS E ESSENCIAIS DO PERSONALISMO

A construção filosófica de *Mounier* tem na pessoa e no seu referencial de vida, o foco de toda ação humana, demonstra que a educação tem um papel privilegiado nessa construção. De acordo com *Mounier* (1967, p. 84):

Uma pessoa é um ser espiritual constituído como tal por um modo de subsistência e de independência no seu ser, ela alimenta essa subsistência por uma adesão a uma hierarquia de valores livremente adaptados, assimilados e vividos por uma tomada de decisão responsável e uma constante conversão, deste modo unifica ela toda a sua atividade na liberdade e desenvolve, por acréscimo, mediante atos criadores, a singularidade da sua vocação.

O termo pessoa ocupa lugar de destaque no pensamento mounieriano, apesar da inexistência de uma definição rigorosa da pessoa, pois a presença de uma definição implicaria em uma objetivação. A pessoa não é objeto, não se prende a uma determinação; ao contrário é um ser incompleto, inconcluso e inacabado que se constrói, se amplia e se organiza pela educação em comunhão com outras pessoas.

A pessoa é apresentada como possuindo tanto um caráter analógico, quanto indicativo, contudo sem se restringir a uma realidade desencarnada, pois a realidade da encarnação revela a pessoa enquanto ser situado, concreto, influenciado pelas situações cósmicas, históricas e aberta à relação.

Na perspectiva personalista a pessoa não é a consciência que se tem dela mesma, nem a imagem que se faz do passado. O que resta do passado pessoal são personagens que sobrevivem na consciência por inércia, além de fragmentos de individualidade, resultados do desejo de lembrar. A pessoa não é o passado, mas sim sua personalidade, ela “[...] encontra além do tempo, uma unidade dada, mais vasta do que a visão que se tem dela, ela é uma presença” (MOUNIER, 1964, p.733). Ela é “[...] a Pessoa Humana totalmente mergulhada na história, ao mesmo tempo imersa e emersa na materialidade e gravidade numa experiência existencial com e para o outro, enquanto permanece aberta ao absoluto” (MOUNIER, 1967, p. 25).

A pessoa é volume total do homem, composta por três dimensões: vocação, encarnação e comunhão. Podendo alcançar-se a si mesma dando-se à comunidade superior, que chama e integra as pessoas individuais, por meio da meditação sobre sua vocação, o seu lugar e os seus deveres da comunhão universal, atentando sempre para o seu estado de pessoa encarnada em um corpo, situada em condições históricas precisas, fato que interliga as dimensões da pessoa.

Considerando o homem como uma unidade dialética, ele não é simplesmente o que faz, traz consigo mesmo um princípio ontológico determinado e como projeto a ser construído pela ação responsável no tempo histórico, “[...] a antropologia personalista significa uma retomada e uma superação sintetizadora das posições essencialista e existencialista” (SEVERINO, 1983, p.139).

Para *Mounier* (1967, p. 93), “[...] a vocação é a descoberta progressiva de um princípio espiritual de vida, que não reduz o que integra, mas o salva, consuma realizando-o do interior. É o princípio vivo e criador”.

Assim, a vocação para *Mounier* é apelo, um chamado silencioso numa língua que passamos à vida toda a traduzir. A vocação é uma coisa externa e que é um apelo de um poder maior, e no caso dos cristãos, de Deus. Cada pessoa é importante, tem um significado próprio e é insubstituível; no universo das pessoas, não pode ter o seu lugar ocupado por outra qualquer.

A concepção da pessoa como ser indefinido emana da sua inobjetividade, jamais é um objeto. É uma realidade que se conhece e simultaneamente se constrói dentro de si. Não é como objetos que se separa e se observa de fora, mas como um centro de reorientação do universo objetivo.

Comparado à outra realidade material ou social, a pessoa é um absoluto, jamais considerada como parte de um todo, que se revela por meio de uma existência decisiva, proposta à liberdade de cada um e não da experiência imediata de uma substância, mas da experiência progressiva de uma vida pessoal. A pessoa não é uma separação, evasão, alienação, domínio circunscrito. Trata-se de uma presença atuante no volume total do homem, com toda a sua atividade que realiza, interfere e interage.

Para *Mounier* a pessoa não pode ser comparada a qualquer outra realidade material ou social pelo fato de que “o personalismo reencontra a encarnação da pessoa e o sentido das suas servidões materiais sem, no entanto, renegar a sua transcendência ao indivíduo e à matéria. Só ele salva ao mesmo tempo a realidade viva do homem e sua verdade condutora” (MOUNIER, 1967, p. 90).

Desse modo, faz-se necessário lembrar que a pessoa é polarizada em sentido contrário ao do da individualidade, pois a individualidade é dispersão e a pessoa é integração. Assim o indivíduo não passa de uma face irracional da pessoa, pois a individualidade tem em si, o instinto de propriedade que dá ao indivíduo a atitude de invejar, apossar e firmar-se da propriedade que obteve.

*Mounier* esclarece que as duas marcas da individualidade são: a dispersão e a avareza: “Dispersão, avareza, eis as duas marcas da individualidade. A pessoa é domínio, é escolha, é generosidade. Ela é, pois na sua orientação íntima, polarizada precisamente ao contrário do indivíduo” (MOUNIER, 1967, p. 88).

A preocupação do Personalismo encontra-se no descentrar o indivíduo de si para colocá-lo nas largas perspectivas abertas pela pessoa. A pessoa só existe na medida em que existe para os outros. No momento que ama, pois ela é uma existência capaz de se libertar de si própria, de desapossar para assim se tornar

disponível aos outros; que se manifesta como ser em relação, que vive a tensão de interioridade e exterioridade, cujo sentido se dá na aceitação do outro na sua individualidade, sem perder a própria identidade.

Esse é um ponto fundamental da filosofia de *Mounier* e que fundamenta a proposta de educação para a superação, na medida em que supera o indivíduo como foco de sua ação e reflexão para adotar uma posição a favor da pessoa que deve ser admitida em sua dimensão ontológica e epistemológica.

Centralizar a reflexão filosófica acerca da pessoa significa enveredar por um universo indefinido e nada claro, podendo reduzir a pessoa à simples aparência, menosprezando o valor ontológico.

Ciente destes riscos, *Mounier* (1967, p. 95) constrói seu pensamento centralizado na pessoa, conforme aponta: “A existência de pessoas livres e criadoras introduz no centro dessas estruturas um princípio de imprevisibilidade, que afasta qualquer desejo de sistematização definitiva”. Revelando, dessa forma, a impossibilidade de uma definição total e completamente acerca da pessoa.

*Mounier* considera a pessoa como um ser indefinido. Consideração inspirada pelas idéias dos filósofos cristãos *Karl Jaspers* e *Gabriel Marcel*, para os quais somente os objetos exteriores aos homens são capazes de serem classificados ou definidos. E, uma vez assumida a concepção da pessoa como ser indefinido, origina da sua inobjetividade. Esta posição é assumida por *Mounier* em consonância com o pensamento de *Max Scheler*, de que se um ato não é um objeto, conseqüentemente constitui de inobjetividade a pessoa que executa tal ato, tanto a ação executada, resultado dos atos de uma outra pessoa não tem marca de objetivação.

As características exteriores da pessoa não revelam a totalidade de ser pessoal, mas canais que contribuem para o homem se colocar no mundo como ser pessoal capaz de relacionar-se com o outro e ver-se no outro como destaca Levinás em sua obra.

Inobjetividade revela também o caráter inesgotável do ser pessoal, possibilitando a pessoa de escapar de toda a forma de manipulação racional, conferindo, também, um sentido ontológico que garante a inexauribilidade da pessoa, possibilitando fundar a pessoa enquanto protesto ao mistério. Ou seja, “não se aproxima da pessoa sem reconhecer o aspecto escondido, não revelável nem

aos sentidos, nem a razão e nem mesmo à simples intuição <sup>18</sup>” (DANESE, 1984, p. 43).

Isto não significa para *Mounier* que a impossibilidade de definir a pessoa seja uma característica do inefável, de que não se pode exprimir por palavras. Nem tão pouco um abandono do exercício da razão. A recusa de definir sistematicamente a pessoa não dispensa um método dialético. O caráter misterioso não impede que o ser pessoa se ponha no mundo, aproximando do mistério do ser pessoal. Quanto mais se exprime mais se agregam formas e mais se aprofundam como mistério do ser pessoal.

A pessoa não é um objeto que se separe e se observe, mas um centro de reorientação de universo objetivo resta-nos orientar agora a nossa análise para o universo por ela edificado, a fim de iluminar nos seus diversos planos as estruturas; sendo preciso não esquecer que esses planos não são mais do que incidências diferentes sobre uma mesma realidade. A verdade de cada um só existe quando em união com todos os outros. (MOUNIER, 1960, p. 35).

Esse mistério adquire, na atualidade, suporte teórico firmado: na teoria da complexidade pelo fato de que inúmeros processos e fenômenos ocorrem de forma simultânea; na teoria do caos na medida em que todos os fenômenos podem ser previstos, mas é impossível estabelecer de que maneira será a ocorrência; na teoria do acaso porque apesar de todos os cuidados é possível que aconteça algo além do previsto; na teoria da relatividade uma vez que todo acontecimento é relativo à algum processo que o desencadeia e na teoria dos quanta pelo fato de nossa capacidade sensitiva ser incapaz de perceber na totalidade a abrangência dos fenômenos que ocorrem para gerar e determinar a vida. Essas teorias, segundo Keim (2005), caracterizam a pessoa e a vida como um caleidoscópio quântico constituído pelo conjunto de aspectos que dão sentido à vida como processo caracterizado como eco-desorganizativo-organizativo.

Essa referência é a base para a Educação para a Superação que se empenha na busca de meios para fazer da vida um referencial mutante e sempre inconcluso.

---

<sup>18</sup> Neste sentido, verifica-se uma relação de Mounier com Gabriel Marcel ao enfatizar o caráter misterioso e íntimo da relação entre o eu existente e os objetos.



### 2.3.1 Categorias filosóficas em referência à pessoa que educa e se educa: estruturas do universo pessoal

*“O homem é exatamente como é corpo e é exatamente espírito”.*

(MOUNIER, 1967).

A realização de uma revolução personalista na educação é proposta de *Mounier*. Para isso, é necessário situar a educação no conjunto mais vasto de uma sabedoria, em que as relações com o mundo e com o outro não se resumam apenas em manipulação, dominação ou conquista, mas de amor e participação; em que o relacionamento de um com o outro e com a sociedade não sejam de individualismo ou de totalitarismo, mas de comunidade, onde as ligações com o futuro não sejam definidas por extrapolação do presente e do passado, mas de ruptura, superação e transcendência, na criação de um futuro novo. Uma revolução contra o individualismo e o coletivismo é necessária para a recuperação de uma civilização a serviço da pessoa humana.

[...] chamamos indivíduo o manifestar-se da pessoa na superfície da própria vida, e a sua complacência de perder-se. O meu indivíduo é a imagem imprecisa e mutável que oferece, através de impressões sobrepostas, os diversos personagens entre os quais flutuo. (MOUNIER, 1974, p. 21).

O indivíduo é marcado pela dispersão, a dissolução do ser pessoal na matéria. Esta dissolução significa o perder-se no mundo da passividade, da tranqüilidade e do conformismo. Por outro lado, “O indivíduo é o gozo ávido desta dispersão, o amor incestuoso de minhas características, de todo aquele fervor precioso que interessa só a mim mesmo” (MOUNIER, 1974, p. 21).

O indivíduo encontra-se marcado pelo instinto de domínio e posse, enquanto a individualidade se apresenta em diferentes graus: físico, biológico, animal e humano. Caracteriza-se por sua dispersão e avareza, guiado pela sua natureza instintiva, sentindo-se o centro do mundo, atraindo para si tudo, tanto os objetos quanto as pessoas devem estar a serviço da sua felicidade.

A idéia de pessoa apresenta domínio, opção, generosidade, conquista de si mesma, à idéia de integração, enquanto a de indivíduo que leva à idéia de desintegração. Nesta oposição da pessoa ao indivíduo ocorre uma bipolaridade da

tensão entre dois movimentos internos, num movimento de dispersão e outro num movimento de concentração, conduzindo a uma visão não dualista e complexa.

Com relação à dispersão a pessoa não consiste numa experiência de vida interior, mas sim de vocação à transcendência, num contínuo colocar-se fora de si. “[...] a pessoa, no homem, está substancialmente encarnada, misturada à sua carne ao mesmo tempo em que a transcende, [...]” (MOUNIER, 1960, p. 20). *Mounier* aqui evita o risco de um maniqueísmo na distinção entre indivíduo e pessoa, uma vez que o indivíduo e a pessoa são duas possíveis direções do homem. O homem ao se fechar em si mesmo se torna indivíduo e quando se abre ao universo da relação se torna pessoa.

Após apontar essa distinção *Mounier* traça com rigor à pessoa enquanto presença e engajamento, não como um simples colocar-se no espaço, mas como volume da totalidade do homem que mantém o equilíbrio entre as dimensões da pessoa: que se mostra como vocação, encarnação e comunhão.

Da ação enquanto engajamento, da tomada de posicionamento da pessoa diante de sua própria existência. Nas palavras de Severino: “Será pela ação que a pessoa manifestará seu ser e criá-lo, enriquecendo-o na temporalidade de sua existência.” E, continua Severino: *Mounier* situa a ação dentro da perspectiva dialética, o aspecto imanente do ser pessoal que esbarra com as exigências da transcendência. (SEVERINO, 1974, p.140).

Para a formação da pessoa faz-se vital o exercício de meditação, do empenho e da renúncia. Assim, partindo dessa tomada de posição, *Mounier* salva do risco de cair no mundo abstrato ao tomar a dimensão da encarnação num movimento em direção à pessoa como

[...] um ser espiritual constituído como tal por um modo de subsistência e de independência no seu ser; ela alimenta essa subsistência por uma adesão a uma hierarquia de valores livremente adotados, assimilados e vividos por uma tomada de posição responsável e uma constante conversão; deste modo unifica ela toda a sua atividade na liberdade e desenvolve, por acréscimo, mediante atos criadores, a singularidade da sua vocação. (MOUNIER, 1967, p. 84).

Essa indicação acerca da pessoa revela a primazia ontológica do ser pessoal, que se auto-regula ao aderir a uma estrutura de valores livremente escolhida. A pessoa por meio de uma atitude de conversão contínua, enraizada nos valores assimilados pode mudar a si mesma, pois os valores não são concebidos como

convicção puramente ideológica, fechados em si mesmo. Os valores se manifestam como fonte de vida, com grande capacidade de expressão. A pessoa enquanto valor absoluto mostra que o acento posto sobre a assimilação do vivido evidencia a flexibilidade do ser global da pessoa, capaz de modelar-se sobre os valores escolhidos, e de construir uma unidade única, do momento em que diversa é a vocação de cada uma.

Na perspectiva mounieriana, os valores não consistem numa visão abstrata ou arbitrária. Rejeitam a visão empírica e subjetivista dos valores ao se fundar sobre a relatividade da experiência, evidenciando a relação da pessoa como valor absoluto.

Para *Mounier* a pessoa se encontra em um processo constante de personalização. O contrário seria a sua negação. Se considerar a pessoa como a construção de si própria a partir das experiências, é possível traçar as estruturas do universo pessoal.

A falta de definição da pessoa de forma sistemática, não implica que a considere como ser desencarnado, desprovido de um elemento material, imune da contingência. As indicações de *Mounier* acerca da pessoa revelam sua realidade existencial, de um ser situado em uma determinada realidade concreta, que não se encerra nela. Um ser entranhado da matéria, que não consegue ser sem este elemento, matéria. Sem negar deste elemento material na problemática pessoa, do existir pessoal.

#### 2.3.1.1 Pessoa e encarnação - corporeidade, experiência cósmica e histórica

No personalismo mounieriano, a encarnação é a primeira categoria filosófica em referência à pessoa que educa e se educa. É uma característica da pessoa que se apresenta constituída por um corpo; uma experiência cósmica. Trata-se da experiência histórica que atua de forma concomitante e não fragmentada, pois é uma condição humana. A fixação nesses aspectos é uma realidade que pode vir a impedir o movimento de personalização. O problema da existência do homem como ser encarnado não é a encarnação em si, mas as realidades alienantes que impedem o movimento de personalização, o que não significa a desvalorização do ser.

Na perspectiva personalista, “O homem é um corpo da mesma forma que é espírito; inteiramente corpo e inteiramente espírito. Nada em mim que não seja misturado de terra e sangue” (MOUNIER, 1960, p. 41).

A primeira fase de personalização ocorre da aceitação da natureza, porém se o homem permanecer nesta fase torna-se objeto. Assim, a pessoa deve apoiar-se sobre a natureza para vencer os obstáculos que dela provém, de negar a natureza como algo dado, para afirmar como obra.

“Conhecer a pessoa, para *Mounier*, é o mesmo que libertá-la, isto é, orientá-la para o espiritual, que não está fora, mas no coração da vida” (DOMENACH *et al*, 1969, p. 83-84).

A existência incorporada é o primeiro passo para a permanente condição de existência. A relação da pessoa com a natureza deixa em evidência o processo dialético de afirmação e ascensão.

Ao se colocar no mundo, o homem o faz através da sua dimensão corpórea. Por meio do corpo consegue se relacionar e fazer parte do mundo e do meio social. Assim, para a realização do homem enquanto ser pessoal o corpo é indispensável. Através da dimensão corpórea o homem está sujeito às leis do mundo físico. Ao assumir sua experiência pessoal se lança fora de si num movimento em direção ao outro. Por meio do corpo a pessoa “expõe a si próprio, ao mundo, aos outros, e através dele escapa à solidão” (MOUNIER, 1964, p.50-51).

“O meu corpo é meu porque eu seja eu, não como servos que ajudam o patrão a queimar sua vida” (MOUNIER, 1964, p. 51). Diante dessa afirmação é possível compreender como *Mounier* rompe com o unilateralismo espiritual e com a concepção de corpo como um objeto entre tantos outros. O corpo é a própria pessoa enquanto ser social, vital e encarnado.

Ocorre também a experiência cósmica, ou seja, diante da corporeidade o homem se insere na complexidade do cosmos. Tomando aqui o sentido de cosmos enquanto inquietação para o homem.

Na visão de Mounier, influenciado pela concepção de *Scheler*<sup>19</sup>, sabe-se muito pouco das correntes que ligam àquele vasto corpo e carregam suas influências até o corpo domesticado. Apesar de complexas as determinações

---

<sup>19</sup> Cfr. Scheler (1994, p. 477): “Se eu considero qualquer ato concreto da pessoa, verei não só que esse contém em si todas as possíveis essências do ato, mas verei também que o correlato objetual, contém em si também cada fator inerente à essência do mundo. O mundo não é em algum modo uma idéia, mas um ser absoluto, concreto em cada lugar, individual”.

cósmicas, elas influenciam no homem, além da dimensão corpórea, na sua integridade.

O homem não deve abandonar-se ao determinismo cósmico, deve humanizar-se em busca da sua própria personalização, humanizando a natureza.

Em direção à personalização ocorre a aceitação do real sem se contentar com a simples aceitação, pois ao contrário seria imobilizado pelo determinismo da natureza ou pela alienação social. Diante das influências cósmicas, o homem é uma existente pessoa. A pessoa não se contenta em sofrer a ação da natureza. A pessoa ao negar a natureza como dada, afirma sua obra, para dar suporte a toda personalização. Desta forma, a dependência da natureza torna-se domínio da natureza, o mundo insere-se na carne do homem e no seu destino. Sua relação com a natureza ocorre mediante o processo dialético entre a aceitação e ascensão.

#### 2.3.1.2 A pessoa no processo de superação: dimensão relacional.

A segunda categoria filosófica em referência à pessoa que educa e se educa pode ser nomeada como dimensão relacional. No processo de superação caracterizado pela sua inserção numa realidade espaço-temporal, o homem se realiza como ser histórico, numa ação humana regida pelas leis de duração e extensão. Dupla realidade que coloca os seres humanos no espaço e no tempo, garantindo a solidez espiritual e o direcionamento elementar.

Este homem inserido na realidade espaço-temporal é marcado pela tridimensionalidade, sem desvalorizar a experiência do ser pessoal. A historicidade implica na situação do homem numa realidade social, política, religiosa e cultural que exercem influência ao existir pessoal do ser humano.

Para falar na profundidade do enraizamento do homem na realidade espaço-temporal, se utiliza o termo “eu-aqui-agora”. O aqui enquanto o ato de aceitar a riqueza do espaço vivido. Espaço tomado como não exterior a nós, mas como um íntimo modo de ser da ação e da expansão vivida frente ao externo. A partir desse interior do espaço vivido é que se deve fazer consideração não objetiva acerca do homem. O interior é um espaço de unificação da pertinência, do domínio, da intimidade e da irradiação, implicando na idéia de uma encarnação cósmica do homem.

Assim, o espaço vivido não deve ser tratado a partir de um todo imóvel. Mas como uma realidade suscetível a um impulso vital, animado de uma inspiração periódica de expansão, de retração. Sem ser concebido como um meio objetivo e morto, mas como uma realidade psicológica intensa, susceptível de ímpeto e de remissão.

O “agora”, como parte da tríplice eu, aqui e agora, é considerado como a aceitação da duração enquanto impulso e devir. Duração e espaço são impulsionados a um futuro especificado concretamente como “O meu futuro”. O presente é “um relâmpago vivido, pleno de memória vivida e de promessa do futuro.” O passado é em certo modo uma experiência acabada, que exerce muitas funções no desenvolver da existência. É a experiência vivida que ajuda a entender o futuro e a viver o presente. Pois, somente o homem é capaz de absolver estas realidades e por meio da sua ação a transforma, criando um ambiente humano.

*Mounier* salvaguarda o valor absoluto da pessoa em todas as etapas de sua vida e em qualquer posição. Uma vez que a sua valorização decorre do fato de pertencer à natureza humana.

A pessoa vive numa tensão e equilíbrio entre exterioridade e interioridade, num apelo ao mistério, que se manifesta a partir de suas relações com o mundo, com o outro e com o absoluto. Desta forma, a alteridade ocupa um lugar importante no processo de personalização, na medida em que a pessoa ao se abrir ao outro conhece a ela mesma e se realiza enquanto ser humano. O outro não impede a minha liberdade, tampouco se reduz a um objeto das minhas satisfações. Isso acontece na medida em que o outro se revela como um ser misterioso, sem se reduzir à aparência exterior, e da mesma forma, se o outro se comunicar acerca da sua pessoa, o faz sem revelar o todo ser pessoa.

Na experiência existencial a pessoa se manifesta como ser relacional, que se conhece a partir da experiência do outro. O seu ser no mundo não consiste em objeto dentro de uma aglomeração de coisas, mas coloca-se em sintonia com a força da centralidade subjetiva, uma vez que a abertura da pessoa ao universo relacional resulta do equilíbrio entre a interioridade e a exterioridade. De um expor-se ao outro sem perder a sua identidade, assim a pessoa é chamada à própria centralidade e à própria constância, mas também se expõe numa contínua tensão de transcendência.

Com isso, o homem busca superar seus limites, ao conhecer e dominar seu próprio meio e suas leis, criando instrumentos para interferir na natureza, tornando-a não estranha a ele. Junto a esse desenvolvimento, surge a cultura da auto-suficiência, o que impede ao homem de exercer sua vocação original, tida como a possibilidade do homem viver como homem na medida em que se humaniza e se personaliza, ou também pode se desumanizar e criar um mundo despersonalizado.

É importante considerar que o homem por natureza é um ser relacional e por isso corre o risco de mergulhar na solidão do seu mundo. O homem, enquanto ser pessoal se abre ao universo das relações. Numa relação que só é possível quando a pessoa se coloca numa via de superação de si mesma, ou seja, quando há despojamento do seu próprio eu. A superação supõe uma purificação de toda atitude que impede o movimento em direção ao outro. Tanto quanto a superação de si mesmo, quanto dos determinismos naturais.

A superação parte do princípio de que a noção de pessoa encontra-se além da objetividade, da racionalidade, da temporalidade e da historicidade. Num processo de superação da pessoa que consiste num movimento contínuo, que passa da vida fundada sobre o aspecto biológico à realidade essencial do sujeito, revelando, também a capacidade do homem, de superar todo tipo de narcisismo.

*Mounier* difere o processo de superação do processo que conduz o ser pessoa a uma paixão excessiva pela vida, que coloca o homem numa luta incansável, levando-o a desprezar os valores que lhe dão sentido.

O pensador de *Grenoble* também adverte que o processo de superação pode ser confundido com o que leva o homem a ser impulsionado ao uso de meios ilícitos para salvar a própria vida. A superação não pode ser vista como agente que leva o homem a estender a superfície social e desta forma a degenerar-se em sociedades fechadas, num “eu” fortificado num egoísmo acrescido e nem da agitação de si mesmo com mundo fechado, auto-suficiente e, portanto autoritário.

A pessoa na sua inexauribilidade se coloca num movimento do ser para o ser, num processo de riqueza do ser pessoal que lhe confere uma continuidade, de superabundância e não de repetição. A aspiração ao transcendente fundada na riqueza íntima da pessoa segundo *Mounier* (1967, p. 128) se caracteriza como:

A transcendentalidade expressa me afirmar, efetivamente os meus atos mais íntimos e as minhas criações mais altas emergem de mim sem um conhecimento do meu próprio eu. Sou aspirado na direção do outro. Ate

mesmo a minha liberdade é um dom e seus momentos mais sublimes não são os mais imperiosos, mas sim os de distensão e os de oferta a uma liberdade reencontrada ou a um valor amado.

### 2.3.1.3 A pessoa no processo de superação: dialética da interioridade e exterioridade

Essa dimensão resulta do fato de que o ser encarnado (pessoa) se coloca num processo dialético que marca sua existência. Esse processo surge da aproximação da realidade problemático-misteriosa da pessoa e se mostra como caráter indefinido da pessoa. Isso não significa um desembocar na inefabilidade do ser. No bojo do existir pessoa, a dialética exprime um contínuo compromisso entre natureza e transcendência humana. A pessoa vive num processo de tensão entre a interioridade e a exterioridade, a imanência e a transcendência e entre objetividade e subjetividade, o que promove a existência de um equilíbrio que se manifesta pela equivalência entre as tensões e quando uma delas se sobrepõe se tem uma crise.

Nesse conjunto de tensões contínuas o homem busca a originalidade da sua vocação, que é a unidade. A incessante busca de unidade conduz a pessoa ao desabrochamento da sua gratuidade.

A tensão do homem na busca dessa unidade se afirma na forma de possuir espaço e de negar seu próprio ser, que se manifesta como o existir pessoal que implica tanto nas categorias de apropriação quanto nas de desapropriação, resultando em uma dialética fundada sobre a interioridade e a exterioridade.

Interioridade e exterioridade exprimem ambigüidades. Na exteriorização total a pessoa se torna objetivado, sendo tratado como coisa a ser possuída. Por outro lado a interiorização conduz a pessoa ao fechamento total de si mesma, podendo resultar numa esclerose e dissipação do ser pessoal. A partir desta tendência surge a cultura do homem enamorada de si mesmo, ou seja, a cultura que manifesta o seu narcisismo.

Na prospectiva de *Mounier*, tanto a exterioridade quanto a interioridade vão além das ambigüidades, tornando-se essencial para o desenvolvimento do ser pessoa. Ocorre que a exteriorização impulsiona o homem a manifestar-se numa atitude relacional com o mundo e com o outro. Sem a vida exterior, a vida interior tornar-se-ia incoerente, tal como, sem vida interior, a vida não seria mais que um



delírio. O equilíbrio da existência humana está na abertura do homem às tensões do mundo e do mundo às tensões do homem.

Quanto à interioridade, *Mounier* a apresenta como um movimento que se direciona para dentro da própria pessoa. Esse movimento de interioridade nega a vida egocêntrica ou radical fechamento à realidade exterior, porém afirma a volta ao interior no sentido de refazer as forças e não de uma oposição ao movimento de exteriorização no sentido de abertura ao diverso. Não consiste numa passividade, mas numa conquista ativa fundamental para a dimensão relacional.

Assim, a dialética da exterioridade e da interioridade tomada como presença constante na vida da pessoa, durante sua existência, se dá por meio da busca de sua personalização. Isso ocorre na tensão que surge ao expor fora de si e recolher em si um equilíbrio entre estes pólos.

#### 2.3.1.4 A pessoa no processo de superação: afrontamento e ruptura

Afrontamento e ruptura são elementos de outra característica apontada por *Mounier*. É tida pela exposição da pessoa que se expressa mostrando sua face que é seu rosto. Ao colocar-se diante do real afronta e rompe com ele. Ou seja, a exterioridade coloca a pessoa diante do real, por sua natureza de afrontar o mundo, os outros e os acontecimentos.

O afrontamento demanda um poder de força e de generosidade, de afirmação de si e de abertura, de acolhimento e de ruptura. Ele não se confunde com a singularidade pessoal ou com a procura de uma atitude excêntrica. Da unicidade da pessoa não se deduz a originalidade, pois essa não exprime a totalidade do ser. A unicidade se apresenta como produto secundário da vida pessoal e ela provém da ação virtuosa da pessoa e não de uma presunçosa singularidade. Assim, a partir da autenticidade de vida a unicidade busca a realização plena.

Neste sentido, a pessoa realiza-se na perseguição dos valores situados no infinito, pois na cotidianidade é chamada a atingir o extraordinário. “O homem verdadeiramente extraordinário é o verdadeiro homem ordinário” (MOUNIER, 1964, p. 99).

Assim, a forma de vida mais elevada não é a da exceção, pois a existência não se manifesta num contínuo processo de aceitação ou adesão, mas no seu ato de expor-se no mundo. Ato que exige uma capacidade de recusa, protesto e ruptura

e sem as quais a pessoa corre o risco de cair no conformismo e na alienação. Entretanto, é preciso saber protestar e negar e não somente aderir ou aceitar. Na forma mais primitiva da existência, a manifestação dos sentimentos e emoções se manifestam tanto para a adesão quanto para a separação. É sabido que a pessoa sempre se encontra ameaçada por obstáculos que contribuem e ou impedem o seu êxito.

Mesmo necessário e inerente ao existir pessoal, estes protestos podem ser esvaziados do seu verdadeiro sentido, por meio da difusão das filosofias de separação, que divulgam a idéia de protesto como uma negação sistemática. A atitude destas filosofias, fixada na pura negatividade ou recusa total, atinge moralmente a pessoa que se coloca em busca de sua realização: “estas filosofias ignoram atitudes de apaziguamento, de acolhimento e de dádiva, que são também constitutivas do nosso ser” (MOUNIER, 1960, p. 102).

Esta situação de recusa total resulta do fato do indivíduo se sentir cada vez menos senhor do seu meio e de sentir o desenvolvimento de outro meio, formado pelo acelerado progresso das máquinas e das massas bem como de poderes e de administração. Neste cenário, ao invés de dar proteção ao homem, o universo se apresenta como ameaça. Essa situação é descrita como o desenvolvimento de uma espécie de paranóia à escala da humanidade.

*Mounier* apresenta a força como atributo essencial para a existência do ser pessoal. Entretanto, não se trata do esforço físico, mas da capacidade do homem dominar e decidir sobre si mesmo e sobre os acontecimentos referentes a si, tornando-se uma dimensão importante para a vida espiritual e social da pessoa. Não há sociedade, ordem ou direito que não nasça de uma luta de forças, que não exprima relações de forças, que viva alicerçada na força, porém quando o homem domina a natureza e a coloca a serviço do bem da pessoa humana, ocorre um verdadeiro processo de personalização.

Com isso, o homem deve combater o império da força e reinado da violência. Enquanto a força, resultado da conduta pessoal em afirmar e decidir as suas fidelidades e oposições deixa as tranqüilidades adquiridas, pois ser não é apenas amar, mas se afirmar. A afirmação exige equilíbrio entre o assumir e o recusar.

### 2.3.1.5 Relação interpessoal: comunicação

Essa categoria filosófica em referência à pessoa que educa e se educa com base na perspectiva personalista de *Mounier* não será apresentada em sua totalidade, devido ao grau de complexidade. Trata-se da experiência fundamental do ser pessoa que se realiza por meio do ato comunicativo. É expresso pela estrutura lingüística, que mostra a capacidade do homem de se abrir à experiência do diverso, acarretando numa novidade para a existência. Como tal, o ato comunicativo envolve a presença de mais de um; dotados de racionalidade e singularidade, num espaço de relação, numa presença que supõe reconhecimento da inobjetividade e diversidade de sujeitos nesta relação.

Essa comunicação é própria da dimensão experiencial e metafísica da pessoa que se qualifica no processo de relação constitutiva junto ao ser pessoal e da sociedade, num ato revelador de uma dimensão intersubjetiva. A comunicação humana como mediadora de uma relação de intersubjetividade, em que o outro faz face ao eu numa realidade de reciprocidade.

Ocorre que, o outro se apresenta indispensável para o desenvolvimento do ser pessoa ou para a personalização, numa construção da dinâmica da relação interpessoal ligada à formação pessoal. Esse fato conduziu o personalismo de *Mounier* a refutar todas as filosofias do eu.

Nessa concepção, a existência do outro ou a relação interpessoal acontece de sujeito a sujeito e não de sujeito a objeto, numa experiência original eu-tu, num movimento da pessoa em direção ao outro. A partir desse movimento, a pessoa conhece a si mesma a partir da experiência do outro como tu. Uma vez que, o primeiro movimento de uma vida pessoal não é um gesto de dobramento, mas um movimento em direção aos outros.

A consciência do outro revela a realização da pessoa não fundamentada na construção da sua própria caverna, mas na criação do espaço que relaciona uma prioridade do tu. Essa anterioridade do tu exprime a refutação de *Mounier* ao solipsismo do eu.

A relação do outro enquanto tu não des-valoriza e nem limita o ser do eu. Isto significa que o eu se descobre no tu, mas não encontra nele a sua plena realização, pois o tu eleva e revela o eu e o transcende, impossibilitando o lugar para a alienação.

Diante disto, a relação eu-tu, como reciprocidade, não significa um fortalecimento das pessoas, mas uma igualdade e uma diversidade, resultado da afirmação da intersubjetividade e da inobjetividade na relação eu-tu. Assim, não há lugar para a predominância da alteridade, porque excluiria a profundidade da comunhão e da unidade, mas salvaguarda a identidade de cada ser pessoal nesta relação, impedindo que a relação se transforme numa escravidão da totalidade do outro ou da solidão do eu, no egocentrismo.

Para *Mounier* ocorre uma aceitação do tu na sua diversidade, mas sem a dissolução do eu na superficialidade da exterioridade. É uma relação interpessoal, fundamentada no amor e na afirmação do ser pessoal ligada ao existir do outro.

Na filosofia mounieriana, o amor aparece como ser autêntico da pessoa, como uma qualificação do ser, que como fundamento ontológico do ser, liberta a pessoa do desejo de possuir outro e com isso revela a certeza do próprio ser. O amor que supera a afinidade natural salva a alteridade que se apresenta como unidade e diversidade. O conceito de diversidade é intrínseco à relação de amor e por isso contrapõe qualquer tipo de possessão do sujeito, pois a relação do amor implica uma provocação recíproca.

#### 2.3.1.6 Relação interpessoal: pessoa e comunidade

Além das categorias já citadas, Mounier também apresenta a dimensão da pessoa e comunidade, ou seja, a primeira experiência existencial da pessoa é o tu. A relação de eu-tu, fundamentada no amor, origina a um nós. Um nós que aparece como ponto de confluência e de irradiação dos membros de um grupo social, que consiste na esfera de referimento constante para a transcendência do eu e do tu. O vínculo entre o eu-tu-nós é necessariamente importante no processo comunicativo do ser pessoa, e a realidade de “nós” se confirma na relação interpessoal.

Esse universo será uma sociedade de pessoas, em que sentimentos e instituições serão marcados pela existência do ser pessoal. Nesse sentido, a comunidade surge como dimensão necessária para o homem, no exercício da sua dimensão comunicativa e na busca plena de realização.

O conceito mounieriano de comunidade encontra-se ligado ao reconhecimento da pessoa como pessoa, sem confundir tal conceito com o

gigantismo social. Ele não opõe o comunitário à dimensão social, nem às estruturas coletivas. Mounier as qualifica, conferindo-lhes uma estrutura hierárquica, segundo o potencial comunitário, pois esta é a mania do lógico e do poder que leva a pensar os homens em massa, para melhor pensar como matéria ou instrumentos, para melhor os negar como pessoas.

O grau mais imperfeito e indeterminado do universo de homens é o mundo das aglomerações que renunciam as condições de pessoas lúcidas e responsáveis. O mundo que não constitui nem um nós e nem um todo. O outro se torna objeto, coisa ou número. É o mundo da despersonalização.

E, acima desse mundo impessoal estão as sociedades vitais, cujo vínculo funda-se no ato de viver em comum, num certo fluxo vital biológico e humano e em relações de associação, cuja base vincula-se na necessidade ou nos interesses, incapaz de libertar os homens do egocentrismo.

Ainda que essas relações se efetivem num vínculo organizacional, cujo objetivo seja a melhoria das condições de vida, com certa força de individualização, mas, sem estar num processo de personalização, mas num processo. Essas sociedades fechadas tendem para a formação de um todo que corrompe o nós. Essas sociedades ou estão fechadas para as pessoas ou estão vinculadas a uma ordem superior. São sociedades, cujo interesse vital não funda uma comunidade verdadeiramente humana.

#### 2.3.1.7 Resgate do ser: transcender e a libertação

Transcender se apresenta como a ultrapassagem de um movimento que acentua a ação do ser humano, lançando-o para fora de si próprio e distanciando-o da concepção de transcendência que se apóia na idéia de uma mera superação, e que corresponde à concepção de pessoa como aquele que se movimenta para um ser absoluto.

A reflexão da pessoa com a transcendência, parte de uma problemática que consiste numa tentativa de responder à pergunta sobre a existência de uma realidade além do ser da pessoa, direcionando para um movimento que caracteriza a pessoa remontando-a a um ser absoluto.

Essa realidade superior é acessível ao homem mediante a sua condição dialética de exterioridade e interioridade. Assim, a experiência da transcendência pode ser descrita como um movimento dialético, pois é o que há de mais subjetivo e objetivo no homem.

O homem enquanto ser pessoal tem a capacidade de superar a própria fatuidade e realidade. Superação que significa um movimento de necessidade sem meta, mas num contínuo apelo ao ser que comporta um ultrapassar-se, progredindo e elevando-se. Ultrapassagem no sentido de transpor os limites da realidade factual em busca do ser por excelência.

É um movimento que caracteriza a pessoa remontando a um ser absoluto presente, como a totalidade da vida da pessoa relacionada a Deus e ao seu agir humano. A transcendência destaca-se na pessoa como valor estável ligado ao ser superior. Na prática da vida, este valor se realiza no passar além de si. Passar além de si em dois campos. O primeiro campo se refere a Deus, na medida em que a pessoa tem a sua dependência ontológica, isto é, a pessoa aceita conscientemente Deus como “Pessoa das pessoas”; orienta-se a ele ligando a ele todo o seu ser e agir. Neste sentido passa além de si, que dizer, além da sua existência natural. O segundo campo constitui-se em passar além de si, o que não se refere à esfera divina, mas a realidade humana em referência à própria existência.

A relação “consigo mesmo, com o outro e com o mundo”. Assim vivida, a transcendência, causa no agir da pessoa a criação de novos valores. Trata-se da intenção que valoriza o agir e dessa forma, cobra da pessoa a constante criatividade, numa situação de liberdade.

A liberdade apresentada é aqui com a mesma perspectiva binária de uma transcendência imanente à natureza humana. A liberdade não pode ser concebida como uma simples potencia ou não inserida nos determinismos. Ela os transcende, insere-se, enraíza-se no próprio ser da natureza; contudo esta transcendência insere-se no próprio ser da natureza (SEVERINO, 1974, p. 68). Pois, a liberdade se manifesta e se prolonga na natureza. Entre a liberdade e o determinismo, ocorre uma interpenetração; não se opõem senão por transcendência.

A verdadeira concepção da liberdade está conectada ao processo de transcendentalidade do ser pessoa, ao movimento de personalização de si mesmo e do próprio mundo. A liberdade atinge todo ato humano com a capacidade de ultrapassar os dados da espontaneidade. Nesse sentido, as liberdades concretas

não são indispensáveis ao exercício da liberdade espiritual, que manifesta nos momentos de grandeza.

Na perspectiva mounieriana, a liberdade humana é a liberdade de uma pessoa, da pessoa constituída e situada em si mesma e no mundo e diante dos valores. E, dessa forma, condicionada e limitada pela situação concreta, é preciso o reconhecimento dos condicionamentos biológicos, econômicos, sociais e políticos, comuns da liberdade. A autonomia da liberdade surge da libertação dos dados agressivos de sua situação, uma vez que a liberdade se refere às pessoas situadas e valorizadas. Tornar-se livre é conferir a espontaneidade o sentido de uma libertação, ou seja, de uma personalização do mundo de si próprio.

A força da libertação encontra-se sempre em luta com o que atrai os homens para a alienação, que é uma situação em que se entrega como objeto de forças impessoais, por isso, a liberdade humana deve ser intrépida.

Nesse viés, a conquista da liberdade não é única característica da liberdade. Apresenta-se também como adesão inteiramente humana e pessoal. O homem livre é aquele que o mundo interroga e ao mundo responde: é o homem responsável.

#### 2.4 PRESSUPOSTOS DA FILOSOFIA PERSONALISTA COMO BASE DA EDUCAÇÃO PARA A SUPERAÇÃO E A RECUPERAÇÃO DA PESSOA

A estrutura de apoio para a construção teórica da educação para a superação da filosofia personalista, se caracteriza por um processo dinâmico que identifica a pessoa que educa e se educa numa relação epistêmica quanto a sua dimensão de aprendizagem e de constituição cognitiva. Trata-se de um ser antro e ontológico, em decorrência de sua constituição de materialidade, imaterialidade e trans-materialidade, condições fundamentais na constituição da identidade e personalidade consciente. Um ser que é homo, incompleto, inconcluso e inacabado e que se reconhece como ser no outro.

A experiência do ser pessoal se apresenta num processo dialético entre exterioridade e interioridade. Essas duas categorias demonstram o quanto o homem é um ser dinâmico, capaz de superar os determinismos do mundo natural, social e histórico, em busca de sua personalização, tendo em vista que a experiência

relacional como o outro, ocorre no reconhecimento de seu ser irreduzível a qualquer tipo de objetivação, sistematização e conceituação. Já a liberdade está estreitamente relacionada à experiência da transcendentalidade do ser da pessoa e pode ser realizada à medida que se coloca em relação ao outro. O outro aqui entendido como mundo, o semelhante e o absoluto, implicando numa atitude relacional, numa ação.

Na atual fase de desenvolvimento social, a experiência comunitária ocorre entre duas ou em um pequeno grupo de pessoas. Mas essas realizações são elementos de um universo pessoal. Se cada uma se mantém aberta a universalidade das pessoas, a pessoa e a comunidade só são autênticas se abertas e disponíveis e se viverem na liberdade de espírito. A comunidade personalista é formada da união de pessoas íntimas e dispostas a assumir a sua vocação, o que é possível em pequenos grupos.

Esses grupos, para se organizarem como comunidade educativa deve centralizar a pessoa indefinidamente, com base nas categorias apresentadas no anteriormente:

- Dimensão da encarnação
- Dimensão relacional
- Dialética da interioridade e exterioridade
- Afrontamento e ruptura
- Comunicação
- Pessoa e comunidade
- Transcender – libertação

Diante desses pressupostos, se espera que a organização de uma dinâmica educativa, que supere a decadência do ser humano e a conseqüente desordem que se estabeleceu na educação seja capaz de orientar as pessoas para encontrar e vencer os sistemas e estruturas essencialmente despersonalizante, em que se encontram imersas.

No contexto que despersonaliza a pessoa, seus valores, sua liberdade e sua vocação se encontram sufocados pelo individualismo ego centrista e pelo sistema dominante, que conspira contra a pessoa. Por outro lado, observa-se que a proposta do personalismo é o de abertura de caminhos para a solução dessa crise, que se apresenta com tons trágicos e quase inevitáveis.



Diante da inversão de valores, observados na exaltação do indivíduo em detrimento à pessoa, do poder do estado em contraposição ao saber das comunidades intermediárias e a sobreposição do capital sobre o trabalho, um simples reformismo sócio-político das estruturas não parece suficiente. *Mounier* apresenta a eminência de efetivar uma revolução personalista e comunitária, que seja capaz de propiciar ao homem uma técnica racional e uma organização social justa, numa conversão do homem em sua ação e numa reconstrução da civilização. Diante desses argumentos, pode-se afirmar que o projeto revolucionário mounieriano não objetiva a conquista do poder, mas a reconstrução em profundidade de uma época da civilização.

A problemática da contemporaneidade sob a ótica da filosofia personalista, reside no modelo civilizatório, portanto, os indivíduos precisam primeiramente aprender a ser pessoas. Essa proposta se concretiza num trabalho contínuo de despojamento dos obstáculos provenientes do individualismo ou da personalidade, que paralisam, desviam e impedem a obra de personalização. Não é uma tarefa fácil, tendo em vista que vislumbra o rompimento com os conformismos e com o poderio das forças anônimas, coletivas e individuais, que alienam o ser humano.

As exigências da conversão pessoal levam ao compromisso da ação em favor dos homens, para colocar cada pessoa em estado de viver como pessoa e de poder ter o máximo de iniciativa, de responsabilidade e de vida espiritual.

Sob a ótica educativa, primeiramente são necessárias ações de engajamento e posicionamento da pessoa diante a própria existência, ou seja, de ações humanas dentro da perspectiva dialética. É importante destacar que o imanente do ser pessoal, esbarra com as exigências da transcendência, pois o homem diante da fragilidade de sua situação se coloca mediante a sua ação em movimento de personalização. “A pessoa é tal pela sua capacidade de gerar em si e nas outras, dignidade, autonomia, espiritualidade, solidariedade, partir de uma realidade pessoal implica uma postura relacional” (DANESE, 1984, p. 47).

O compromisso em favor da pessoa que exige um trabalho de denúncia, se direciona a pessoa alienada ao ponto de estar solidária com a desordem estabelecida e com suas conseqüências, que agridem a vida “com dignidade”. É o que Mounier (1967, p. 48) denomina de compromisso responsável.

Uma vez despertados do nosso sono dogmático, longe de comprometermos a solidez da nossa posição final, assentamo-la num terreno seguro. Sem parecer escapar aos problemas imediatos, que a alma e o estilo essencial de uma civilização não se originam apenas no desenvolvimento das suas técnicas, nem mesmo numa conjugação feliz das liberdades. A civilização é uma resposta metafísica a um apelo metafísico. Uma aventura da ordem do eterno, proposta a cada homem na solidão da sua escolha e da sua responsabilidade.

O objetivo final desse projeto revolucionário não é a destruição das atuais estruturas. Sua autêntica finalidade é reaver o renascimento. A tática central que *Mounier* exige é que toda revolução personalista não seja um ecletismo de forças antagônicas ao capitalismo ou ao mundo burguês, mas consiste em colocar em todos os órgãos vitais e na civilização decadente, os germes e fermentos de uma civilização nova. Uma revolução realizada por homens e para homens desse século.

E, em um mundo caracterizado pela vertiginosa velocidade, o compromisso da educação se manifesta no desvelar do existente à dispersão da publicidade, ao sono das coisas e as sociedades fáceis, para lançar a descoberta da existência humana.

A recuperação da pessoa não tem outra via de saída que a reciprocidade e o compromisso ativo de todos os homens que se sentem solidarizados e desejosos de salvar o primado absoluto da pessoa humana.

A ação compreendida e desenvolvida na estrutura do universo pessoal deve combater a dimensão utilitarista e até mesmo a ação enquanto uma sucessão de acontecimentos. Pois, é através da ação que o homem supera os diversos condicionamentos, que vêm da sua condição de existente e se coloca numa via de personalização. Uma vez que somente com a personalização, o número assume o sentido humano, assegura a cooperação das liberdades e das qualidades, controla os delírios e as mistificações que a separação arrasta o indivíduo (MOUNIER, 1967, p.153).

No delineamento das dimensões da ação a partir da pessoa humana que busca transformar o mundo, a finalidade da ação tem que ir além da transformação do mundo exterior, pois ao responder as exigências do ser pessoal, forma também o interior, que por sua vez aproxima os homens entre si e enriquece o universo de valores.

O autor personalista evidencia quatro dimensões fundamentais da ação. A primeira dimensão é o fazer, cuja finalidade é a dominação, transformação e

organização da matéria exterior, caracterizada pela ação do homem sobre as coisas e a ação sobre o homem no plano das forças naturais ou produtivas. Ação que desmonta, ilumina ou engrena determinismos. Uma ação que é a própria eficácia, numa dimensão que não é capaz de responder as exigências da pessoa ao se estabelecer somente nas operações de organizar e fabricar, sem interagir com a dimensão da dignidade, da fraternidade. Somente a interação com a dignidade e a fraternidade é possível superar a mera utilidade.

A segunda dimensão está no agir, cuja finalidade não é a transformação externa, mas a formação de agentes que realizam a ação. Dimensão que se desenvolve sobre a autenticidade, na complementação da ação econômica, atuando sobre ela. A dimensão do fazer não existe sem a dimensão do agir, porque o ideal é que a ação não seja somente direcionada pela eficácia, mas na relação entre as pessoas que podem se estabelecer num plano além do técnico.

A dimensão do fazer considera não somente o resultado, mas o percurso percorrido para alcançar os resultados, somados, também, a disposição interior que impulsiona o agente.

A terceira dimensão é ação contemplativa, que tem por base a atitude da pessoa que explora os valores e que enriquece quando os difunde. Trata-se da condição humana do engajamento. Um engajamento verdadeiro que torna a pessoa vigilante e afastada do fanatismo e das ilusões. Uma vez que a consciência da condição humana liberta e coloca num estado de despojamento, de insegurança, de aventura, favorece grandiosas ações.

O engajamento exige atitude coerente com a vocação de pessoa, requer uma vigilância constante com relação às situações que estagnam e conformam, pois a ação leva ao conhecimento da verdade.

Para aqueles, cuja disposição é o de seguir o caminho da personalização na construção de uma proposta educativa, o primeiro passo é prever ações capazes de desencadear uma ação revolucionária no seio das comunidades.

Deve-se lembrar que a ação política e conseqüentemente à concepção de educação em *Mounier*, se caracteriza pela crítica a educação propagadora do individualismo, que se caracteriza pelos interesses individuais, regida pelo reino do capital.

Para *Mounier*, a educação deve ser um instrumento a serviço das pessoas, em função do homem, como instrumento subordinado aos homens e não o seu

inverso. Uma organização necessária no desenvolvimento da pessoa, com o dever de garantir o estatuto fundamental da pessoa, de fornecer as condições necessárias para que a pessoa busque a sua realização e como decorrência a democracia personalista.

Diante do exposto acima, é possível identificar algumas ações que podem ser utilizadas na organização de um processo educativo, cuja centralidade encontra-se na pessoa que educa e se educa.

- Sair do próprio eu;
- Descentrar-se para se tornar disponível aos outros;
- Enfrentar o indiferentismo;
- Se situar no ponto de vista do outro;
- Compreender a sua singularidade e sua individualidade;
- Compreender a singularidade e a individualidade do outro;
- Descobrir em cada outro uma pessoa;
- Constituir comunidade onde os membros descobrem em cada outro uma pessoa e a tratam como tal e com tal, a conhecem;
- Comprometer-se com o destino do outro;
- Assumir as alegrias, as tarefas e o sofrimento do outro;
- Ter atitude de doação sem esperança de recompensa;
- Agir com fidelidade e abertura á comunidade na continuidade;
- Promover contínua renovação de gestos e sentimentos;
- Conquistar a própria autonomia;
- Ter a libertação como adesão que nasce das convicções;

### 3 DILEMAS CONTEMPORÂNEOS: AS IDÉIAS DE MOUNIER E A EDUCAÇÃO

O Objetivo deste capítulo não é de entregar-se a uma polêmica, mas o de apresentar possibilidades para a superação das condições que despersonalizam a pessoa, com a eleição de uma proposta de superação através de uma ordem humana fundada sobre a pessoa. Toma por base, o homem livre e responsável, pessoal e comunitário. Para isso, é fundamental colocar em evidência a problemática contemporânea para propor sua superação com autonomia e responsabilidade. De acordo com as indicações metodológicas apontadas por Mounier (1967, pp. 401-402).

O primeiro passo para esta reconstrução é dar testemunho de nossa ruptura com a desordem estabelecida; o primeiro é tomar consciência da desordem, porém uma tomada de consciência que não desemboca em uma tomada de posição, em uma troca de vida e não somente de pensamento.

Com base na argumentação acima, irá se identificar os elementos utilizados para recuperação da identidade e da vida dos homens, que se encontra diluída no sistema e nas estruturas alienantes, uma vez que a estrutura social, política e econômica do capitalismo conspira para a redução do homem a um objeto dos interesses de produção. Para *Mounier*, é necessária uma luta inexorável contra o mundo do dinheiro, que constitui sem dúvida, a raiz profunda do mal.

#### 3.1 O SISTEMA OPRESSOR DA PESSOA

O neoliberalismo não consolidou o regime da responsabilidade pessoal. Ao contrário, consolidou o reinado do impessoal, da despersonalização, da irresponsabilidade, da desordem, e da opressão, convertendo a democracia no totalitarismo da produção e do consumo.

Desde o início de século XXI observam-se transformações mais rápidas e radicais em todos os níveis. As descobertas em todos os domínios se realizam com frequência, em volume quantitativo e qualitativo jamais alcançado.

O conhecimento das características do mundo contemporâneo sugere certa flexibilidade e relativização de afirmações e de saberes, bem como disponibilidade crítica e afetiva diante ao outro.

Vivemos numa fase da humanidade onde alcançamos o auge de informações, de avanço tecnológico, mas os valores morais aparecem adormecidos. As virtudes morais são facilmente substituídas por valores menos nobres desde que, consigamos nossos egoístas e imediatos objetivos. (PIRES, 2004, p. 35).

Nesse período histórico, caracterizado pela ascensão da sociedade do capital, das demandas sociais massivas e do culto à cultura do ter, os profissionais da educação são instados a aprofundar reflexões e a produzir idéias, soluções e eventos que possam colaborar com as novas maneiras de pensar o mundo.

O presente está marcado pela exigência de mudanças em todas as áreas da vida e sob tal inspiração se justificam as mudanças educacionais. Nesse sentido, reconhece-se uma intensa mobilização em torno da capacitação humanista, autônoma, política e cidadã, associadas às necessidades e às expectativas sociais.

*Mounier* constatou em seu tempo que os sistemas sócio-políticos eram geradores e mantenedores das crises e desordens espirituais, que atingiam a sociedade ocidental. Atualmente esse fenômeno se mantém com a chamada da sociedade a serviço do capital.

É um fenômeno que traz consigo a expansão dos sistemas de comunicação e da presença da informática nos setores de produção e serviço. O resultado imediato das mudanças tecnológicas é o aumento da produtividade. Enquanto isso, o homem se encontra destinado aos desejos do mercado de forma alienada à intenção de reduzir tudo à condição de objeto. Nessa relação, o fundamental não é mais o homem, mas o capital, fato que provoca transformações em todas as organizações revelando a necessidade e urgência de um novo saber e de uma nova educação.

A substituição do trabalho pelo capital, destinando todos os esforços ao crescimento econômico, com alta taxa de produtividade, transforma o ser humano em um objeto subordinado aos desejos do mercado, transformando-o também em mercadoria.

O mercado e a forma de empresa que é o seu corolário constituíram-se em uma fonte do crescimento cego, que proliferou de forma desumana, em função do

lucro e do poder de indivíduos ou de grupos, e não em função do ser - melhor e do ser-mais de todos. A sociedade global, dominada pelo mercado, incita interesses individuais que, longe de se harmonizarem, se afrontam numa concorrência, cujos resultados anulam a pessoa humana.

O mercado revela-se de forma a se opor aos interesses dos indivíduos e da coletividade, gerando um mecanismo de exclusão e de desigualdades sociais profundas. Também agrava as condições de crise, pela inexistência de uma visão de conjunto que regule, antes de suas oscilações e turbulências, a relação entre a produção e as necessidades reais, ou seja, entre a oferta e a procura.

Assim, tanto a escola de promoção individual quanto a universidade, com suas concorrências, seus diplomas, suas hierarquias e seleções, são gerados por estruturas econômicas e políticas, que servem mais à manutenção do mercado e à reprodução das condições vigentes.

Em todos os níveis do ter, do poder e do saber, a vida social, quer se trate da economia, da política e da cultura, aparecem ao indivíduo como algo exterior a ele, de forma opaca ao seu pensamento e fora do alcance de sua ação.

Dessa forma, a lógica do mercado produz as alienações e as mitificações que promovem o individualismo e a cultura elitista, bem como o centralismo e o autoritarismo que exclui a participação das massas, a par de uma política cultural utilitária e apologética, de um dogmatismo sufocante, a repelir qualquer possibilidade de transcendência e de superação do real existente, bem como de qualquer mudança efetiva.

Na tentativa de enfrentamento a esse cenário, a proposta pedagógica que esse trabalho anuncia, aponta para questões que provoquem reflexões e ações, num despertar para as causas dos problemas educacionais surgidos na sociedade do capital, principalmente em função das contradições geradas e por elas mantidas, que se fundamentam em uma visão unilateral e profundamente materialista da vida. Essa proposição se direciona ao combate da lógica de mercado presente no processo da educação que serve ao capital e que atua sem a finalidade humana.

A possibilidade de superação do primado do mercado para uma posição que valoriza a pessoa pode ser viabilizada por meio da educação. Isso se mostra como possibilidade viável pelo fato do ser humano ser capaz de se educar para se tornar homem. A lógica capitalista se aproveita dessa característica humana e implanta uma educação alienante, que leva o homem, entre outras conseqüências, à sua

coisificação. O sistema determinado pelo capitalismo visa mais ensinar do que educar, pois pelo ensino não se desenvolve consciência crítica que desaliena, mas promove aceitação das condições materiais de existência sem sejam capazes de questionar a lógica do capital que estabelece uma dinâmica distributiva hegemônica. Esta lógica que oferta uma educação a todos, promove uma dinâmica sem vínculo com a autonomia da pessoa, caracterizando-se como uma educação comprometida com a cultura do ter.

Uma vez entendido esse processo de coisificação do ser humano, a educação pode ser uma possível alternativa para promover alguma mudança ante a situação de crise e de angústia global da sociedade atual. Mudança que deverá começar, em princípio, direcionando o homem para a necessidade de mudanças urgentes na base da sociedade, na escola e na família. Deve-se considerar que essas instituições têm seu caráter político e econômico, sujeitos a todas as possibilidades de pressões e poderes que as submetem e alienam.

Diante desse quadro, o personalismo de *Mounier* vem chamar atenção para nosso tempo ao apontar para necessidade de se ter uma Revolução Personalista<sup>20</sup> e Comunitária que proporcione meios alternativos ao ser humano, para superação do modelo capitalista responsável pelo estatuto de persona.

A superação da concepção que se encontra a serviço da sociedade do capital no pensamento pedagógico, não significa somente uma necessidade de renovação teórica e de elucidação de idéias, mas também de apontar novos caminhos para uma nova prática e novos projetos educativos que possam conduzir à história que se vai construir. Trata-se de uma abordagem da dimensão da pessoa em oposição ao modelo centrado no capital, que é responsável pela exclusão da pessoa humana na participação efetiva do mundo. Trata-se de um trabalho difícil, porém necessário e urgente.

Muitos são os indícios que os problemas de caráter existencial humano repercutem como problemas educacionais, tais como a implosão da escola, a insatisfação com o sistema, a falta de respeito, a desvalorização dos profissionais da educação, além da ausência de políticas e programas educacionais que tenham a vida com dignidade como foco definido.

---

<sup>20</sup> O problema em questão não pode mais ser resolvido simplesmente por uma reforma, isto é, por uma modificação dos meios que permita atingir melhor os fins, mas por uma verdadeira revolução cultural, que ponha novamente em questão esses fins, e se oriente para a pesquisa e a descoberta de um novo projeto de civilização. (GARAUDY, 1978).



Como seres inseridos num mundo de aparência e virtualidade, tudo o que pode ser visto e sentido na dimensão fenomênica, se distancia cada vez mais do mundo real e de suas percepções, consolidando o sujeito como mais uma mercadoria, coisificando-o. Isso desencadeia conflitos que se manifestam na decomposição da sociedade, agravado pela inexistência de valores e a perda de sentido da existência, configurando um processo de alienação.

Trata-se de um distanciamento do “ser” e de uma total aproximação ao “ter”, num encobrimento do verdadeiro “eu”, da verdadeira “pessoa”. E, quanto mais o homem se distancia do verdadeiro “eu” e se envolve com o mundo da aparência, com o mundo do “ter”, mais despersonalizado, individualista e coisificado se tornará. Ao assumir uma visão individualista ou egóica, própria do atual momento, exacerbada no auge da atual sociedade do consumo, esse homem se entrega, cada vez mais, ao catastrofismo, aos medos.

Numa corrida desenfreada para se integrar ao movimento do consumo, o homem busca por vias ilegais, na incapacidade de poder fazê-lo como outro, por vias legais, sua integração à sociedade de consumo, sem medir as conseqüências para atender ao desejo que lhe foi imposto como se fosse necessidade.

Quando deixa de alcançar a meta imposta pelo consumo, se instala no indivíduo uma atitude de recusa e um sentimento de frustração, gerando uma infinidade de moléstias, denominadas “doenças da civilização”.<sup>21</sup>

As investigações de Mounier (1967 p. 88-89) demonstram que “Ter e Ser são dois pólos entre os quais a existência está compreendida e não são atitudes existenciais entre as quais seja necessário optar. Se aquele que possui é possuído por seus bens, aí sim ocorre à degradação do ter”.

É inegável que a humanidade tem conseguido grandes conquistas em vários campos da atividade humana, em contrapartida cria problemas gravíssimos em relação à preservação dessa mesma vida. Os conhecimentos adquiridos também são aplicados em descobertas que prejudicam e destroem a vida, numa decadência política e moral, que pode levar o planeta a sua degeneração total.

Os efeitos desta civilização, ligada à dimensão material, impedem os homens de por si só mudar qualquer situação que necessite de soluções mais profundas, tal como a educação para a sociedade em estado de libertação.

---

<sup>21</sup> Nas condições atuais de vida, com o ritmo e tensão que nos impostos, os constrangimentos, as urgências e as angústias são devastadoras.

Nesse contexto, a humanidade encontra-se submersa na consciência individualista e coletivista, fonte geradora de todo tipo de doenças sociais em todo o mundo, de forma geradora de violências nas relações humanas e sociais, que utilizam o sujeito como uma mercadoria, como objeto, num descaso ao ser humano e conseqüentemente com a educação.

Indispensável se faz considerar, e com a devida justiça, que sempre existiram pessoas que transcenderam esta posição; que buscaram meios para despertar a humanidade para sua identidade refletida em sua personalidade como um ser integrado, que afirma a necessidade do aprimoramento moral do indivíduo, como “remédio” ou até mesmo para a cura para os males políticos e sociais.

*Emmanuel Mounier* foi uma destas pessoas, que buscou entender o homem em sua plenitude em relação à situação de dominação e opressão. Um pensador que denunciou a desordem estabelecida e aponta uma pedagogia com inspiração de compromisso, como possibilidade de superação da educação estabelecida pela sociedade a serviço do capital. Pensador dotado de um inconformismo que se traduz na crítica à ideologia do “progresso”, estimulando o reconhecimento da pessoa como ponto fundamental da sociedade em vias de libertação. Um homem dedicado a buscar possíveis vias para a consolidação de uma sociedade de homens convertidos ao humano, incluídos nas conquistas da humanidade. Para Mounier (1967, p. 84) “existir é existir compartilhando”.

*Mounier* apresenta uma filosofia que concebe a existência de pessoas livres e criadoras, lhes conferindo um lugar importante dentro da realidade, tomando da personalidade a categoria e o objetivo da moral irreduzível de qualquer outro princípio. A filosofia personalista visa à superação do individualismo, das ideologias, da coisificação do ser humano, da fragmentação do homem, para estabelecer o próprio homem enquanto ponto de partida e de chegada da sua própria reflexão e construção de seu destino.

Nessa concepção, a escola não pode visar, primeiramente, à instrução nem à preparação pura e exclusiva de uma profissão, ou, do desempenho de determinada função social, nem do desenvolvimento de uma personalidade pré-estabelecida e pré-determinada.

Em *L'éveil de la personne* (Mounier, 1967, p. 550), ressalta que a meta de toda educação é o “despertar da pessoa”, o desabrochar da existência verdadeiramente humana. *Mounier* assume que “a pessoa humana é imanência e

transcendência, e seu ser não pertence a ninguém, senão a ela mesma". O desenvolvimento do homem, da realidade pessoal, individual e social, é objetivo básico de toda educação, uma vez que esta consiste em "despertar" pessoas capazes de viver e se engajar como pessoas. Quanto à missão do educador, a posição deve ser de auxílio prestado ao educando com a finalidade de que ele se torne ele mesmo e siga seu caminho como sujeito e não como objeto do processo educativo. A dignidade efetiva e ontológica de todo ser humano exige do educador a constituição de um conjunto de relações interpessoais, passando a autoridade relacional <sup>22</sup>, não mais uma ascendência hierárquica e intelectual, tão presente na educação da sociedade atual.

De acordo com *Mounier* (1967), nessa relação não hierárquica, o ato de aprender para o educador não é uma acumulação de noções e de habilidades, mas um despertar da pessoa, propondo a formação de um personagem e refutando a educação alienante. Também apóia a teoria de que o ser humano não recebe por hereditariedade e nem por sorte, o espírito crítico e a liberdade, pois esse é um movimento interior para a libertação, um processo intra-subjetivo e transcendente, cujas raízes encontram-se na pessoa física e social. É um movimento finito, que se desenvolve em dada situação, numa dada comunidade, que tem como consequência o contingente que é perfectível. Assim, a educação centrada na pessoa concreta e fechada às mudanças se recusará a idealizar o sujeito do processo educativo. (MOUNIER, 1964).

A pessoa humana evidencia um princípio de imprevisibilidade resultante de uma realidade livre, sendo por isso aconselhável propostas pedagógicas mais flexíveis e menos autoritárias. A rigidez de conceitos, de opiniões autoritárias não combina com a concepção personalista da educação, que adota a pluralidade e a diversidade de opções e de respostas, com as quais o indivíduo faz escolhas e decisões pessoais que podem ser compartilhadas com a vida e com dignidade. O personalismo recusa a passividade e os conformismos, recusa o ensino e a educação verbalista. O espírito pedagógico de semelhante relação é mais apto a conduzir o aluno a tomar em suas mãos suas responsabilidades e a criar um ambiente comunitário de participação e cooperação (MOUNIER, 1964).

---

<sup>22</sup> No propósito de trabalhar a experiência relacional do ser pessoa, o que implica a idéia do outro. A relação entre o eu e tu no processo de superação de si mesmo ou despojamento. Numa atitude de abrir-se ao outro enquanto outro.

Porém, despertar no outro um apelo não é tarefa fácil para o educador, assim como tomar consciência em busca da verdade e do crescimento pessoal para a formação do espírito crítico.

O personalismo de *Mounier* apresenta uma possível educação da capacidade de julgamento e do sentido comunitário, orientando a combatividade e a agressividade. A constituição de possibilidade de desabrochamento ou do aniquilamento de uma pessoa é uma possibilidade concreta e possível da educação.

Segundo o pensamento pedagógico de *Emmanuel Mounier*, o despertar da pessoa, do ser humano, da realidade individual e da realidade comunitária, merece muito mais em termos de educação. Nessa linha de pensamento, é fundamental debruçar sobre a função do educador para que venha a desempenhar um testemunho de autonomia e libertação. De posse da compreensão do papel fundamental da filosofia personalista de *Mounier* se pode alcançar a superação da educação que coisifica o ser humano e então ir além das que se perpetuam na história recente da humanidade, que levam o ser humano a sua degradação.

A dimensão do discurso de *Mounier* se situa no terreno da sociedade contemporânea, configurando um campo fecundo para a reflexão acerca das características desse homem nessa sociedade: do homem niilista, narcisista, individualista, consumista, coisificado. Nesse momento que se faz necessário e urgente a re-valorização da pessoa humana, cabe a educação fazer com que a história contemporânea gere um cidadão livre e autônomo.

Visando “formar” indivíduos em estado de libertação por meio da autonomia, responsabilidade e reciprocidade, a filosofia personalista apresenta como proposta uma reflexão acerca do ser humano que se encontra despersonalizado e desumanizado, alicerçado por uma ideologia do individualismo, do consumismo, o que resulta em um ser coisificado, em que pesa sobre ele certas condições específicas de miséria. “Sem dúvida um dos maiores dramas dos nossos tempos é essa diluição, essa trituração do homem, isto é, do indivíduo pela massa” (FONTOURA, 1970, p. 15).

### 3.2 CONTRA A PESSOA: A DESPERSONALIZAÇÃO DA PESSOA

Para alguns autores o mundo moderno está em crise, e para outros o mundo como se apresenta atualmente mostra com mais evidencia suas tensões. Para Keim (2007) as tensões quando se equivalem são percebidas como um estado de equilíbrio e harmonia, mas quando uma das tensões se sobrepõe às demais se instala uma crise.

Ante essa perspectiva, a educação para a superação busca evidenciar e conscientizar a existência das tensões para evitar que ela se transforme em crise.

Apesar disso, para alguns, as tensões e crises são sinônimos e anúncios de mudanças do “*status quo*”, pois partem do pressuposto de que as estruturas e valores significam verdade e toda e qualquer mudança, oposição e antítese, representam um início de desvio da verdade estabelecida. Com isso, as mudanças de ordem social, política, moral, familiar, psicológica, religiosa e econômica assumem uma tonalidade rotulada como perigosa e um sentido de crise no sentido de perda de status e referência.

Diferentemente, outros encaram a crise enquanto sinônimo de vitalidade na finitude. Ser finito significa tender para a realização de sua finitude. Tende para um modo de ser em movimento; Um movimento mais profundo, que consiste na busca de outra realização, de ser-mais. Assim, o ser mais extravasa em forma de busca de aperfeiçoamento das estruturas externas dos valores tidos como socialmente aceitos. Dessa forma, a crise deixa de ser negativa, tornando sinônimo de vitalidade humana. A crise tomada como desejável leva à aceitação de que o ideal é estar sempre consciente das tensões para ter controle sobre as crises e poder gerenciar as mudanças advindas.

Por ser o homem um ser inacabado, que se faz a si mesmo, sem estar sujeito a uma auto-realização determinista, que se constrói por meio de um engajamento livre, colocando permanentemente em crise, suas certezas e verdades, isso o mobiliza continuamente a optar dentro de uma gama de possibilidades. E é sempre na e pela mediação dessas opções críticas que o homem “ser-em-crise” projetará o seu ser e se auto-realizará ou não. Nesse sentido, o homem, será ser em tensão e crise e somente a morte cessará esse processo.

Por isso, o homem é um ser vocacional para as tensões e as crises. A pessoa desejosa de viver de forma pessoal e autêntica, sem anular-se como pessoa, somente pode viver em tensão e crise. Em tensão e crise, o homem se projeta para ser, e é existencialmente o que não é essencialmente.

Em tensão e crise, os homens ficam desorientados, inseguros, sem um caminho pessoal, pois estas circunstâncias se transformam em apelo para uma vida mais autêntica. Nessas circunstâncias cada homem é chamado à fidelidade de si mesmo, a ser o engenheiro de seu próprio caminho.

De tal modo que, o pensamento de *Mounier* nasce destas situações de crise, reafirmando a concretude de seu pensar, referindo-se a uma insustentável desordem estabelecida que se opõe à pessoa tida com harmônica e equilibrada como referência a alienação e omissão.

A desordem estabelecida é uma situação de tensão e crise, na qual se encontra a pessoa no mundo moderno, constituído pela civilização burguesa e individualista. Ou seja, uma situação de impossibilidade do indivíduo alcançar harmoniosamente a condição de pessoa.

De acordo com o conceito mounieriano de pessoa, essa situação pode ser repelida, pois não contribui para o seu desenvolvimento. Uma vez que a pessoa se apreende numa inserção, numa situação original, embarcado num corpo, numa família, num meio, numa classe, numa pátria, numa época, que não foram escolhidas. Numa época para as quais não participaram da escolha.

Essas situações levaram *Mounier* a uma proposta que implica em diferentes situações de análise como, entre outras a desordem estabelecida e o individualismo burguês.

### 3.2.1 A desordem estabelecida e sua continuidade hoje

Mounier (1967) apresenta uma consciência crítica de um mundo, em que os valores morais autênticos estavam solidarizados com a desordem, assim sua tarefa concreta e imediata voltou-se em liberar das mãos dos manipuladores, os valores da pessoa, da família, da pátria e da liberdade. Seu propósito se fazia claro: lutar contra o individualismo e contra o regime do anonimato, da irresponsabilidade, da

dispersão do egoísmo e da guerra, na busca de direções para a revolução personalista.

A desordem é concretizada pela presença da miséria, que esmaga o homem e que revela os pecados de um regime. A experiência a proximidade de Mounier com a miséria é o ponto de partida de sua luta a favor da pessoa. “Eis a chave: quem não sentir a miséria como presença e uma queimadura em si mesmo, farão objeções levianas e falsas polêmicas” (MOUNIER, 1964, p. 82).

A miséria é conseqüência da desordem econômica, gerada por um regime capitalista. A democracia liberal entregue à oligarquia dos ricos, aos bancos, às indústrias, e aos que se apoderam da política, da imprensa, da opinião, da cultura e das representações do espiritual, ditam a todos, as vontades de uma classe. A democracia capitalista dá ao homem certas liberdades que o uso capitalista as retira. Nesse sentido, Moix (1968, p. 157) mostra que o capitalismo “fala de igualdade, mas o que conta para ela é a igual oportunidade de todos na corrida do dinheiro, [...]”.

A desordem não está presente só na economia onde vivem na abundância os privilegiados, enquanto os trabalhadores sobrevivem na miséria. A desordem é também política, onde o dinheiro corrompeu os governos e a política não passa de um jogo de interesses.

Nesse quadro da desordem, *Mounier* apresenta outro alvo, que é o aviltamento dos valores espirituais e sua utilização para encobrir a desordem.

Desordem econômica e política, traição dos valores mais essenciais, tais são os aspectos importantes da desordem, mas o mal parece ser mais grave. Esse mal profundo é a crise da civilização ocidental, e o individualismo é a raiz do mal,

Havia chegado o momento, de levar a cabo uma revolução contra os mitos: tomar consciência, consciência em torno da mentira coletiva e individual. Rechaçar as visões simples e suaves, que representam o mundo como algo polido e confortável. (MOUNIER, 1960, p. 420).

Isto exige uma luta inexorável contra o mundo do dinheiro que constitui a raiz profunda do mal. Ao analisar os sistemas sócio-políticos e econômicos de seu tempo, *Mounier* dá conta das dimensões de crise e de desordem que sofre a sociedade ocidental.

Sentindo a urgência de lutar contra a injustiça e a desordem, em nome de seu compromisso permanente com a verdade, seu objetivo foi de desenvolver no

homem uma identidade que estava diluída em um dos sistemas e estruturas alienantes. Observava Mounier (1964 p. 48-49): “Em primeiro lugar estão os problemas do homem. [...] diminuído por dentro, amenizado por fora. Por tanto tenho que falar do homem”.

A mentalidade burguesa reinante e as estruturas sócio-econômicas do capitalismo liberal daquele momento histórico reduziram o homem a mero objeto de acordo com seus interesses de produção e de provento, ao interno de uma preocupação exclusivista e obsessiva pela ordem e pelo conforto (MOUNIER, 1967, p.446).

A crise européia, da primeira metade do século XX, não era somente de caráter econômico, social ou moral, era uma crise da consciência coletiva. Uma crise espiritual total associada à consciência niilista culminando na convicção existencial da inutilidade da própria existência. A única esperança para o homem ocidental estava na busca da verdade da existência humana e da realidade de sua situação presente.

Ortega e Gasset (1950) apresentam análises semelhantes ao apontar o homem como um ser inseparável de seus condicionamentos históricos, e somente pode salvar-se a si mesmo salvando suas circunstâncias, para isto tem que buscar uma nova filosofia que seja capaz de transcender as dicotomias falsas do racionalismo, do coletivismo e do individualismo, do materialismo e do espiritualismo. Somente uma filosofia que surja de uma concepção vital do homem pode procurar um novo ideal.

A desordem estabelecida é para *Mounier* algo mais que um simples *slogan* publicitário. Uma fórmula paradoxal que expressa sua convicção de que os sistemas políticos vigentes fracassaram em seu objetivo de procurar um mundo mais humano. Devido ao que a civilização ocidental construiu sobre as exigências do espírito burguês. Por tanto, é necessário colocá-lo em descoberto, para poder superá-lo com uma ordem nova.

Nas palavras de Maritain (1933, p. 908)

A desordem estabelecida não afeta somente os assuntos econômicos ou políticos, mas a todo o conjunto da cultura, as relações espirituais, temporal, a concepção mesma que se deve ter da obra do homem aqui e neste tempo da história do mundo. Não afeta somente o regime exterior e visível da vida humana; afeta também, e em primeiro lugar, os princípios espirituais deste regime.



*Mounier* (1964, p. 207) busca uma ruptura com a desordem estabelecida quando proclama: “Para salvar o ocidente, rechaçamos os pecados do ocidente”. A ruptura e a denúncia é uma tarefa urgente.

Nessa tarefa de buscar a gênese histórica da desordem estabelecida, assinala o Renascimento como o começo da decadência individualista. A ideologia do Renascimento enfatiza a autonomia do indivíduo.

O humanismo abstrato do Renascimento está dominado pela mística do indivíduo em todas as suas dimensões. O homem médio do ocidente está moldado pelo individualismo renascentista que perdura durante quatro séculos, em torno de uma metafísica, de uma moral, de uma prática da reivindicação. (MARITAIN, 1933, p. 908).

A época moderna tem sua gênese ideal na concepção humanista da autonomia total e necessária do homem. O liberalismo político e econômico nada mais é que manifestação e consequência da concepção humanística e imanentista da vida que introduziu o Renascimento.

A seqüência histórica Renascimento, Racionalismo, Iluminismo, Liberalismo, Democratismo, culminou na ideologia da Revolução Francesa, cujo objetivo era a busca da ordem política, capaz de conciliar as necessidades conflitantes do indivíduo, da nação e do estado.

A ordem burguesa consagra o utilitarismo e o egoísmo solipsista como sistema de vida e de pensamento, de cuja axiologia surge a moral utilitarista e hedonista, pois o burguês não tem outro objetivo senão o ter.

*Mounier* não trata de criticar somente os sistemas políticos e econômicos, mas toda uma civilização que sofre uma profunda subversão de valores. Observa que não é patrimônio exclusivo de uma classe social determinada, mas há infiltrado em toda massa popular, pois o burguês não é a definição de uma classe, mas de um espírito. Este espírito de projeção utilitarista ignora o amor como dimensão essencial da pessoa.

### 3.2.2 O individualismo burguês

*Mounier* critica o espírito burguês. Aponta que este é um dos sinais da decadência européia, também denominado de mal da civilização. Não critica o grupo social como tal, dado que os homens são diversos, porém o individualismo é a raiz

deste espírito e o seu instrumento econômico e social localiza-se no mundo do dinheiro.

O individualismo colocou no lugar da pessoa uma abstração jurídica sem ligação, sem trama, sem contorno, e sem poesia, intercambiável, que se entrega às primeiras forças que chegam. O individualismo proclamou a suficiência do cidadão reivindicador e rechaçou o mistério e a chamada das presenças espirituais. (MOUNIER, 1967, p. 208).

O burguês criou um tipo de humanidade, contaminando todas as camadas da sociedade. O espírito burguês encontra-se em todos os meios, pela criação de valores, exaltando valores como a coragem, a iniciativa, a fidelidade. Instalam-se nas suas conquistas, guardando a ilusão do que conseguiu, se contentando com o adquirido e o corrompido pelo dinheiro. O espírito burguês atingiu um período brilhante, porém ao ficar à mercê do dinheiro e do individualismo encontrou sua decadência.

Essa concepção individualista da burguesia tem origem no período Renascentista, ao propor libertar o indivíduo da opressão social na qual o homem se encontrava e que desta poderia se revoltar impulsionado pelo desejo de liberdade. O homem revolta-se contra o aparelho social e espiritual, torna-se e sente-se senhor do mundo. No entanto, mesmo com as exigências de libertação da pessoa, cai numa concepção limitada, iniciando sua própria decadência.

O capitalismo possibilitou aos burgueses grandes conquistas e aventuras, porém as riquezas adquiridas amorteceram as coragens, abrindo o período das facilidades. Os valores de conforto substituíram os de criação, levando o ideal individualista à perda de seu sentido, contagiando primeiro as classes dirigentes e depois as classes populares. “A este espírito que nós chamamos burgueses por causa de suas origens e que nos parecem como antípoda mais exato de toda espiritualidade” (MOUNIER, 1964, p. 27).

O homem burguês ou o homem de espírito burguês perdeu o sentido de ser. Este homem somente se move entre as coisas e as coisas utilizáveis, desmoronando o universo das virtudes, refugiando-se em um pequeno sistema de tranqüilidade psicológica e social: felicidade, saúde, bom senso, equilíbrio, conforto. Sendo conforto o valor último, a moral da ação, tornando para o burguês o que o heroísmo era para o período Renascentista, a santidade para o Cristianismo.

O individualismo ao se isolar e se aviltar marca a decadência do próprio indivíduo, num exercício de dissociação do espírito e do material, numa dicotomia. Dessa dicotomia o homem se separa de toda transcendência. Assim, a única metafísica válida é sua adaptação biológica e social: a felicidade fácil, resultando em uma moral reduzida única e puramente à aquisição individual da segurança, de religião servida pela técnica industrial.

Levado ao extremo, o individualismo produz o egoísmo. Não existe a gratuidade, até mesmo a comunicação mútua é comercializada, desencadeado e gerado pelo dinheiro, que separa os homens e leva ao endurecimento do coração. Uma vez que o que tem validade para o burguês é o sucesso individual, gerando um clima de rivalidade. No lugar da virtude nasce a avareza, a indiferença com o outro, a ferocidade pelo ter. O burguês perde o senso de ser, faz para si o mundo à sua medida, sem mistério, um mundo do qual somente ele participa.

Gozar dos prazeres do ter [...] sem querer para si, por um enriquecimento do ser, as condições primeiras da posse do mundo “[...] resta saber se o homem pode atingi-la apenas por suas forças”, é que o ter é assíntota do ser, se esquece no ser, onde eu não possuo senão porque primeiro não sonhei em ter mais em ser, isto é, amar. O burguês deixa voluntariamente definir como proprietário. A única coisa que ele faz é querer ter, para evitar ser. No entanto, os pobres em espírito possuem o mundo. (MOUNIER, 1967, p. 290).

O Ter abafa o Ser para o Burguês. Se o “Ter” não for ultrapassado ele se degrada irremediavelmente, uma ameaça presente em todo o cerne de toda posse. O burguês é alguém que não quer ter mais o que conquista ou luta, é possuído pelos seus bens e não o contrário. É um homem de felicidade medíocre, da tranqüilidade a qualquer custo, mantendo-se à margem do infortúnio e do pecado social.

O denominado pequeno burguês, que ainda não é rico, cuja facilidade no uso do dinheiro não é seu domínio completo é o rico de intenção e desejo. Leva uma vida de tensão, visando aquisição de mais bem-estar. Mas que, por meio da economia, almeja chegar ao bem estar. Liga-se mais na reputação do ter do que do ter propriamente. Uma forma do ter desviado do ser.

O amor para o burguês não tem sentido, pois o senso do outro desaparece. Enquanto a religião tem como única função assegurar a ordem social, substitui a caridade pela ordem. Seu temor é o código da tranqüilidade social, abraçando uma

postura de conservador, por temer que os acontecimentos incomodem sua tranqüilidade. O temor e medo da morte e certo pacifismo são frutos da obsessão: sonho de aposentadoria.

Por detrás dessa concepção de burguesia encontramos o idealismo que remonta ao dualismo cartesiano. O idealismo burguês é a própria negação do sentido da encarnação, fundado sobre o divórcio entre o espírito e a matéria, entre pensamento e a ação. A exploração assegura o bem-estar material. O espírito desligado do real utilizado como muralha contra a inquietude (MOUNIER, 1964, p. 32).

O humanismo burguês degrada simultaneamente o espírito e a matéria, transformando o espírito em espírito desencarnado, apegado às ilusões, a paraísos artificiais. Uma coisificação das relações com o mundo exterior, numa intensa obsessão na busca do ter, revelando um idealismo de fachada e um materialismo prático.

O humanismo burguês corrompe a um só tempo o espírito e a matéria, aumenta a decadência fazendo o espírito desaguar no idealismo desencarnado, esvaziando o espiritual. Faz com que os que levam a uma vida de trabalho e de luta, de insegurança e de desprezo, abominem o espírito e adotem o materialismo, e também o discurso burguês.

### 3.3 PRESSUPOSTOS DA FILOSOFIA PERSONALISTA PARA OS DILEMAS CONTEMPORÂNEOS

Esse momento é dedicado à apresentação de alguns pressupostos para a superação e a convivência com os desafios contemporâneos por meio da educação num mundo mediado pelo mercado e pelo individualismo. Apresenta situações que desafiam a todos aqueles que se preocupam com a pessoa e o futuro da antroposfera. Esses dilemas são destacados como alerta e motivação, para efetivação de uma educação que possa propiciar um futuro mais promissor e garantir à população o direito no contexto da planetarização.

- O cotidiano se caracteriza como uma era digital, em que se desmaterializam as informações e as relações se estabelecem apenas pela imagem

e pelo som, sem a possibilidade do toque real e pessoal. A ampliação desses meios de comunicação faz com que as pessoas tenham tal oferta de informação, o que dificulta o controle da qualidade e de confiabilidade dos conteúdos e dos conhecimentos apresentados, podendo-se dizer que o excesso de informação gera desinformação. Esse fenômeno implica de certa forma, num enfraquecimento do poder e da capacidade de atuação desses conhecimentos, para gerar um desenvolvimento confiável e seguro;

- Os fundamentalismos religiosos, políticos, econômicos e étnicos geram muitas guerras, mortes, miséria e marginalização, principalmente pela imposição de posições unilaterais e não admissão da possibilidade das diferenças, fundamentais para a complexidade da vida;

- Uma globalização apoiada na crença de que a riqueza é o valor supremo e de que se deve levar vantagem em tudo, impõem regras que devem valer para todos os países e segmentos sociais que carregam os valores e os interesses de quem tem mais poder e mais força (coerção e imposição);

- A ampliação dos recursos desencadeou o aumento da população de pessoas idosas, ameaçando os sistemas de previdência, levando a sociedade a desenvolver programas e projetos diferentes daqueles desenvolvidos até a década de 1990. Deve-se considerar a possibilidade de os referenciais do mercado e do trabalho ser um grande equivoco. Nessa perspectiva, a educação personalista para o idoso pode vir a se caracterizar como um desafio para fazer algo diferente e inusitado;

- A lógica fundamentada pela racionalidade da vantagem e do lucro, que gera e amplia o individualismo e a coisificação do ser humano, deve ser superada, numa mudança que viabilize ações de rupturas com as políticas de descaso com a vida;

- Considerar os aspectos vitais, que se apresentam como princípios essenciais para os processos educativos:

- Pensar filosoficamente;
- Assumir responsabilidades;
- Romper com as dependências;
- Estimular a criatividade; a capacidade de auto-significação da vida;
- Refletir acerca da fragmentação no cotidiano;

- Aceitar o fim das certezas;
- Refletir e compreender a ética como elemento para a liberdade e autonomia;
- Valorizar as pessoas;
- Assumir o compromisso com eu-outro-mundo;
- Valorizar as construções, porém subjugadas ao ser;
- Promover a vida;
- Ter a historicidade como dimensão mediadora;
- Ter ações apoiadas na solidariedade e na inclusão, ter o outro como referencial;
- Promover a autonomia e a liberdade para nortear forças e poder.

#### 4 NEOLIBERALISMO NA EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO PERSONALISTA

Este capítulo traça um cenário da educação contemporânea que se apresenta como processo de despersonalização do homem, devido a lógica neoliberal, que desconsidera os pressupostos já citados anteriormente, como representativos para uma educação para a superação e convivência com os desafios contemporâneos.

Se por “capitalismo” se indica um sistema econômico que reconhece o papel fundamental e positivo da empresa, do mercado, da propriedade privada e da conseqüente responsabilidade pelos meios de produção, da livre criatividade humana no setor da economia, a resposta é certamente positiva, embora talvez fosse mais apropriado falar de “economia de empresa”, ou de “economia de mercado”, ou simplesmente de “economia livre”. Mas se por “capitalismo” se entende um sistema onde a liberdade no setor da economia não está enquadrada num sólido contexto jurídico que a coloque a serviço da liberdade humana integral e a considere como uma particular dimensão desta liberdade, cujo centro seja ético e religioso, então a resposta é sem dúvida negativa. (JOÃO PAULO II, 1992, p. 42).

De acordo com essa referência, observa-se que a educação pode ser utilizada como um meio de promoção do resgate da pessoa, num mundo dominado pelo culto ao individualismo.

Essa proposta tem como foco a possibilidade de uma vida humana reconstruída a partir dos projetos históricos e de uma educação para o “despertar” da pessoa, num contexto desafiante de enfrentamento à economia de mercado. Também aponta para a libertação com autonomia numa sociedade ampla e complexa regida por uma economia que centraliza a vida.

Analisando a educação na sociedade atual, observa-se que a mesma é relegada a um plano inferior quando se trata da concretização de fato do que se verifica na legislação. Essa observação possibilita o encorajamento para a reivindicação de um processo de superação impulsionado pelo resgate do valor da pessoa. Essa pessoa, ao se reconhecer numa sociedade de economia competitiva, como ser alienado, poderá por meio de uma efetiva educação para a pessoa, adquirir as condições necessárias para aquisição de competências e atitudes que favoreça sua interdependência.

O indivíduo ao se conscientizar de sua alienação, segundo os moldes do individualismo burguês tem a oportunidade de perceber quais os fatores

responsáveis por sua opressão e assim tem a possibilidade de redescobrir novas formas de atuação, que não seja para servir aos interesses da produção e ao lucro de uma minoria privilegiada.

Reconhecer essa dependência do sistema de mercado é fator preponderante para a reorganização e superação do individualismo exacerbado da coisificação do ser humano e se configura como uma possibilidade de resgate da pessoa, capaz de redescobrir o amor por si, pelo outro e pelo mundo.

A tomada desta posição em prol da pessoa ajudará a identificar a lógica do capitalismo clarificando suas formas de intervenção nas decisões políticas, na direção das metas sociais, lembrando que essas intervenções não surgiram dos desejos e das necessidades do ser humano, mas sim da lógica de mercado.

Sob essa lógica econômica a dimensão da pessoa é esvaziada. Com a idealização do “*homo economicus*”, o pensamento econômico assumiu extraordinária autonomia, neutralizando as consciências subjetivas, representando a carência humana com os estereótipos do individualismo burguês. Ou seja, o individualismo burguês nada mais é do que o resultado da aplicação do sistema capitalista no aproveitamento da carência humana, numa conversão legitimada pela economia de mercado do ser humano em um ser egoísta.

O ser humano ao cair no individualismo burguês fragmenta os valores, servindo assim, aos interesses particulares, tornando-se refém de um sistema que bloqueia sua condição de construtor e de quem repõem sua dignidade.

Resgatar a pessoa imersa numa economia de mercado para uma perspectiva de um ideal de sociedade não excludente, por meio de uma educação para a superação do individualismo pode ser uma alternativa de mudança cultural e política.

Essa mudança somente é possível com o reconhecimento e o desmascaramento da alienação e da denúncia da lógica do mercado, para assim anunciar categorias econômicas mais humanas às quais dependem de uma conversão pessoal, de um testemunhar, de ações empreendedoras e de uma educação efetiva.

A conjugação de possibilidades do processo de superação, impulsionada por uma educação para a libertação, é capaz de proporcionar o resgate da pessoa e favorecer o surgimento de uma sociedade calcada na cooperação e que seja capaz



de romper com as relações geradas pelo individualismo burguês e a predominância da cultura do ter e do consumir.

O predomínio da cultura do ter numa economia de mercado que se diz autorregulador, apenas exacerba nos seres humanos a competição e o consumo. Isto é: o mercado se regula para se manter independente das conseqüências externas de suas ações, apoiada por uma educação utilitarista. Em conseqüência, a cultura do ter, ao instrumentalizar a educação para legitimar os interesses econômicos, gera posturas individualistas e narcisistas. É dessa forma que o sistema de mercado neoliberal se utiliza da educação para se absolutizar.

Para que a superação dessa cultura se viabilize pela via da educação é importante que a sociedade aprenda a reorganizar a vida individual e a vida em comunidade, em prol de novos valores capazes de derrotar os efeitos da competição e do consumo, visando o despertar da pessoa.

Nessa dinâmica, a missão da educação é prevenir a liberdade contra o reducionismo econômico, de lutar para a implementação e a ampliação do espaço da educação solidária, para uma melhor qualidade de vida, de tal forma que refute a educação moldada exclusivamente pelo poder.

A educação mounieriana tem como principal objetivo guiar o homem para que, em seu desenvolvimento, se torne pessoa e que a ele seja acessível o patrimônio espiritual da sociedade e da civilização a que pertence.

*Emmanuel Mounier* propõe a libertação como a maior inspiração humana, cujo papel fundamental é de propiciar a conquista da liberdade interior e espiritual, utilizando da aquisição do conhecimento, do desenvolvimento da sabedoria e do amor. Ou seja, a educação como processo de humanização confrontando e tentando superar uma educação que não contribui para um novo tipo de pessoa e de sociedade, cuja preocupação primeira não é a formação humana.

Ao se caracterizar como alicerce para a formação humana, a educação para a superação, almeja formar o cidadão, para que no exercício de sua responsabilidade, construa e trabalhe para o surgimento de um mundo menos excludente.

Com base nessa perspectiva para a educação, *Mounier* propõe um novo humanismo, no qual o homem se define por sua responsabilidade perante os outros e a história.

Com tal demanda, a educação deve favorecer as condições que propiciem ao educando o desenvolvimento de sua inteligência, a concentração no trabalho e na organização interna da personalidade e com a interiorização na busca de unificação, para assegurar e cultivar a unidade interior por meio de um novo renascimento.

Quando *Mounier* propõe um novo renascimento, se refere à convicção de que o crescimento do capitalismo deturpou o sentido mobilizador do renascimento e para viabilizar o entendimento da proposta de um novo renascimento, é importante a compreensão histórica da Idade Moderna desde seu início. Para *Mounier*, esse período se apresenta como uma história de progressivo desencantamento.

A partir do século XVI, a mentalidade científica tornou os indivíduos verdadeiros estrangeiros, seres não-integrados em relação aos fenômenos do mundo. Inovações capazes de questionar a visão da realidade foram decisivas para abalar a forma dominante do pensamento vigente. Essa forma pode ser descrita com palavras como desencantamento e não-integração, ao estabelecer a separação entre corpo e a mente, formando uma consciência alienada no sentido da impossibilidade de promoção de uma fusão harmoniosa entre corpo e mente, mas sim sua separação. Corpo e mente, sujeito e objeto, são encarados como pólos opostos, antagônicos. Essa maneira de ver o mundo transforma-se em um sentimento de coisificação: tudo é objeto, entranho não-eu. O “eu” é um objeto, um ser à parte em meio a tantos seres.

Nos últimos séculos, essa concepção destruiu, no plano psíquico e físico, o sentimento de integração do homem em sua relação com a natureza, gerando a coisificação do homem e a quase destruição ecológica do planeta. A razão iluminista, que visava à emancipação dos indivíduos e o progresso social, terminaram por levar a uma maior dominação das pessoas em virtude do desenvolvimento técnico-industrial. Assim, a razão controladora e instrumental, própria da razão iluminista, busca a dominação tanto da natureza quanto do próprio homem.

Conforme *Mounier*, a esperança se configura como a possibilidade de promover o re-encantamento do mundo, como meio de re-encontro, na medida em que for realizada uma crítica ao antropocentrismo, na negação de que o homem seja superior aos seres da natureza.

Alicerçada no argumento de que a razão humana conduz a humanidade a graves problemas, leva ao abandono da perspectiva humanista e também ao estímulo do desenvolvimento da razão controladora e instrumental predominante na sociedade contemporânea, resultando na deturpação das consciências individuais e na assimilação dos indivíduos ao sistema social dominante.

Nas palavras de Horkheimer (1895-1973) e Adorno (1906-1969)<sup>23</sup>, o projeto iluminista da modernidade desembocou na razão instrumental, como uma racionalidade que burocratiza, que dirige as vidas e as consciências dos indivíduos, em decorrência da morte da razão crítica, asfixiada pelas relações de produção capitalista.

Por seu realismo integral, *Mounier* (1967) aponta uma necessidade de se criar uma educação comprometida com a construção da dignidade humana que seja dialogal e criadora. Chamada a promover a pessoa humana, de assegurar o bem da sociedade terrestre e construir um mundo sempre mais humano, frente a uma sociedade estruturalmente marcada pela injustiça, dependência e opressão. Uma educação libertadora, na qual cada um é sujeito de sua própria educação.

Mounier propõe uma educação que transforma o educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento. A educação como chave para libertar os povos de toda escravidão e fazê-los subir “de condições mais humanas, levando em conta que o homem é o responsável e o artífice principal de seu êxito ou de seu fracasso. (CELAM, 2007, p. 74).

Uma educação que vise não somente alfabetizar, mas também despertar o homem, convertendo-o em agente consciente do seu desenvolvimento integral. A educação enquanto atividade eminentemente humanizadora, que humaniza e personaliza o homem ao desenvolver o seu pensamento e sua liberdade, fazendo-o frutificar em hábitos de compreensão e comunhão com a totalidade da ordem real. Dessa forma, o homem humaniza seu mundo, produz cultura, transforma a sociedade e constrói a história.

A educação proposta por *Mounier*, enquanto humanizadora, na integração do homem em sua realidade, torna-o crítico desta realidade, convertendo-o em sujeito da sua história, colocando-o a serviço do desenvolvimento da comunidade.

---

<sup>23</sup> Fundadores da Escola de Frankfurt.

Insiste *Mounier* que a educação é um processo dinâmico que dura a vida toda da pessoa, que recolhe a memória do passado, ensina a viver o presente e se projeta para o futuro, alicerçada, sobretudo em valores que libertem o homem.

Para ele, diante da técnica e da ciência, devam ser criados caminhos para o diálogo, sem abrir mão do projeto humanizador, com propostas de uma educação mais fraterna, que eduque para a solidariedade e não para a competição, e para a promoção da união.

Acima de tudo a educação personalista visa desenvolver uma sensibilidade para com o papel do homem na sociedade, e para formar o cidadão, a pessoa e o sujeito.

O homem, na filosofia personalista é um ser relacional, social. Um ser aberto para o mundo e que se faz num contínuo processo. Um ser que se interroga e responde. Um ser singular, criativo, uno. E, sua vida transcorre na história e na cultura, assim seu destino está além da história. É um ser complexo, que age no mundo do qual faz parte, mas que o transcende pela sua dimensão de abertura para o infinito.

Da plena realização, o homem sente-se impelido a procurar o fundamento do mundo e nele o sentido da própria existência. Desta forma, a educação pressupõe uma reflexão sobre a pessoa humana situada e datada, sendo impossível compreendê-la fora de seu tempo e de seu espaço e dos relacionamentos com a sociedade que a envolve.

O homem é um ser em busca de sentido. A atividade humana gera sentido, pois expressa a capacidade própria do ser humano compreender e interferir no mundo.

É através da educação que o ser humano inacabado evolui, em direção à plena realização de si mesmo, na comunhão com os outros e pela liberdade tem a possibilidade de realização plena do seu ser, pois a liberdade é a capacidade de dispor de si mesmo.

*Mounier* descreve que a problemática que afeta a vida humana se refere a uma crise de valores dentro de uma sociedade extremamente materialista, narcisista e individualista, porém a sua proposta de educação não aponta soluções a esta crise. No entanto, devido ao seu caráter humanitário, possui a tarefa de contribuir para que a sociedade seja mais bem estruturada ao apresentar novas perspectivas.

No que tange aos dias atuais marcados pelo neoliberalismo, cujos tentáculos atingem a educação de forma utilitarista e competitiva, a educação reproduz o sistema capitalista, onde os melhores e mais capacitados têm vez. Somente os que se destacam têm trabalho e oportunidades, pois a sociedade de consumo assimila somente os que aprenderam os mecanismos e modos de sobrevivência para competir e produzir.

Diante desse cenário, o resgate da filosofia da educação personalista se apresenta como uma possibilidade para a reformulação de uma educação que leve ao enfrentamento da servidão ao capital. Um sistema reprodutivo, que marginaliza, exclui e coisifica o ser humano.

A educação proposta por *Mounier* pode ser tomada como importante peça na reformulação de uma nova humanidade, enquanto uma idéia motriz, capaz de integrar capacidades e de colaborar na criação de um modelo educacional humano.

Na sociedade marcada pelo desemprego, pela competição, pelo individualismo exacerbado a educação é chamada a olhar o ser humano no seu presente, na tentativa de contribuir para a formação da pessoa. E, por ser de vocação humanista, a educação personalista vem contribuir para o despertar de pessoas solidárias, frente ao perigo de viver num clima do “salve-se quem puder”. Contribuir para despertar a compaixão, a cooperação como forma de construir uma sociedade mais justa.

Na atual conjuntura, não há tempo para nostalgia e para sonhar com a educação do passado. Os desafios são diferentes e este sistema não pode se perpetuar, se ele não formar seus sujeitos-portadores. A educação que cumpre a função de reproduzir o sistema neoliberal, adaptando os homens a ele e fazendo com que ajam segundo suas regras, deve ser confrontado e superado. A filosofia personalista aponta para essa via de superação.

A proposta do personalismo é um provocativo convite à reflexão acerca dos caminhos e descaminhos da educação atual, a qual poderá vir a contribuir para desvendar a realidade aparentemente irreversível.

Assim, investigar a filosofia personalista fornece os meios necessários para super o mercantilismo e o descompromisso da educação em tempos de neoliberalismo. A importância dessa questão está no fato de que a superação não representa resposta definitiva, uma vez que essa educação poderá formar tanto profissionais amplamente envolvidos no que faz e nas razões de suas ações, quanto

poderá desencadear profissionais alienados executores de planos elaborados por outros. De acordo com Gentili (1995, p. 35),

Em nossas sociedades dualizadas os melhores acabam sendo sempre as elites que monopolizam o poder político, econômico e cultural. Os “piores”, são as grandes maiorias submetidas a um aumento brutal das condições de pobreza e a uma violência repressiva que nega não apenas os direitos sociais, mas, principalmente, o mais elementar direito à vida.

Uma vez entendido o neoliberalismo, como processo de construção hegemônica, e entendido a forma de pensar e de projetar suas políticas educacionais, talvez seja possível traçar estratégias para sua superação. Entretanto, o conhecimento e reconhecimento da lógica do neoliberalismo, não é o suficiente para refrear a sua força, porém conhecer seus mecanismos pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias de superação e minimização de suas conseqüências.

Na perspectiva neoliberal, os sistemas educacionais enfrentam uma profunda crise de eficiência, eficácia e produtividade. Os defensores do projeto neoliberal evidenciam que o processo de expansão da escola ocorreu de forma acelerada, sem a garantia de uma distribuição eficiente dos serviços oferecidos. Segundo essa perspectiva, a crise da educação é resultado de sua expansão desordenada, sendo então, resultado da improdutividade por parte das práticas pedagógicas e de gestão administrativas dos estabelecimentos escolares. Segundo essa perspectiva os sistemas educacionais atuais não enfrentam uma crise de democratização, mas sim uma crise gerencial. Os problemas enfrentados, tais como o mecanismo de exclusão e de discriminação existente ocorre devido à ineficácia da escola, da incompetência dos que nela trabalham. Isso acarreta a promoção de mecanismos de iniquidade escolar, ou seja, de evasão, de repetência, do analfabetismo funcional e outras mazelas.

A cultura neoliberal adota a democracia como um sistema político que deve permitir aos indivíduos desenvolver a capacidade de livre escolha na única esfera que garante e potencializa a capacidade individual: o mercado.

A construção desse mercado constitui os desafios que as políticas neoliberais assumirão no campo educacional. Um mercado marcado pelo dinamismo, pela flexibilidade, que garante a eficácia e a eficiência, contrapondo ao modelo escolar rígido, caracterizado pela incapacidade de promover a competição

interna e o pelo desenvolvimento de um sistema de prêmios e castigos com base no mérito e no esforço individual dos atores envolvidos na atividade educacional.

A crise no campo educacional deriva da dependência dos sistemas educacionais da esfera do Estado, que não atuando como mercado conduz a uma única saída, ou seja, a operação estratégica do neoliberalismo nesse sentido consiste em transferir a educação da esfera política para a esfera do mercado.

Dessa forma, ocorre a re-conceitualização da noção de cidadania, pois ao revalorizar a ação do indivíduo, enquanto proprietária, enquanto indivíduo por conquistar, comprador de propriedades/mercadorias, transforma a educação numa destas mercadorias/propriedades, gerando um clima de competição individual. E, assim, garante o chamado progresso social. Nas palavras de Silva (1996, p. 22): “Os neoliberais priorizam tudo, inclusive também o êxito e o fracasso social”.

Na visão neoliberal, a crise no campo educacional é responsabilidade da sociedade. A sociedade ao aceitar como natural e inevitável o status quo, o sistema improdutivo de intervenção estatal, resulta na aceitação como natural de que os pobres são os culpados pela sua pobreza, os desempregados pelo desemprego, os favelados pela violência urbana, os pais pelo rendimento escolar de seus filhos, os professores pela qualidade sofrível do ensino.

Nessa perspectiva a palavra de ordem é competir, numa lógica competitiva promovida por um sistema de prêmios e castigos, uma vez que, a maioria dos indivíduos não reconhece as vantagens oferecidas pelo mérito e tampouco o esforço individual através do qual se triunfa a vida. Pois, na sociedade moderna somente os melhores triunfam.

Em função disso, para o neoliberalismo, a escola funciona mal porque as pessoas não reconhecem o valor do conhecimento, somado ao fato de que os professores trabalham pouco e também porque fingem que ensinam e os alunos fingem que aprendem. Assim, somente os meritórios e os que se esforçam individualmente, se consagram como consumidores empreendedores, configurando, assim, num verdadeiro mercado educacional.

O sistema neoliberal implica em estratégias eficientes para possibilitar a construção de um mercado, de promover a materialização dos princípios meritocráticos e competitivos, como também, o estabelecimento de políticas educacionais, que permitem estabelecer critérios para avaliar a pertinência das propostas de reforma escolar.

É o mercado de trabalho quem emite os sinais que permitem orientar as decisões em matéria de política educacional. É a avaliação das instituições escolares e o estabelecimento de rigorosos critérios de qualidade<sup>24</sup>. O “que permite dinamizar o sistema através de uma lógica de prêmios e castigos que estimulam a produtividade e a eficiência. (GENTILI, 1995, p. 41).

Na perspectiva de subordinar a educação às necessidades do mercado, ao pensar e avaliar a educação como empresa produtiva, tanto o conhecimento, quanto o aluno, o currículo e as suas práticas, são tomadas como produção, como mercadoria específica. Por isso, são submetidas aos critérios de avaliação de qualquer outra empresa, na expectativa que a educação atinja o sucesso comprovado do mundo dos negócios.

Vale ressaltar que, dentro dessa perspectiva, o educando jamais será tratado como sujeito, mas como um simples objeto do processo educativo.

O campo educacional produz os mesmos efeitos produtivos das empresas, portanto, também passa pelos ajustes do mundo dos empregos, como promover a empregabilidade e a capacidade flexível de adaptação individual às demandas do mercado de trabalho. Em decorrência disso, ao oferecer o instrumento para competir no mercado, à educação esgota sua função social. Assim, a escola esgota sua função social no momento em que o indivíduo se lança ao mercado para lutar por um emprego.

No contexto neoliberal, o campo educacional envolve um conjunto de problemas pedagógicos, desconhecidos por eles, mas resolvidos de forma eficiente tal como ocorre no campo empresarial.

Decorrentes das políticas neoliberais, dois processos produzem impacto nas políticas educacionais. O primeiro processo decorre da dificuldade diante da impossibilidade de manter e de expandir mecanismos democráticos de governabilidade, enquanto o segundo processo decorre do aumento da violência social, política e econômica contra setores populares.

Também forma um tecido social marcado pelo individualismo e pela ausência de solidariedade coletiva no interior das sociedades neoliberais, num processo de desagregação e de desintegração social presente em todas as instituições educacionais. Instituições educacionais promotoras e difusoras dessa

---

<sup>24</sup> O conceito aqui formulado pelo neoliberalismo decorre das práticas empresariais transferidas para o campo educacional. Dessa forma, as instituições escolares são pensadas e avaliadas como empresas produtivas.



nova forma de individualismo exacerbado e da coisificação do ser humano. Conforme apresenta Gentili (1995, p. 60):

Em suma, os governos neoliberais deixaram e estão deixando nossos países muito mais pobres, mais excludentes, mais desiguais. Incrementaram e estão incrementando a discriminação social, racial, sexual, reproduzindo os privilégios das minorias. Exacerbam e estão exacerbando o individualismo a competição selvagem, quebrando assim os laços de solidariedade coletiva e intensificando um processo antidemocrático de seleção natural onde os “melhores” triunfam e os “piores” perdem.

No campo educacional o problema é grave, requerendo dos profissionais da educação uma luta efetiva contra as políticas neoliberais que excluem e marginalizam. Constitui um dos desafios, a desarticulação da racionalidade natural do discurso neoliberal. Constitui um desafio a possibilidade de construir uma nova hegemonia que dê sustentação material e cultural a uma sociedade plenamente democrática e igualitária.

Diante do exposto, a proposta de educação apresentada por *Mounier* nunca teve tanta possibilidade de ser aplicada numa luta contra esse sistema de exclusão social, para uma possível superação desse sistema que rompe com as bases de sustentação democrática do direito a educação e a concretização de uma sociedade igualitária. Na tentativa de romper com a resposta neoliberal, que na visão de Pablo Gentili (1995, p. 97) é,

Simplista e enganadora: promete mais mercado quando, na realidade, é na própria configuração do mercado que se encontram as raízes da exclusão e da desigualdade. É nesse mercado que a exclusão e a desigualdade se reproduzem e se ampliam. O neoliberalismo nada nos diz acerca de como atuar contra as causas estruturais da pobreza: ao contrario, atua intensificando-as.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINALIZADORAS PARA UMA EDUCAÇÃO PERSONALISTA

Esse estudo foi uma reinvenção de Mounier, com a ultrapassagem da leitura de suas obras e recriando-o de acordo com as demandas pedagógicas e políticas da realidade brasileira e encarando a história e as idéias como uma possibilidade. Conforme diz

A história é sempre uma possibilidade, nunca congelada. O mesmo aplica as minhas idéias. O minuto em que se congela a história ou as idéias, também se eclipsa a possibilidade da criatividade e solapa a possibilidade do desenvolvimento de um projeto político. (PAULO FREIRE, 1997, p. 70).

Nesse capítulo apresenta-se a dimensão pedagógica fundada sobre o contínuo movimento de personalização do homem, e também os pressupostos de uma educação de inspiração personalista mounieriana.

*Emmanuel Mounier*, crítico, polêmico e comprometido com a realidade histórico-social, oferece uma proposta fecunda para o questionamento e reflexão sobre a educação comprometida com o sistema político-econômico vigente, ou seja, a educação enquanto expressão da dominação do capital.

*Mounier* apresenta a possibilidade da educação da pessoa para que essa seja a construtora de uma sociedade menos miserável. O autor acompanha o evoluir histórico, demonstrando que a educação não tem uma história à parte. Nesse sentido, a educação segue as necessidades dos diferentes momentos do processo de acumulação e reprodução capitalista. Assim, a educação vigente não tem o pretensível caráter humanista, transformando-se em instrumento de alienação.

A percepção crítica de *Mounier* não permanece apenas no combate a educação que oprime e aliena o ser humano, mas ainda adverte o trabalho sutil e contínuo para a conservação da estrutura de dominação.

*Mounier* se introduz no universo da educação submetida aos interesses dos dominantes, descrevendo o complexo dinamismo das forças que mantêm a todo custo o “status quo” e a domesticação dos oprimidos.

Ao afirmar que o personalismo é acima de tudo um convite a ação, se propõe uma pedagogia do compromisso, que se dá com a aquisição da consciência e da conscientização do compromisso. O primado da educação para a realização da

pessoa, ou melhor, para a construção da personalidade. E, se o homem é pessoa, por isso não pode ser considerado um objeto, senão violentando-o na sua íntima natureza. Diante disto, o personalismo não pode senão colocar o seu compromisso como educativo para o homem, para a restituição do homem ao homem e da comunidade ao homem.

O autor personalista fornece uma visão dos problemas relevantes ligados à educação. Capta o sentido político e ideológico o qual é desvelado, ressaltando a necessidade da apreensão do saber acompanhado da reflexão crítica, único meio para que o homem se torne um ativo transformador do mundo.

Vale observar, que sendo o autor um intelectual anti-acadêmico, as suas idéias contêm um apelo à ação transformadora e se insere na luta contra as múltiplas formas de dominação, de despersonalização.

Segundo *Mounier*, educar é construir o pessoal e sua afirmação. Nesse sentido, o educador deverá colaborar para o “despertar” da pessoa em sua integralidade, na realização de uma educação que tenda essencialmente ao questionamento crítico do sistema existente e não à sua reprodução. Para o “despertar” e o desenvolvimento da criatividade e não à adaptação e à assimilação.

Portanto, para realização dessa educação se deve considerar:

- A cultura brasileira;
- A reflexão acerca do ato criador deve encontrar lugar tão eminente quanto o das ciências e das técnicas;
- A prospectiva, como reflexão sobre os fins, os valores e o sentido do futuro em vias de nascer, como tomada de consciência de nossa responsabilidade nessa criação;

De acordo com as reflexões evidenciadas por *Mounier*, o objetivo da educação personalista deve ser a pessoa afirmada, consciente, crítica, comprometida com a coletividade. Desse modo propõe:

- Uma proposta das estruturas do universo pessoal;
- Nos elementos para a personalização da pessoa: a comunicação, o cultivo da interioridade, valorização do outro;
- Na liberdade: conceito chave no desabrochar e na afirmação Pessoal;
- No experienciar do ser pelo pensar: o próprio pensar, como ouvir (atenção) e ver (captação) das coisas;

- No papel do docente, enquanto ponte para o aluno no “despertar” da pessoa;
- Na comunidade, a qual deve proporcionar ambiente para a comunicação e o desabrochar de todos.

Na concepção de *Mounier*, a escola não pode visar, primeiramente, a instrução nem somente à preparação pura e exclusiva de uma profissão ou do desenvolvimento de determinada função social, nem do desenvolvimento de uma personalidade.

O desenvolvimento do homem, realidade pessoal, individual e social constitui um dos objetivos primários e básicos de toda educação, uma vez que consiste em “despertar pessoas capazes de viver e de se engajar como pessoa” (MOUNIER, 1967, p. 550).

O personalismo mounieriano é completamente centrado na pessoa humana, não isolada. Como conseqüência, a missão do educador está em prestar auxílio ao educando com a finalidade de que este se torne ele mesmo, que siga seu caminho, tratando-o como sujeito e jamais como simples objeto do processo educativo. Para que o ato de aprender não seja um ato de acumulação, mas o de apreender mais ou menos noções e de habilidades, o mestre objetiva um despertar da pessoa, e não se proporá, inconsciente ou intencionalmente, a formação de um produto ou de um consumidor de bens de toda ordem.

Para o personalismo, a criança e o adulto não adquirem por um fenômeno hereditário ou pela sorte o espírito crítico, a capacidade de julgamento e de decisão. A liberdade é um movimento interior, uma conquista continua que dura tanto quanto a existência de cada um. Movimento este denominado de liberação. Um processo intrasubjetivo e transcendente, com raízes na pessoa física e social. Nesse sentido, percebe-se aí a influência sartriana de que a existência precede a essência, já que tanto o ato de refletir como o de questionar, o de sentir e de constituir interiormente livre são um vir-a-ser de cada ser humano.

A educação deve atentar que o homem possui em-si a essência de poder se educar e se cultivar por meio da interiorização de uma tradição, do afrontamento de um desafio de qualquer natureza. Diferente dos demais animais, não suscetíveis de educação, entendida aqui no sentido técnico.

Na pessoa humana se verifica a existência de algo muito superior, evidenciando um princípio de imprevisibilidade, resultante de uma realidade livre, inteligente e responsável. Por isso, a possibilidade de estruturas pedagógicas flexíveis e menos autocráticas.

E quanto à escola? Qual a sua tarefa no projeto personalista? Nessa tarefa, a escola existe para ajudar a pessoa e para servir de ponte e de corpo intermediário entre a pessoa, o Estado e várias comunidades nacionais. Como escreveu Garaudy (1978, p. 58):

A função primordial da educação já não pode ser adaptar a crianças a uma ordem existente, fazendo com que assimile os conhecimentos e o saber destinados a inseri-la em tal ordem, como procederam as gerações anteriores, mas, ao contrário, ajudá-la a viver num mundo que se transforma em ritmo sem precedente histórico, tornando-a capaz de criar o futuro e de inventar possibilidades inéditas.

Segundo *Mounier*, a finalidade principal, da educação não consiste na aquisição de um volume de informação e de habilidades, nem tampouco na preparação profissional ou no desempenho de uma função social, mas no despertar da pessoa. O ser humano merece muito mais em termos de educação. Nesse sentido, o educador deverá ter ciência de que não empenha apenas uma função, mas acima de tudo um testemunho.

*Mounier* expõe claramente que a escola tem como meta o despertar da pessoa, o desabrochar de uma existência verdadeiramente humana, “que é imanência e transcendência, e seu ser não pertence a ninguém, senão a ela mesma” (LORENZO, 1996, p. 61).

[...] a escola, desde o primeiro grau, tem por função ensinar a viver, e não acumular conhecimentos exatos ou processos eficientes. E é próprio de um mundo de pessoas que a vida não se ensine mediante uma instrução impessoal distribuída em verdades codificáveis. (MOUNIER, 1967, p. 135).

O personalismo evidencia o homem como um ser livre que deve ter o direito de afirmação, deve ser autêntico e não aquilo que a sociedade capitalista quer que ele seja. Partindo deste princípio, o personalismo não aceita grande parte dos princípios educacionais que vigoram no mundo capitalista, pois a educação a serviço da lógica da acumulação prepara os alunos para se submeterem as regras de vida ditadas pela categoria dominante, que transforma a educação em instrumento de

domesticação e subordinação do indivíduo, impedindo, assim o livre desenvolvimento da personalidade humana.

No entanto, uma preocupação comum para com a proposta personalista pode ser observada em Garaudy (1978, p. 63) na descrição de que “A escola, sob sua forma atual foi um produto da economia de mercado. Fundamenta-se sobre os princípios de concorrência e de rentabilidade”<sup>25</sup>.

O personalismo afirma que o indivíduo não se realiza necessariamente no grupo, mas troca seu verdadeiro eu pela máscara anônima do grupo. Em vez de encontrar sua plena realização, perde-se realmente a si próprio, enquanto a educação deve encorajar o desenvolvimento de uma personalidade livre e criadora.

Porém, o personalismo não se opõe ao trabalho em grupo, contra o espírito de equipe. Este tipo de trabalho não diminui a liberdade do eu, não inibe a capacidade dos demais para se expressarem livremente. O personalismo não considera o homem como um ser isolado, mas integrado no seu meio social, na vida cotidiana, no universo. E todos esses elementos – homem, vida, meio ambiente, universo – o personalismo os considera integrados.

Reclama o personalismo que o aluno deve ser condicionado pelo professor na aceitação de princípios morais supostamente eternos. O professor deve levar cada aluno a fazer a sua própria escolha, revelando que a liberdade exige a máxima responsabilidade. Cada qual livre, mas responsável pelas conseqüências do que fizer. O professor deve desenvolver nos alunos a coragem de ser ele próprio.

A função do professor deve ser de assistir pessoalmente a cada aluno em sua jornada para a auto-realização, sem exercer influencia temporária sobre o aluno, mas deve inspirar o aluno.

Quanto ao programa de ensino, a orientação é pelo não excesso de conhecimentos, pois a importância da educação não reside no quanto os alunos aprendem, mas na maneira como aprendem. A finalidade do ensino e o método de aprendizagem são muito mais importantes que a quantidade de conhecimentos ensinados.

---

<sup>25</sup> Princípio de rentabilidade: um investimento anual escalonando-se constitui um capital-diploma que devia garantir para o resto da vida um rendimento a tanto por cento.  
Princípio de concorrência: com seleções e concursos visando à promoção individual, é dominada, como o mercado, pelas disputas de selva: a promoção individual de alguns implicando a eliminação dos outros.

O aluno capaz de usar eficientemente o pouco que tiver aprendido vale muito mais do que a capacidade de reproduzir uma porção de informações. O homem liberto precisa saber e para saber é preciso estudar, assim, não há como evitar os rigores dos estudos. O aluno deve disciplinar-se para poder aprender integralmente a realidade em que vive.

Sem dúvida, o personalismo julga a rotina na educação, propondo que a finalidade primeira seja desenvolver o máximo o poder criador de cada aluno, o despertar da pessoa, levando-o a ter idéias próprias, num clima de libertação, mas com máxima responsabilidade.

O personalismo não considera apenas a inteligência, a vida afetiva, ou a vida volitiva do educando, mas a sua existência na totalidade. Ou seja, considera-se não só o educando, mas o homem integral, corpo e alma, matéria e espírito. O homem formado por um todo harmônico. É papel de a educação cuidar do espírito do aluno, além de proporcionar uma formação moral, para o desenvolvimento de cidadãos de bom caráter e boa índole, e não apenas se limitar às disciplinas do programa.

Como já mencionado, o homem nasce imaturo, inacabado, incapaz de sobreviver, se não tiver quem lhe dê tudo, a começar pela alimentação. Em compensação, esse pequeno ser, fraco e imperfeito é suscetível de infinito aperfeiçoamento, em virtude da sua potencialidade. Por ser o aluno dotado de uma enorme potencialidade, da capacidade de se desenvolver, de se aperfeiçoar, a educação nada mais é que a atualização de suas capacidades, do despertar de suas possibilidades. Por isso, a defesa de *Mounier* por uma educação de possibilidades; de desenvolvimento integral da personalidade humana.

Assim, o sistema educativo que se limita a ensinar conteúdos, ocupando-se exclusivamente com o intelecto do aluno e/ou com os conhecimentos adquiridos, é um sistema “anti-pessoa”, pois condena o aluno ao abandono.

Educação com seriedade é integral e sua abrangência é ilimitada. Deve envolver a vida do aluno sob todas as formas, não para diminuí-la, dominá-la, mas para elevá-la e aperfeiçoá-la. Essa educação deve ter por base a reciprocidade e o amor, capacitando alunos e professores para combater o espírito de injustiça, o egoísmo e a tendência de domínio, além de favorecer o desenvolvendo do espírito de autocrítica e o reconhecimento dos erros e das limitações.

“Fazei-vos amar e não temer” (BOSCO, 1995, p. 3).

A preocupação de *Mounier* está em ressaltar que mais do que a austeridade, o educador domina a classe pela amizade, conquistando seus alunos. De outra forma, o educador que não tem autoridade, que não sabe manter a disciplina, não conquista o amor. Igualmente não se faz amar o educador que não sabe lecionar, que não consegue tornar a aula interessante e atraente.

Compreende-se então, que a filosofia personalista de *Mounier* apresenta uma proposta em que todos os homens devam se tornar homens de forma plena e coletiva, sendo o maior desafio, a construção de uma nova realidade. Para isso, torna-se imprescindível avaliar o passado, refletir o presente e ouvir o apelo dos novos desafios para esse novo milênio e combater todas as estruturas que impeçam o homem de se tornar pessoa.

*Mounier* convoca todos para uma nova civilização personalista, em que todas as pessoas tenham condições reais de vida em plenitude. Ter vida, para o personalismo mounieriano, significa direito de ser pessoa, de ter condições de se manifestar e se comprometer com os excluídos, os empobrecidos e os coisificados, no combate a pobreza e em favor da vida e da libertação.

No conjunto de idéias apresentados por *Mounier*, a humanidade é chamada a reviver a confraternização universal com todas as criaturas e povos da terra. Essa é a idéia central do personalismo, que nesse momento são apresentadas e transportadas para o contexto brasileiro, na tentativa de resgatar a pessoa humana. Trata-se de uma tentativa de aproximação do homem com o entendimento de sua existência para desvencilhá-lo das amarras impostas pela sociedade de mercado e pela cultura do ter.

A proposta de *Mounier* radica-se num movimento de pensamento e ação, enraizada no movimento real e não utópico. Acredita-se que não são realizadas abstrações da dimensão do homem. Durante toda a trajetória filosófica percorrida pelo personalismo, observou-se que foram evidenciados todos os momentos históricos vividos pela humanidade e as rupturas realizadas pelo homem no sentido de transcender<sup>26</sup> e superar a ordem instituída ou vigente.

---

<sup>26</sup> Transcendência aqui entendida não apenas por atributo de Deus, mas como dimensão essencial do homem. Chamo de transcendência a superação pela qual o homem, em cada ato criador, vive a experiência de que ele é outra coisa, mais do que o conjunto das condições históricas que o engendraram, que seu futuro não se deduz apenas de sua herança biológica, de condicionamentos sociológicos, de sua cultura, de sua formação. É ruptura em relação ao determinismo e às racionalizações.



*Mounier* não apresenta uma possibilidade de simples negação, mas de um poder de ruptura, de superação com a alienação do homem. A alienação impede de dar o homem por acabado, implicando na compreensão crítica do ser humano como ser incluso, que precisa saber dessa sua dimensão. A consciência da incompletude nos seres humanos leva-os a um envolvimento em um processo permanente de pesquisa, empurrando-os à ação e possibilitando escolhas para tomada de decisões na busca de uma ética verdadeira.

*Mounier* apresenta a superação enquanto abertura ao desfatalizar a história e desfatalizar também com o futuro e partir daí, o homem tornar-se criador de sua própria história e não objeto da história de outro. Assim o homem é orientado a não aceitar a troca de suas possibilidades de criador por um papel de consumidor; de não adaptar-se ao existente, mas de se impor diante da domesticação das consciências; de inventar o futuro.

Ao dar a história um sentido dentro do homem, torna-se possível sua construção, a superação de sua coisificação e de sua condição de objeto, lembrando que o homem é eternamente responsável pela sua história, cuja tarefa está em imaginar, com possibilidades de realizar um futuro propício a criação.

Aos que conquistarem essa emancipação, está reservada a tarefa histórica de encaminhar o processo de mobilização da sociedade. A generosidade e independência interior, constituem grandes aliados para enfrentar a insegurança existente no mundo contemporâneo.

## 5.1 ASPECTOS DA FILOSOFIA PERSONALISTA QUE FUNDAMENTAM UMA EDUCAÇÃO PARA SUPERAÇÃO DA EDUCAÇÃO VOLTADA PARA OS INTERESSES ECONÔMICOS

Diferentemente dos filósofos modernos, *Mounier* não divide o homem em duas substâncias: matéria e espírito. Ao contrário, adota a pessoa enquanto mergulhada na natureza: por meio do seu corpo o homem faz parte da natureza e o seu corpo o segue por toda parte. O homem, integralmente corpo e espírito, rompe assim com o dualismo cartesiano. “O mundo moderno dividiu o homem e cada

fragmento define em isolamento: buscamos de recompor-lo, de reuni-lo em corpo e espírito, o pensamento e a ação” (MOUNIER, 1974, p. 51).

Anterior ao homem, a natureza exterior nada contribuiu para o conhecimento racional do que um feixe infinitamente complicado de determinações e sobre as quais nada se sabe sobre suas possibilidades de reduzi-las ou não a uma unidade lógica. Para *Mounier*, o homem escapa a essas determinações, ao singularizar-se pela dupla capacidade de romper com a natureza, pois somente conhece esse universo que o absorve e pode transformá-lo, possibilitando-o a realizar a sua capacidade de amar.

A permanente tendência para a despersonalização é verificada em todo tipo de vida em que idéias feitas e definidas por sistemas manipulam as pessoas, aniquilando a vida social e do espírito, por meio do afrouxamento do hábito, da rotina e das idéias.

A criatura deixa de ser alguém para ficar reduzida a mais uma na multidão. A preocupação com as massas dominou a humanidade de tal forma que qualquer notícia só impressiona se trata do grande número. O personalismo é desfavorável a essa massificação e a denuncia constantemente. Cada criatura humana tem direito a sua personalidade.

Ao apresentar o movimento de personalização, *Mounier* se apóia no pensamento de *Teilhard de Chardin* ao afirmar que a personalização não parte do homem. Sua preparação se anuncia ao longo de toda história do universo, com a ruptura das fatalidades monótonas da matéria, ao aparecimento da vida e dos dispositivos biológicos ao livre arbítrio do indivíduo. Trata-se da evolução formando centros pessoais, a personalização. Todo este movimento encontra com a pessoa, sem desprezar o jugo do biológico e do econômico.

*Para Mounier*, o corpo não é um objeto entre muitos outros. Dessa forma, a existência encarnada é fator essencial da situação pessoal. Tanto a experiência existência encarnada, quanto a situação pessoal são inseparáveis, pois existe corporalmente e subjetivamente como a única e a mesma experiência.

Conforme afirma o autor francês: “Não posso pensar sem ser, nem ser sem o meu corpo: através dele, exponho-me a mim próprio ao mundo [...]” (MOUNIER, 1964 p. 51).<sup>27</sup>

*Mounier* apresenta diferentes fases da personalização da natureza. Da consciência pessoal, numa primeira fase, afirma-se ao assumir o meio natural, na aceitação do real. Numa aceitação não definitiva, pois dessa forma se entregaria ao peso das coisas. E, na segunda fase, surge a ação do homem transformando a natureza. Transformação sem determinismos, num feixe de reflexos condicionados, mas aberta à condição de liberdade criadora dos homens, conduzindo-os as possibilidades de humanização, na negação da natureza como dada, para afirmá-la como obra pessoal, suporte de toda personalização.

Já a terceira fase ocorre ao dar sentido a essa ação sobre a natureza. As relações entre a pessoa e a natureza não devem ser relações de pura exteriorização, mas dialéticas de permuta e ascensão.<sup>28</sup>

Entretanto, a natureza oferece obstáculos à sua personalização, uma vez que o futuro da obra de personalização não é automático, pois a matéria é rebelde, não passiva, ofensiva, inerte. Diante disso, a personalização é posta em causa a cada instante, devido ao surgimento de novas dificuldades, em face da escolha pessoal de cada um. Invasa pelo universo pessoal, a natureza ameaça investir contra ele.

Assim, pode-se operar a passagem do monopólio da manipulação, da dominação, da opressão a uma educação da autonomia, que a partir dos pressupostos abaixo será a base para iniciativas educativas, que estimulam a libertação, em vez de induzir à acomodação, passividade e alienação.

Esses aspectos mais significativos da filosofia personalista, ou seja, aqueles que fundamentam a educação, num processo dinâmico da pessoa que educa e se educa, para superação da educação voltada aos interesses econômicos, são evidenciados a seguir.

---

<sup>27</sup> Verifica-se a concordância de Mounier com Marx: “um ser que não é objetivo não é um ser”, porém acrescenta que um ser que só fosse objetivo nunca atingiria esse acabamento de ser que é a vida pessoal.

<sup>28</sup> Aqui também se verifica a aproximação do autor francês de Marx, quando este pensa ser a missão do homem elevar a dignidade das coisas humanizando a natureza.

- o Uma educação revolucionária que incita o homem a se comportar perante o mundo, não como diante de um dado exterior e opaco, mas como construtor diante da sua história que ele mesmo constrói. A Educação da Pessoa possibilitando-a ser construtora de uma sociedade mais fraterna;

- o Uma educação que esteja estreitamente ligada à história, não a entendendo como um movimento linear e determinista, mas que os acontecimentos emergem a partir de possibilidades, concebendo o futuro como abertura para vários possíveis, cuja responsabilidade, o homem tem de afastar ou escolher. Ou seja, a educação deve desfatalizar à história;

- o Aproximar a escola e a vida, por modalidades determinadas em cada caso concreto, sem implementação mecânica. Uma vez que a implementação mecânica conduz a uma “deformação”, num desviar a atenção do que ocorre na vida real e seus problemas como forma de dominação;

- o Garantir ao educando mais que conhecimentos livrescos, acrescentando ao saber um fazer, num diálogo crítico;

- o Criação condições para o recuo da alienação do homem;

- o Destruir a construção social do fatalismo, de modo a revelar a ideologia inerente que informa, configura e mantém a dominação.

A dotação de tais pressupostos pode vir a ser uma resposta possível aos problemas educacionais desse tempo. Não se pretende ser a única resposta para sua realização, mas de apresentar reflexões comprometidas com a mudança.

*Mounier* delinea uma orientação que pode conceber variantes sem escapar ao profundo questionamento que implica a educação. A partir destes pressupostos, a educação se volta para possibilitar ao educando, o saber pensar, comunicar, pesquisar, adquirir raciocínio lógico, realizar sínteses e elaborações teóricas, ser independente e autônomo.

E, quanto ao procedimento, uma educação fundamentada nos pressupostos elencados sugere:

- o Relacionar o tema com a experiência do educando e das demais pessoas do contexto social;

- o Desenvolver a pedagogia da pergunta;

- o Propiciar uma relação dialógica com o educando;

- o Envolver o educando num processo que conduza a compromissos com a prática;
- o Propiciar um processo de auto-aprendizagem, de co-responsabilidade no processo de aprendizagem;
- o Favorecer o princípio de construção;
- o Exercitar a cidadania plena;
- o Aprender a usar o poder da visão crítica;
- o Possibilitar o entendimento do contexto desse mundo;
- o Ser ator da própria história;
- o Cultivar o sentimento de solidariedade;
- o Criar condições para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

A educação no pensamento de *Mounier* é necessária à premissa do personalismo e as suas exigências. Deve preparar o terreno e ajudar a sua realização.

A educação deve preparar o terreno: hoje a educação encontra-se reduzida a distribuição superficial do saber de acordo com as divisões sociais e dos valores de um mundo agonizante, e a educação deve romper com esta situação e elaborar uma formação do homem total ofertada igualmente a todos. (MOUNIER, 1964, p. 161).

Assim, *Mounier* apresenta uma denuncia contra o sistema educativo atual, principalmente quanto ao seu aspecto desumanizante e despersonalizante.

A filosofia personalista apresenta um pensamento constituído por um conjunto de princípios básicos à ação educativa, visando à construção de uma civilização personalista e comunitária, de acordo com o apelo ético decorrente de sua antropologia.

Diante do atual momento de crise econômica, social e política, com total exacerbação de soluções de massa, que privilegiam o ter, abandonam o ser e despersonalizam a pessoa, torna-se imperativo revigorar a crença na pessoa e na comunidade e na relação entre elas. Da mesma forma, educandos e educadores devem buscar condições reais para tornarem-se agentes políticos e humanizadores de suas próprias existências como pessoas e como profissionais, o que pode ser encontrada na filosofia personalista.

## REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1992.
- ANDREOLA, Bauduino Antonio. **Emmanuel Mounier et Paulo Freire: une pédagogie de la personne et de la communauté**, Louvain – la neuve. Université catholique de Louvain. Tese (Doutorado em Psychologie). Faculte de Psychologie et dès sciences, de L'Éducation, 1985.
- BOSCO, Dom. **Pedagogia do Amor**. Belo Horizonte: CESAP, 1995.
- BLOOM, Harold. **Presságios do Milênio**. São Paulo: Objetiva, 1996.
- CELAM – Conferência Geral do Episcopal Latino Americano e do Caribe. **CELAM Carrera, 5**, Bogotá, n. 118-31, 2007.
- DANESE, Nome. **Unidade e pluralidade: Mounier e o retorno da pessoa**. Citá Nuova: Roma, 1984.
- DOMENACH, Jean Marie *et al.* **Presença de Mounier**. São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- DUSSEL, Enrique D. **Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000. 671p.
- EISNER, Eliot W. **The Enlightened Eye: Qualitative Inquiry and Enhancement of Educational Practice**. Prentice-Hall, Inc. USA, 1998.
- FERNÁNDEZ, Macedônio. **Cuadernos de todo y nada**. 2. ed. Buenos Aires: Corregidor, 1990.
- FONTOURA, Amaral. **A escola viva**. Rio de Janeiro: Aurora, 1970.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5. ed., São Paulo: Cortez, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Educando o educador**. Petrópolis: Vozes, 1997. 60p.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.
- GARAUDY, Roger. **O projeto esperança**. Rio de Janeiro: Salamanca, 1978.
- GENTILI, Pablo. **Pedagogia da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GUY COQ. **Personalismo**. Disponível em:  
<[http://www.users.rdc.pucRio.br/agape/vida\\_academica/artigos/jb/passagemdiscreta.PDF](http://www.users.rdc.pucRio.br/agape/vida_academica/artigos/jb/passagemdiscreta.PDF)>. Acesso em 12/06/2008.

JOÃO PAULO II. **Centesimus Annus**. Petrópolis: Vozes, 1992. (Col. Documentos Pontifícios, n. 241).

LACROIX, Jean. **O Personalismo como anti ideologia**. Milano: Vita e Pensiero, 1974.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Antropologia filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992.

LORENZO, Alino. **Atualidade do pensamento de Emmanuel Mounier**. Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos, **Filosofia da educação**, São Paulo: Cortez, 2005.

KEIM, Ernesto Jacob. **A universidade como espaço social de pesquisa e desenvolvimento humana**. Blumenau, Mimeo, 2005.

\_\_\_\_\_. A questão ambiental contemporânea numa perspectiva histórica, educacional e filosófica. In: **Revista da UNIFEBE**, Brusque, 2007. (No Prelo)

MARITAIN, Jacques. Cartas sobre o mundo burguês. In: **Esprit**, Paris, n. 6, p. 908, 1933.

MOIX, Candide. **O pensamento de Emmanuel Mounier**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

MORIN, Edgar. **A brecha**. Paris: Centro de Pesquisa e Estudos Sociais, 1968.

MOUNIER, Emmanuel. **Fragmentos da carta publicada em novembro de 1929** In: Aux Davidées, sob o pseudônimo de "Jean Sylvestre". **Esprit**, 174, 1950.

\_\_\_\_\_. **O personalismo**. Lisboa: Moraes, 1960.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao existencialismo**. Lisboa: Moraes, 1963.

\_\_\_\_\_. **O personalismo**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1964.

\_\_\_\_\_. **Manifesto ao serviço do personalismo**. Lisboa: Moraes, 1967.

\_\_\_\_\_. **O personalismo**. 3. ed. Santos: Martins Fontes, 1974.

ORTEGA y GASSET **A rebelião das massas**. 2. ed. Madrid: Madrid, 1950. (Obras completas, 9 vols.).

PIRES, Horácio. **Eu não quero que se dane**: uma reflexão filosófica. São Paulo : Alendarte, 2004.

RIGOBELLO, Armando. **II contributo filosófico de E.Mounier**. Roma; Fratelli Bocca, 1955. 139p.

\_\_\_\_\_. **O Personalismo e Mounier**. Scuola, Brecia, 1978. Vol. 5.

RICOUER, Paul. **Idelologia e Utopia**. Lisboa: Edições 70, 1991.

\_\_\_\_\_. **História e verdade**. Paris: Forense, 1965.

SCHLER, Max. **O formalismo na ética e a ética material dos valores: da reviravolta dos valores**. São Paulo : Vozes, 1994.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Pessoa e existência: iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier**. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1983.

\_\_\_\_\_. **A antropologia personalista de Emmanuel Mounier**. São Paulo: Saraiva 1974.

\_\_\_\_\_. **Trecho da entrevista concedida a Unisinos**. BR/IHU. São Leopoldo, 12/09/2005.

\_\_\_\_\_. **A filosofia na formação do jovem e a resignificação de sua experiência existencial**. Disponível em: <[http://www.nesef.ufpr.br/arquivos\\_site/2008-06-25-12-19-35-Texto-Fil.-Severino.doc](http://www.nesef.ufpr.br/arquivos_site/2008-06-25-12-19-35-Texto-Fil.-Severino.doc)>. Acesso em 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Escola e SA**. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, 1996. (Volume 1).

TRIPICCHIO, Adalberto. **O Personalismo de Emmanuel Mounier diante do Existencialismo**. Disponível em: [www.redepsi.com.br/portal/modules/soapbox/article.php?articleID=369](http://www.redepsi.com.br/portal/modules/soapbox/article.php?articleID=369). Acesso em 03/05/2008.

VIEIRA, Antônio Ruffino. **Ética e libertação**. João Pessoa: João Pessoa: Universitária/UFPB, 1998. 183 p.



## BIBLIOGRAFIA

AA.VV. Logos, **Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia**. Lisboa: São Paulo: Madrid 1992.

ABBAGNAMO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ALVES, Aníbal. A pessoa e o outro no personalismo de Emmanuel Mounier. **Revista Portuguesa de Filosofia**, n. 22, pp.49-78, 1966.

APPLE, Michael W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

\_\_\_\_\_. Políticas de direita e branquidade: a presença ausente da raça nas reformas educacionais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 16, jan/abril. ANPED, 2001.

ASSMANN, Hugo. **História da Filosofia**. Lisboa, Presença, 1970.

\_\_\_\_\_. **Clamor dos pobres e “Racionalidade” econômica**. São Paulo: Paulinas, 1990.

\_\_\_\_\_. **Metáforas novas para re-encantar a educação**. 2. ed. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

ASSOCIAÇÃO AMIS DE EMMANUEL MOUNIER.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CAMPANINI, Giorgio. **Il Pensiero Político di Emmanuel Mounier**, Morcelliana: Brecia, 1983. 304 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1997a.

\_\_\_\_\_; FREIRE, Ana. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2001.

GIROUX, H. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia histórico-crítico social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1986.

MONDIN, Battista. **O homem quem è Ele**. Sao Paulo: Paulinas, 1980.

MONTANI, Mário. **Persona e Societá**: Il Mensaggio di Emmanuel Mounier. Milano: Elle di Editrice, 1977.

MORIN, Edgar. **A religação dos saberes**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez: Brasília, D.F. UNESCO, 2000.

MOUNIER, Emmanuel. **Tratado do caráter**. Lisboa: Moraes, 1955.

\_\_\_\_\_. **Quanto à cristandade morre**, RJ, Paz e Terra, 1972.

PADOVANI, Humberto; CASTANHOLA, Luiz. **História da filosofia**. 5. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1962.

ROJAS, Enrique. **O homem moderno**. São Paulo: Siciliano, 1995.

RUEDELL, Aloísio. **Lições para a América Latina**: um estudo do pensamento Político de Emmanuel Mounier. Canoas: La Sale, 1985.

SANTOS, Boaventura Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1987.

VERGEZ, André; HUISMANN, Denis. **História dos filósofos**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1972.

YUS, Rafael. **Educação integral**: uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZABALLA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

#### **SITES:**

[WWW.esprit.presse.fr](http://WWW.esprit.presse.fr)

[WWW.prospectivapersona.it](http://WWW.prospectivapersona.it)

[WWW.mounier.org](http://WWW.mounier.org)

[WWW.personalismo.org](http://WWW.personalismo.org)

[WWW.imec-archives.com](http://WWW.imec-archives.com)

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)